



UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO

PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS (PROGEPE)

A ESCOLA E A SALA DE LEITURA: (in) visibilidades?

ELIANA DE SOUZA SILVA

SÃO PAULO

2017

UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO
PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS (PROGEPE)

ELIANA DE SOUZA SILVA

A ESCOLA E A SALA DE LEITURA: (in) visibilidades?

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGREPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosiley Aparecida Teixeira

SÃO PAULO

2017

Silva, Eliana de Souza.

A escola e a sala de leitura: (in) visibilidades? / Eliana de Souza Silva.
2017.

125 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE,
São Paulo, 2017.

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Rosiley Aparecida Teixeira.

1. Sala de leitura. 2. Práticas de leitura. 3. Professor orientador na sala
de leitura. 4. Escola.

I. Teixeira, Rosiley Aparecida.

II. Título.

CDU 372

A ESCOLA E A SALA DE LEITURA: (in) visibilidades?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão e Práticas Educacionais (PROGREPE) da Universidade Nove de Julho (UNINOVE) como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação pela Banca Examinadora, composta por:

São Paulo, 27 de março de 2017.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: Prof. Dra. Rosiley Aparecida Teixeira – UNINOVE

Membro: Prof. Dra. Ligia de Carvalho Abões Vercelli – UNINOVE

Membro: Prof. Dra. Nima Imaculada Spigolon - UNICAMP

Suplente: Prof. Dr. Adriano Salmar Nogueira e Taveira - UNINOVE

Suplente: Profa. Dra. Mônica de Ávila Todaro - USP

Dedico esta Dissertação ao meu esposo, minha mãe e meus filhos, que não mediram esforços para me incentivar a realizar meu sonho, participando de cada etapa sempre ao meu lado.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Deus, pelo dom da vida e por me proporcionar realizar mais este sonho. A ele toda a glória.

Agradeço à Uninove e ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais por ter me proporcionado uma bolsa de estudos, possibilitando que eu cursasse o Mestrado dando continuidade aos meus estudos acadêmicos.

Agradeço a minha orientadora, professora Dr^a Rosiley Aparecida Teixeira, por todas as vezes que caminhou de mãos dadas comigo, estimulando-me a continuar, orientando-me com empenho, dedicação, generosidade e paciência. Valeu cada “puxão de orelha”.

A todos os professores do Curso de Mestrado profissional que muito contribuíram para minha formação com aulas motivadoras e prazerosas.

Às professoras, que gentilmente se dispuseram a fazer parte da composição da Banca, Nima Imaculada Spigolon, obrigada por nos contagiar com seu imenso e incomparável amor pela literatura, Ligia de Carvalho Abões Vercelli, por aprimorar o trabalho, possibilitando um caminho para a edificação do mesmo. Agradeço pelas sugestões e comentários tão valiosos feitos no exame de qualificação, que foram primordiais para a conclusão do trabalho.

Ao Wilson, meu esposo, pelo estímulo, ajuda e compreensão da minha ausência durante a execução deste trabalho.

Aos meus filhos Giovanna, Vinicius e Guilherme que me apoiaram nessa etapa compreendendo minha necessidade de crescimento pessoal, mesmo com menos tempo para me dedicar a eles.

A minha mãe Lourdes pelas palavras encorajadoras e orações para que eu não desistisse dessa caminhada. Eu te amo além da vida.

Agradeço as crianças e à professora responsável pela Sala de Leitura da escola na qual foi realizada esta pesquisa, pelas entrevistas concedidas.

Agradeço também à escola pesquisada, por permitir que a realização deste estudo fosse desenvolvida.

Meu muito obrigada.

RESUMO

O objeto da presente pesquisa é a Sala de Leitura. Teve como objetivo geral analisar junto às crianças e professora orientadora da Sala de Leitura o uso que fazem desta sala, como percebem esse espaço para a formação de leitores. Como objetivos específicos elencamos os seguintes: verificar qual o lugar da Sala de Leitura na formação de sujeitos leitores; como a escola conhece e reconhece esse espaço, que uso faz dele e analisar quais as concepções que os crianças e professores fazem dele. Esta pesquisa ocorreu no período de 2015 a 2017 possuindo como universo uma escola pública municipal situada na periferia da zona norte da cidade de São Paulo. Os sujeitos foram 19 crianças pertencentes a uma turma do 5º ano do ensino fundamental e a professora Orientadora da Sala de Leitura (POSL). Trata-se de uma pesquisa que adota a Metodologia Comunicativa Crítica, sendo que os instrumentos/técnicas de coleta de dados foram observação das aulas, relatos comunicativos, grupos de discussão e entrevistas, bem como análise dos documentos oficiais que legalizam a Sala de Leitura. Como referencial teórico recorreremos aos seguintes autores: Lajolo (1993), Freire (1987, 1988, 1989, 1996), Chartier (1999), Lerner (2002), Martins (1994), Silva (1991), Solé (2009), Petit (2009), entre outros. Como resultados podemos afirmar que durante o tempo da pesquisa as práticas observadas não contribuíam para a formação de leitores devido a leitura não ser trabalhada de forma ativa e responsiva nas aulas afastando nas crianças a possibilidade de perceber a leitura como atividade prazerosa e dialógica.

Palavras-chave: Sala de Leitura, Professor Orientador na Sala de Leitura, Práticas de Leitura, Escola.

ABSTRACT

This study aims at the Reading Room. It has as general objective to analyze along with students and Reading Room teacher the use they do from the Reading Room, how they perceive this space to readers' formation. As specific objectives we list the followings: Check which the place of the reading room in the formation of readers subjects; How the school knows and recognizes this space. What use do they do of this space and to analyze what the conceptions students and teacher do of it. This research was carried out from 2015 to 2017 with a municipal public school located on the north zone outskirts in São Paulo city. The subjects were 19 children belonging to a 5th year's elementary school class the Reading Room's guidance teacher (RRGT). It's a research that adopts Critical Communicative Methodology which the data collection instruments/techniques were class observation, communicative narrative, group discussion and interview, as well as the analyzes the official documents that legalize the Reading Room. As theoretical reference we resort the following authors: Lajolo (1993), Freire (1987, 1988, 1989, 1996), Lerner (2002) Martins (1994) Silva (1991), Solé (2009), Petit (2009), among others.

As results we can affirm that during the research's time the observed practices did not contribute to the readers' formation because the reading was not worked in an active and responsive way in the classes, distributing in children the possibility to perceiving reading as a pleasant and dialogical activity.

Keywords: Reading Room, Reading Room Guidance Teacher, Reading Practices, School.

RESUMEN

Objeto de la investigación en la Sala de Lectura. Tuvo como objetivo general, estudiar junto a las niñas y profesores orientadores de la Sala de Lectura en el uso que hacen de la sala, como percibir ese espacio para una formación de los lectores. Como objetivos específicos por menorizamos los siguientes: verificación del lugar de la formación de nuevos lectores; cómo una escuela conocida y reconoce este espacio, que hacen uso de los criterios y conceptos que conceptos que los niños y profesores hacen. Esta búsqueda ocurrió en el período de 2015 a 2017 y se convirtió en una escuela pública municipal en la periferia de la zona norte de la ciudad de São Paulo. Los participantes de dicha em cuesta fueron 19 alumnos pertenecientes a una escuela de 5° año de primaria y profesora de Orientación de la Sala de Lectura (POSL). Trata-se de una investigación que se aplica a la Metodología Comunicativa Crítica, ya que los instrumentos / técnicas de coleta de datos para observación de las aulas, relatos comunicativos, grupos de discusión y entrevistas, así como la evaluación de los documentos que legalizan una Sala de Lectura. El punto de referencia teórico recorreremos a los siguientes autores: Lajolo (1993), Freire (1987, 1988, 1989, 1996), Chartier (1999), Lerner (2002), Martins (1994), Silva (1991), Solé (2009), entre otros.

Como puedo saber que durante el tiempo de la búsqueda como prácticas observadas no contribuyen para una formación de estudiantes debido a una lectura no se ha trabajado de forma activa y responsiva en las aulas afastando a las niñas un punto de percepción de una lectura como la actividad prazerosa y la dialógica.

Palabras clave: Sala de Lectura, Profesor Orientador en Sala de Lectura, Prácticas de Lectura, Escuela.

*“[...] Os livros lidos são moradas
emprestadas onde é possível se sentir
protegido e sonhar com outros
futuros, elaborar uma distância,
mudar de ponto de vista.”*

Michèle Petit

LISTA DE SIGLAS

ABRELIVROS - Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares

ACT- Admitido em Caráter Temporário

APM- Associação de Pais e Mestres

ATE – Auxiliar Técnico de Educação

BDTD- Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BMA- Biblioteca Mário de Andrade

CBL – Câmara Brasileira do Livro

CP- Coordenador Pedagógico

DE- Diretoria de Ensino

DRE- Diretoria Regional de Ensino

ECA- Estatuto da Criança e do Adolescente

EF- Ensino Fundamental

EJA- Educação de Jovens e Adultos

EMEF- Escola Municipal de Ensino Fundamental

EMEI- Escola Municipal de Educação Infantil

ESL- Encarregado de Sala de Leitura

INL- Instituto Nacional do Livro

JEIF – Jornada Especial Integrada de Formação

LDB- Lei de Diretrizes e Bases

LIMAPE- Linha de Pesquisa e de Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino

PEB- Programa Escola Biblioteca

PESL- Professor Encarregado de Sala de Leitura

PMSP- Prefeitura Municipal de São Paulo

POSL- Professor Orientador da Sala de Leitura

P.P.P- Projeto Político Pedagógico

PROGEPE- Programa de Gestão e Práticas Educacionais

PUC- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

RMESP- Rede Municipal de Ensino de São Paulo

SAAI – Sala de Apoio e Acompanhamento a Inclusão

SAEB- Sistema de Avaliação da Educação Básica

SEAD- Secretaria do Estado de Assistência e Desenvolvimento Social

SL- Sala de Leitura

SMC- Secretaria Municipal de Cultura

SME- Secretaria Municipal de Educação

SMEC- Secretaria Municipal de Educação e Cultura

SNEL – Sindicato Nacional dos Editores de Livros

TCA- Trabalho Colaborativo de Autoria

TRE – Tribunal Regional Eleitoral

UNINOVE- Universidade Nove de Julho

LISTA DE QUADROS

QUADRO I - Panorama de levantamento de dados

QUADRO II– Número de pesquisas com refinamento nas buscas

QUADRO III– Produções acadêmicas encontradas no BDTD no período de 2000 a 2015

QUADRO IV – Relação de quantidade das crianças por idade e ano de nascimento

QUADRO V– Quantificação das crianças por gênero

QUADRO VI – Relação de nível de aprendizagem por quantidade de crianças

QUADRO VII – O que tem na Sala de Leitura que as crianças mais gostam

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM I- Entrada e saída dos funcionários e professores

IMAGEM II- Corredor para acesso à Sala de Leitura

IMAGEM III- Corredor e escada para acesso à Sala de Leitura

IMAGEM IV- Porta da Sala de Leitura

IMAGEM V- Disposição das mesas e cadeiras na Sala de Leitura

IMAGEM VI- Aparelho de televisão e DVD na Sala de Leitura

IMAGEM VII- Armário, mesa e computador da POSL

IMAGEM VIII- Livros embolorados

IMAGEM IX- Estante de revistas

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO I - Perfil da amostra: Local de leitura de livro por suporte

GRÁFICO II - Perfil da amostra: Fatores que influenciam na escolha de um livro

GRÁFICO III - Nível de aprendizagem de leitura

GRÁFICO IV - Porque as crianças escolhem estudar no Plínio

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	19
INTRODUÇÃO	23
OS ESTUDOS SOBRE O TEMA	25
CAPÍTULO I- DA HISTORIA ÀS CONCEPÇÕES DE LEITURA E SEUS USOS	
1.1 A história da leitura: breve histórico	34
1.2 A leitura e suas concepções.....	38
1.3 Os Retratos da leitura no Brasil.....	40
CAPÍTULO II- DAS POLÍTICAS DE LEITURA ÀS PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA E NO BRASIL	
2.1 O surgimento da primeira biblioteca infantil no Brasil: contribuições de Cecília Meireles.....	44
2.2 Breve relato da biblioteca Mário de Andrade.....	45
2.3 A sala de Leitura no Município de São Paulo.....	46
2.4 O professor leitor.....	55
CAPÍTULO III- O PERCURSO DA PESQUISA	
3.1 Abordagem metodológica da pesquisa.....	59
3.2 Os sujeitos da pesquisa.....	61
3.3 A escola pesquisada: caracterização.....	64
3.4 O Projeto Político Pedagógico da Escola pesquisada.....	66
3.5 A escola e suas práticas.....	70
3.6 A Sala de Leitura pesquisada.....	70
3.7 Por dentro da Sala de Leitura.....	73
3.8 Descrição dos livros em quantidade existentes na Sala de Leitura.....	79
3.9 Relatos Comunicativos.....	83
3.10 Observação das aulas assistidas na Sala de Leitura.....	85
3.11 Relato Comunicativo com as crianças do 5º ano.....	93
3.12 A professora.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	105
REFERÊNCIAS	108

APÊNDICES	113
Apêndice 1- Roteiro de entrevista com a POSL.....	113
Apêndice 2 - Roteiro de entrevista para as crianças.....	115
Apêndice 3- Planejamento Sala de Leitura da PSOL responsável com a turma analisada.....	116
ANEXOS	119

APRESENTAÇÃO

“A leitura tem sido historicamente um privilégio das classes dominantes; sua apropriação pelas classes populares significa a conquista de um instrumento imprescindível não só à elaboração de sua própria cultura, mas também à transformação de suas condições sociais.” (SOARES, 1995, p.48)

Chegar a um novo universo tão sonhado como o Mestrado é uma caminhada árdua, cheia de obstáculos a superar, porém com muitos sonhos a se concretizar.

Nasci na cidade de São Paulo em uma família humilde, sendo a filha mais nova de três irmãos e ainda criança meu pai saiu de casa e deixando minha mãe com os filhos pequenos, que com muita determinação terminou seus estudos tornando-se professora. Nessa época, mesmo sozinha, continuou lutando para dar estudos aos filhos.

Lembro-me que em alguns momentos acompanhava minha mãe nas escolas públicas por onde ela lecionou. Desde esse período, já sentia um grande prazer em estar na sala de aula e “ajudava” seus crianças nas atividades. Aos cinco anos ingressei na Educação Infantil em uma escola municipal de ensino na região norte de São Paulo. Nessa época minha mãe já me apresentava livros de histórias e fui alfabetizada para o primeiro ano do ensino fundamental.

Fui uma aluna sempre quieta e realizando as atividades propostas. Em casa, realizava as atividades que os professores enviavam, com a supervisão de minha mãe que sempre estava acompanhada de alunos particulares para aumentar a renda familiar. Recordo-me que ao terminar meus deveres, ficava ansiosa para poder ajudar essas crianças que, muitas vezes, estavam na mesma série que a minha e por isso dominava o conteúdo que estava sendo estudado por eles.

Lembro-me que a escola, no tempo em que estudava no ensino fundamental, (meados dos anos 1980), bastava um olhar da professora para a sala inteira ficar em silêncio. Os professores mais “bravos” faziam com que eu tivesse certo medo de expor meus pensamentos e assim acredito que permaneci até o fim da minha formação no Ensino Fundamental II. Em alguns momentos, ainda sinto isso em minha vida escolar, não por parte dos professores, mas por mim mesma. Porém estou sempre em busca de superar esses “traumas” causados em minha infância.

Logo ao terminar a antiga 8ª série, hoje o 9º ano do ensino fundamental II, fui me inscrever no tão sonhado curso do Magistério, extinto atualmente. Iniciei minha trajetória na educação em meados de 1991 quando comecei a estudar no referido curso na Escola Estadual

Professor Augusto Ribeiro de Carvalho na cidade de São Paulo. Na minha infância, uma das brincadeiras preferidas era ser professora. Fazia de minhas bonecas meus alunos, escrevia na lousa e explicava tudo que havia aprendido na escola durante aquele dia. Cursar o magistério era um sonho que estava sendo concretizado. Foram quatro anos de aprendizado e ensinamentos, concluindo meus estudos em 1994.

Nessa época, já ingressei na carreira do magistério. Ao terminar o curso, resolvi me matricular na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), na qual comecei a cursar Ciências Sociais, em 1995, porém com o passar dos meses, percebi que não era o que pretendia seguir como carreira, além do curso ser muito caro. Com meu casamento marcado para dezembro do mesmo ano e a grande correria com os preparativos, tranquei a matrícula da faculdade e continuei a trabalhar lecionando para as séries iniciais.

Os anos se passaram e retornei para a academia somente em 2002, ingressando no curso de Pedagogia com habilitação em Administração Escolar na Faculdade Integrada Teresa Martin. Nessa época, meus filhos estavam com cinco e quatro anos de idade. Foram seis semestres de estudos com formação no final do ano de 2004. Contei com o apoio de minha mãe que ficava com meus filhos para que eu estudasse no período noturno.

Ao terminar a faculdade senti um grande desejo de continuar os estudos e em março de 2005, iniciei uma Pós-Graduação *Lato Sensu* em Psicopedagogia Institucional na Universidade Castelo Branco, em São Paulo, com término em janeiro de 2016.

Por receber ao longo de minha trajetória crianças com necessidades especiais e sempre em busca de mais conhecimento, realizei também uma Extensão Universitária na PUC-SP em Educação Inclusiva: Teoria e Prática. O curso teve duração de 11/03/2008 a 27/05/2008. Nessa época estava esperando meu terceiro filho, que nasceu no final do mesmo ano. Não achei que o referido curso supriu minhas expectativas, porém estava com um filho recém-nascido e pouco tempo para me aprimorar.

Após essas formações, continuei trabalhando na educação, lecionando em escola privada e, apenas em 2013, ingressei no ensino estadual e, em 2014, no ensino municipal. Nesse período, comecei a observar a pouca utilização dos espaços na unidade escolar, sendo que as crianças realizavam quase todas as atividades dentro da sala de aula. Fiquei muito incomodada com o que via diariamente e assim preparava minhas aulas com muito empenho, levava as crianças para realizarem suas atividades na quadra, Sala de Leitura ou modificava a disposição das cadeiras na sala de aula e montava um pequeno espaço de leitura nos cantinhos.

Nesse momento, identifiquei a necessidade de buscar práticas que me ajudassem a despertar o gosto pela leitura nas crianças.

Ao final do ano de 2014, realizei o processo seletivo na Universidade Nove de Julho (Uninove) no Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE), na linha de pesquisa e de Intervenção Metodologia da Aprendizagem e Práticas de Ensino (LIMAPE) e a cada etapa que via meu nome, ficava extremamente orgulhosa e muito feliz, pois sempre que ouvia algumas pessoas falando de estudos em Mestrado, sinceramente não me imaginava em uma sala de aula estudando, achando ser muito difícil e fora das minhas condições financeiras.

Fui aprovada e iniciei o curso em março de 2015. A aprovação foi um grande estímulo para mim e novos horizontes se abriam na minha vida. Teria a oportunidade de investigar novas práticas educativas com o desafio de ultrapassar os muros da escola e as barreiras que impedem a prática da leitura. Iniciei as atividades na Pós-Graduação cursando, no primeiro semestre do ano de 2015, as seguintes disciplinas: Políticas Públicas em Educação, Teorias do Currículo e Seminário de Pesquisa e intervenção ministrado pelos professores da linha.

No segundo semestre cursei as seguintes disciplinas: Metodologia da Aprendizagem, Paulo Freire, Educação e Práxis e também Seminários de Pesquisa.

Entre os dias 10 e 17 de Outubro de 2015, realizei o módulo internacional na cidade de Quilmes, Buenos Aires, na Argentina. Participei do “II Encuentro Argentino – Brasileiro de Educación y Cultura popular” , na Universidad Nacional de Quilmes, no qual apresentei dados parciais desta dissertação. Neste evento, além das atividades e apresentações de trabalho que assisti, participei de oficinas, seminários e conferências. Além disso, fiz uma visita a “Rádio Ahijuna” que possui convênio com a Universidade de Quilmes.

No primeiro semestre de 2016 cursei as disciplinas Metodologia da Pesquisa e da Intervenção e Fundamentos da Gestão Educacional.

Durante todo estudo no Mestrado tive acesso a textos que esclareceram às novas teorias para o sistema atual que estamos inseridos, a nova dinâmica global baseada num tempo “líquido”, como citado por Bauman, um dos autores estudados, e o papel que devo desempenhar para que a aprendizagem se dê de forma mais eficiente e significativa e não como reprodutora de um sistema opressor que impossibilita o desenvolvimento dos educandos de maneira mais aberta e livre. Refleti sobre a importância que há na ação do professor para que este desperte o interesse pelos estudos nos alunos por meio de metodologias que envolvam o educando.

As aulas também contribuíram para aprender como elaborar um projeto de pesquisa e assim pude delinear melhor meu estudo, as metodologias e os instrumentos de coleta de

dados possíveis que foram utilizados para a elaboração final desta dissertação.

A princípio eu pretendia discutir os espaços escolares, como lugar de aprendizagem, ou seja, como potencializar os demais espaços disponíveis na escola (sala de informática, Sala de Leitura, quadras, pátio), de modo que esses fossem utilizados para as diversas aprendizagens das crianças em seus diferentes contextos, porém, ao me deparar com a Sala de Leitura percebi que era subutilizada no ambiente escolar e acabei me interessando em entender melhor aquele lugar.

Após a leitura de textos que discutiam sobre a Sala de Leitura, como Leite (2009), Silva (2009), Mendes (2006), Polido (2012), entre outros, pude perceber o quanto me identificava com esse tema que trazia à tona discussões na qual eu buscava. Deste modo, esta pesquisa nasceu do desejo de investigar práticas educativas na escola, utilizando outro espaço dentro do contexto escolar, a Sala de Leitura.

INTRODUÇÃO

A inquietação para estudar o tema Sala de Leitura, surgiu logo ao ingressar na carreira municipal no estado de São Paulo no início do ano de 2014, quando iniciei como professora de módulo¹ e por esse motivo tinha acesso a todas as séries do ensino fundamental do 1º ao 5º ano.

Acompanhava as crianças em todas as aulas de professores especialistas² e, em alguns desses momentos, tive acesso às aulas ministradas na Sala de Leitura (SL). Notei a pouca utilização desse espaço por ser usada apenas pela professora da SL e crianças em horário previamente estabelecido e que, muitas vezes, se localizava em áreas escondidas dentro do espaço escolar. Nesse espaço a professora Orientadora da Sala de Leitura (POSL) lia histórias para as crianças e, ao final da aula, os mesmos levavam livros para casa sem nenhum critério, entregando-os na aula seguinte sem ao menos discutirem o que foi lido.

Observando essas atividades realizadas dentro da Sala de Leitura, percebi que não havia naquela atividade nenhum planejamento ou objetivo concreto, pois se tratava de uma forma mecânica e rotineira: levar livros e trazê-los no dia seguinte.

Frente a essa prática de leitura, que me parecia sem sentido, nasceu uma inquietação que fortaleceu o desejo de apresentar um projeto pedagógico para escola inicialmente relacionado com a leitura prazerosa dentro ou fora da sala de aula, mas, ao ser aprovada no mestrado, essa inquietação tornou-se objeto de pesquisa.

Diante do exposto, o **objeto** desta pesquisa é a Sala de Leitura. Nossas **questões** são: Qual o lugar da Sala de Leitura na formação de sujeitos leitores? Crianças e professora da Sala de Leitura conhecem e reconhecem esse espaço? Que uso se faz dele? Quais as concepções de leitura construída pelas crianças/crianças e professor por meio da prática de leitura na Sala de Leitura?

Desse modo, considerando a Sala de Leitura um espaço com pouca utilização dentro do contexto escolar, e tendo pouca visibilidade, partimos da problemática que, mesmo diante destas condições, é possível que a prática da leitura dentro desse espaço promova a formação de sujeitos leitores, trazendo sentido e prazer através da leitura.

Assim sendo, esta pesquisa tem como **objetivo geral** analisar qual o lugar da Sala de Leitura na formação de sujeitos leitores; como crianças e professora da Sala de Leitura conhecem e reconhecem esse espaço e que uso fazem dele. Como **objetivo específico** analisar o

¹ Módulo- professor sem regência de classe/aulas na ausência do regente de classes /aula

² Especialista- Professor que leciona as demais matérias do currículo escolar

uso que professora da Sala de Leitura e crianças fazem desse espaço e se as práticas de leitura permitem a formação do leitor.

Esta pesquisa possui como **universo** uma escola pública municipal situada na periferia da zona norte da cidade de São Paulo. Os **sujeitos** foram 19 crianças pertencentes a uma turma do 5º ano do ensino fundamental³ e a professora Orientadora da Sala de Leitura.

A **metodologia** segue uma abordagem qualitativa. Como instrumentos/técnicas de pesquisa este trabalho contou com entrevistas semiestruturadas, observação e relatos comunicativos, cujos detalhes e especificações encontram-se no capítulo III deste relatório.

Além das técnicas acima relacionadas, foram realizadas coletas de dados via revisão bibliográfica de conceitos ligados à Sala de Leitura, fundamentos e concepções de leitura; análise dos documentos institucionais que dispõe sobre a criação e organização e dados da Sala de Leitura pesquisada, bem como a proposta pedagógica da escola. A pesquisa de campo se desenvolve na escola ainda por meio de fotografias e observação das atividades desenvolvidas na Sala de Leitura pela professora e crianças participantes da pesquisa.

Propondo a elucidação dessas questões, este trabalho será organizado em três **capítulos**, seguido pelas considerações finais. No primeiro capítulo intitulado “Da história às concepções de Leitura e seus usos”, apresenta um breve histórico sobre os conceitos e uso da leitura. Esse capítulo traz alguns autores que irão dialogar sobre a história da leitura no mundo ocidental, a importância do ato de ler e recortes sobre retratos de leitura no Brasil.

No segundo capítulo, sob o título “Das políticas de leitura às práticas de leitura na escola”, inclui-se a constituição e criação do espaço Sala de Leitura na rede Municipal de São Paulo, as políticas de leitura nacional que consolidam o espaço Sala de Leitura, seus decretos e leis, para efetivação e inovação no processo pedagógico da escola e o papel do professor leitor.

O capítulo três intitulado “Relatos Comunicativos”, apresenta e conceitua uma descrição do funcionamento da Sala de Leitura no universo desta pesquisa, realizando uma descrição do espaço e condições do mesmo, a avaliação da professora responsável pela Sala de Leitura e dos crianças sobre o uso que fazem e como gostariam que fosse esse espaço. Apresentaremos os resultados da análise da entrevista realizada com a professora orientadora da Sala de Leitura, os relatos comunicativos realizados com as crianças e observação comunicativa.

Na sequência, por fim, são apontadas as **Considerações Finais** da pesquisa.

³Essa turma foi selecionada devido à pesquisadora estar acompanhando tanto nas atividades em sala de aula e na Sala de Leitura

Os estudos sobre o tema

Ao realizar o levantamento bibliográfico (apontado a seguir) para essa dissertação, verificou-se que muitos trabalhos realizados sobre o referido tema se vinculam à Educação Infantil e ao I ciclo do Ensino Fundamental, sendo menos abordada no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio.

De modo geral, as crianças que se encontram nesse primeiro ciclo da Escola Básica⁴ estão por volta dos 10 aos 12 anos, isto é, consideradas crianças. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), trata-se da fase dos “doze anos de idade incompletos” (ECA, art. 2º, p.31). Dessa forma, trataremos os sujeitos dessa pesquisa conforme determinado no ECA, ou seja, crianças.

Para suporte da investigação, realizou-se primeiramente o levantamento de dissertações e teses, pois essas nos permitiriam um conhecimento mais aprofundado sobre o tema Leitura e Sala de Leitura. Foram selecionadas dissertações e teses que tratam sobre a Sala de Leitura, notando-se ser um tema com diversos estudos, mas poucas se centram nas práticas de leitura dentro da Sala de Leitura. Na pesquisa buscou-se por palavras-chave que estivessem relacionadas com os princípios da Sala de Leitura e diferentes práticas desenvolvidas no seu contexto. Primeiramente, foi realizada uma busca sem refinamento nos bancos de teses da CAPES e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

Embora a CAPES ofereça as informações de maneira mais clara e com interessantes opções de refinamento, ela não disponibiliza o trabalho completo, já no IBICT (Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia) há sempre, ou quase sempre, um link que leva diretamente ao trabalho completo.

Além disso, a CAPES, na data desta pesquisa (entre julho e agosto de 2016), só estava disponibilizando trabalhos de 2010 a 2012, já no IBICT encontram-se trabalhos de 1982 até 2015. A maior parte dos trabalhos está disponível nos dois bancos de produções acadêmicas, o que indica, portanto, que a soma das duas pesquisas não corresponde à totalidade de pesquisas produzidas e, também, podem aparecer em mais de uma palavra-chave pesquisada; por isso, no segundo momento da pesquisa para elaboração de planilha com os dados levantados, optou-se por trabalhar com todas as pesquisas disponíveis no IBICT.

⁴Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN, lei nº 9394/96) compreende a Educação Infantil, o Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio.

Apresentamos a seguir as produções acadêmicas que mais se aproximam desta temática realizadas entre julho e agosto de 2016. Para tal, realizou-se um levantamento no banco de teses na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (IBICT), somente na área da educação, no período de 2000 a 2015.

Foram utilizadas as seguintes palavras-chave: Sala de Leitura, Leitura na Sala de Leitura e Práticas de leitura na Sala de Leitura.

Nas buscas sem refinamento no banco utilizado (BDTD), obtiveram-se os seguintes dados:

QUADRO I- Panorama de levantamento de dados

Palavras-chave	BDTD	
	Dissertações	Teses
Leitura na Sala de Leitura	1110	322
Sala de Leitura	1209	339
Práticas de Leitura na Sala de Leitura	658	203

Fonte: BDTD (busca realizada no período de 07 e 08/2016)

A busca sem o refinamento permitiu o contato com trabalhos diversificados e interessantes dentro da área da Educação, sendo que muitos poderão auxiliar na produção da pesquisa sobre a Sala de Leitura, seja por alguma temática apresentada ou pela sua metodologia.

A maior parte dos trabalhos indica que a totalidade de pesquisas produzidas podem aparecer em mais de uma palavra-chave pesquisada, porém, no segundo momento da pesquisa, realizou-se uma busca mais refinada, na qual foi elaborado um quadro com os dados levantados.

Optou-se por trabalhar com todas as pesquisas disponíveis na BDTD/IBICT, que são referentes aos anos de 2000 a 2015, limitando as palavras-chave no título do trabalho relacionadas à área da Educação. Seguem os resultados da pesquisa:

QUADRO II- Número de pesquisas com refinamento nas buscas

Palavras-chave	BDTD	
	Dissertações	Teses

Leitura na Sala de Leitura	20	3
Sala de Leitura	39	11
Práticas de Leitura na Sala de Leitura	10	--

Fonte: BDTD

Quando se faz a busca utilizando o sistema de refinamento, o número de trabalhos cai consideravelmente, como se pode ver no quadro II. A busca sem o refinamento permite o acesso a trabalhos que também podem aportar à pesquisa em questão, porém, após a leitura dos resumos, foi realizado um refinamento para selecionar melhor os textos e auxiliar na seleção dos trabalhos a serem lidos. Efetuada a leitura de alguns resumos, resolvemos utilizar a palavra-chave “Leitura” apenas como um apoio, pois trata-se de um tema muito amplo, mesmo restrito à área da educação, e que acaba sendo retomado nas outras palavras-chave.

Notou-se que essas palavras-chave estão disponíveis em quase todos os trabalhos pesquisados, o que indica, portanto, que a soma das pesquisas no Quadro II não corresponde à totalidade de pesquisas produzidas e que o mesmo trabalho aparece mais de uma vez no banco de teses do IBICT; por isso, em um segundo momento, foi elaborada uma planilha apenas com os trabalhos referentes ao eixo central desta pesquisa. Lendo os resumos, percebemos que a leitura realizada na Sala de Leitura contribui para a formação de leitores a partir da compreensão da leitura como fonte de novos conhecimentos e para o desenvolvimento de cidadãos autônomos. No que se refere a Práticas de Leitura, condiz com a ocorrência de eventos de letramento criado pela professora responsável pela Sala de Leitura.

Após esse refinamento, ficaram para leitura e aprofundamento apenas 11 trabalhos apresentados a seguir com as produções acadêmicas que mais se aproximam desta temática, utilizando as palavras-chave em questão: Sala de Leitura, Leitura na Sala de Leitura e Práticas de Leitura na Sala de Leitura. Com a palavra-chave Leitura na Sala de Leitura foram encontrados dois trabalhos, com a palavra-chave Práticas de Leitura na Sala de Leitura encontramos apenas um trabalho. A palavra-chave Sala de Leitura conta com oito trabalhos. Na busca do banco do IBICT, dos 11 trabalhos encontrados, 8 são dissertações de mestrado e 3 teses de doutorado, apresentadas no quadro a seguir:

Quadro III- Produções acadêmicas encontradas no BDTD no período de 2000 a 2015

AUTOR	TÍTULO DO TRABALHO	MODALIDADE	ANO	UNIVERSIDADE
Mônica Fátima Valenzi Mendes	Sala de leitura nas escolas da rede Municipal de ensino de São Paulo: uma inovação que resiste às descontinuidades políticas	Tese	2006	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Daiane Costa da Silva	A sala de leitura e escrita e as percepções dos professores da segunda série sobre a literatura infantil: uma estratégia de apoio pedagógico.	Dissertação	2008	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Ana Carolina dos Santos Martins Leite	O lugar da sala de leitura na rede municipal de ensino de São Paulo	Dissertação	2009	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Luiz Adão da Silva	Formação de leitores: a leitura na Sala de Leitura das escolas da rede municipal de Goiânia	Dissertação	2009	Universidade Federal de Goiás
Vanessa Cristina Giroto	Leitura Dialógica: primeiras experiências com Tertúlia Literária dialógica com crianças em sala de aula.	Tese	2011	Universidade Federal de São Carlos
Axer Bonnie	Um currículo em movimento: mudanças na configuração das salas de leitura do município do Rio de Janeiro	Dissertação	2012	Universidade Do Estado do Rio de Janeiro

Nágila Euclides da Silva Polido	Salas de Leitura da Rede Municipal de ensino do estado de São Paulo: caminhos possíveis para redimensionar seu funcionamento	Tese	2012	Universidade de São Paulo
Marta Patrícia Peixoto Duarte Deco	A Leitura das salas	Dissertação	2012	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Estevão Marcos Armada Firmino	Sala de leitura na rede municipal de São Paulo: reflexões sobre eventos e práticas de letramento com uma turma de 4º ano	Dissertação	2015	Universidade Federal de São Paulo
Josany Leme da Silva Batista	Organização e funcionamento do Programa sala de leitura nas escolas da diretoria de ensino de Presidente Prudente	Dissertação	2015	Universidade Estadual Paulista
Queila Silva Gimenez	Programa sala de leitura e seus reflexos nas histórias de leitura de crianças e professores de uma escola estadual paulista	Dissertação	2015	Universidade Estadual Paulista

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2017)

Das 11 pesquisas selecionadas, efetuadas no período de 2000 a 2015, notou-se que os trabalhos foram realizados a partir de 2006, sendo que, neste ano, foi encontrada apenas uma pesquisa; nenhuma em 2007; uma pesquisa em 2008; duas Dissertações em 2009, nenhuma

pesquisa em 2010; uma Tese em 2011; três pesquisas em 2012; nenhuma pesquisa nos anos de 2013 e 2014 e três Dissertações em 2015.

Estes dados apontam que a preocupação por parte dos pesquisadores em relação a essa temática Sala de Leitura é recente, porém há um número maior de trabalhos realizados nos anos de 2008 e 2012, apresentando uma queda nos últimos dois anos. O porquê desse fato merece ser pesquisado, mas não é o objetivo do presente estudo no momento.

Destes trabalhos, sete foram realizados somente em instituições públicas somando-se escolas municipais e quatro em escolas públicas estaduais. Referente às regiões e estados em que os estudos foram realizados, observou-se o seguinte: duas pesquisas foram desenvolvidas no estado de São Paulo na Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), uma na Universidade de São Paulo (USP), duas pela UNESP em São Paulo; duas no Rio de Janeiro pela Universidade do Rio de Janeiro, uma pela Universidade Federal de SP (UNIFESP), uma em Goiás pela Universidade Federal de Goiás, uma pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e uma no estado do Rio Grande do Sul, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Com relação ao resumo desses trabalhos, a tese de doutorado intitulada “Leitura Dialógica: primeiras experiências com tertúlia literária dialógica com crianças em sala de aula”, produzida por Vanessa Cristina Giroto em 2011, sob a orientação de Roseli Rodrigues de Mello na Universidade Federal de São Carlos, centrou-se em identificar algumas abordagens de leitura presentes na escola, relacionando-as com os baixos índices de alfabetização e letramento, além de relatar a experiência com as Tertúlias Literárias. Esta pesquisa foi realizada em uma escola participante das Comunidades de Aprendizagem e nela constataram-se avanços na promoção da leitura proporcionada pelas tertúlias literárias dialógicas na escola, percebendo um envolvimento das crianças com a realização dessa prática. Os resultados apontam que a prática da leitura dialógica representou uma maneira positiva para trabalhar a formação de leitores críticos e competentes, porém, a falta de exemplares de literatura na escola investigada é um obstáculo para promoção e incentivo à leitura.

O trabalho “Formação de leitores: a leitura na sala de leitura das escolas da rede municipal de Goiânia”, produzida por Luiz Adão da Silva em 2009, sob a orientação de Agostinho Potenciano de Souza na Universidade Federal de Goiás, teve como objetivo contribuir para a formação de leitores a partir da compreensão da leitura possibilitando vários sentidos sob a perspectiva de cada leitor. A pesquisa mostra como resultado que ações vêm sendo desenvolvidas quanto ao incentivo à leitura, mas que ainda são insignificantes diante do grande público envolvido nas escolas da rede municipal.

A dissertação de Mestrado “O lugar da sala de leitura na rede municipal de ensino de São Paulo”, produzida por Ana Carolina dos Santos Martins Leite, no ano de 2009, teve como objetivo analisar os aspectos físicos e a organização da Sala de Leitura a partir dos conceitos de território, espaço e lugar. A pesquisa de campo ocorreu em duas escolas da rede municipal de São Paulo, nos anos de 2007 e 2008. A questão em que consiste o espaço Sala de Leitura norteou esse trabalho. Os resultados apontam que a SL ainda não é um espaço valorizado e que, muitas vezes, usado como sala de aula, sem ênfase em seu caráter específico: lugar para ler e aprender a gostar de ler.

A tese de doutorado “Sala de leitura nas escolas da rede municipal de ensino de São Paulo: uma inovação que resiste às descontinuidades políticas”, produzida por Mônica Fátima Valenzi Mendes, sob a orientação de Alda Junqueira Marin, apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2006, teve como objetivo analisar a Sala de Leitura como espaço/tempo de inovação. Conclui-se que a SL vem resistindo a descontinuidades políticas na administração de São Paulo pelo qual esse projeto se implanta, se implementa, se institui, compondo a produção de cultura.

Na dissertação de Queila Silva Gimenez (2015) intitulada “Programa sala de leitura e seus reflexos nas histórias de leitura de crianças e professores de uma escola estadual paulista” sob a orientação de Rozana Aparecida Lopes Messias, na Universidade Estadual Paulista, é representada uma investigação entre o programa Sala de Leitura e a formação leitora das professoras responsáveis na condição de mediadoras de leitura e de três crianças frequentadores, procurando compreender seu funcionamento, analisando o perfil da comunidade relacionado à questão da leitura. A prática de leitura das professoras é apontada como a gente dificultador na aproximação das crianças com o acervo disponível na sala, pela falta de sua apropriação.

A dissertação produzida por Josany Leme da Silva Batista, com o tema “Organização e funcionamento do programa sala de leitura nas escolas da diretoria de ensino de Presidente Prudente”, na Universidade Estadual Paulista, no ano de 2015, sob a orientação de Odilon Helou Fleury Curado, visa compreender como o programa Sala de Leitura funciona nas escolas estaduais de Presidente Prudente por meio de pesquisa da legislação desse espaço. Quais fatores são necessários para que esse espaço se fundamente, ou seja, servir como lugar que oportunize o acesso a livros e outros materiais de informação e fruição. Examinar as ações de leitura que ali ocorrem traçando o perfil do profissional que atua nesse ambiente. Foi constatado que o

programa SL busca sistematizar a prática de leitura na escola, porém, o espaço requer um olhar mais atento e um acompanhamento mais minucioso.

A dissertação de Mestrado “Um currículo em movimento: mudanças na configuração das salas de leitura do município do Rio de Janeiro”, produzida por Axer Bonnie, na Universidade Do Estado do Rio de Janeiro, no ano de 2012, sob a orientação de Elizabeth Fernandes de Macedo, investigou o espaço sala de leitura, promovendo a leitura a partir da análise dos currículos que norteiam o funcionamento desse espaço, buscando, através de documentos, investigar quais mudanças já ocorreram e como tais modificações mexeram e mexem nas atuações docentes que modelam este espaço.

A dissertação “Sala de Leitura na rede municipal de São Paulo: reflexões sobre eventos e práticas de letramento com uma turma de 4º ano”, produzida por Estevão Marcos Armada Firmino, sob a orientação de Clecio dos Santos Bunzen Junior, no ano de 2015, na Universidade Federal de São Paulo, foi analisada por meio do Caderno Orientador “Leitura ao pé da Letra”, com fim de entender as escolhas didáticas do professor orientador da sala. Neste estudo, foram analisadas e interpretadas algumas práticas de letramento ocorridas no contexto dessa pesquisa. Foram utilizados diários de pesquisa, fotografias e gravações em áudio dos encontros. Os resultados revelaram a necessidade de uma compreensão ampliada das práticas de leitura voluntárias das crianças e a discussão referente à mistura das práticas escolares com as não escolares na SL.

A dissertação de Mestrado “A Leitura das salas”, produzida por Marta Patrícia Peixoto Duarte de Deco, no ano de 2012, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a orientação de Raquel Goulard Barreto, visou analisar as concepções que têm sustentado a configuração deste espaço e as práticas nela estabelecidas. Foram examinados os dispositivos legais que regem as salas e as condições concretas dessas práticas.

A tese “Salas de Leitura da Rede Municipal de ensino do estado de São Paulo: caminhos possíveis para redimensionar seu funcionamento”, produzida por Nágila Euclides da Silva Polido, no ano de 2012, na Universidade de São Paulo, sob a orientação de Idmea Semeghini Prospero Machado Siqueira, teve como objetivo contribuir para a investigação sobre a organização e funcionamento desse espaço no favorecimento à formação de leitores na escola pública incentivando a leitura. Realizou-se a análise da legislação e documentos pertinentes à organização. Foi concluído que é necessária uma orientação mais direcionada quanto às práticas a serem desenvolvidas no espaço Sala de Leitura. Já, a dissertação “A sala de leitura e escrita e

as percepções dos professores da segunda série sobre a literatura infantil: uma estratégia de apoio pedagógico”, produzida por Daiane Costa da Silva, no ano de 2008, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, sob a orientação de Maria Emilia Amaral Engers, teve como objetivo analisar as percepções dos professores referentes à defasagem na aprendizagem de leitura utilizando a prática da literatura infantil para auxiliar e motivar as crianças. Os resultados obtidos indicam que tanto professores como crianças acreditam que o uso da literatura infantil auxilia e motiva na aprendizagem da leitura e escrita.

Os estudos dos autores citados não só ampliaram o entendimento referente ao trabalho na Sala de leitura, como também contribuíram para a apropriação de uma bibliografia especializada sobre o tema, para a compreensão da estrutura e organização do trabalho acadêmico. O levantamento bibliográfico realizado permitiu a identificação dos principais autores que discutem a Sala de Leitura como, Mendes (2006) e Leite (2009). Essas autoras confirmaram as suspeitas iniciais de que a Sala de Leitura necessita de novas práticas para que esse projeto tenha continuidade permanente e inovador.

CAPÍTULO I- DA HISTÓRIA ÀS CONCEPÇÕES DE LEITURA E SEUS USOS

Este capítulo tem por objetivo apresentar um breve histórico sobre a história da leitura no mundo ocidental, seus conceitos por meio de diversos autores, bem como documentos sobre retratos da leitura no Brasil que indicam como a leitura é vista no âmbito nacional.

1.1. A história da leitura: breve histórico

No início da civilização, os mestres passavam seus conhecimentos oralmente, apropriando-se da fala. Com as revoluções ocorridas no passar dos séculos de leitura, desde o surgimento da escrita alfabética, no século VIII a.C., até nossos dias, destacam-se a invenção da leitura silenciosa na Grécia Antiga, e, hoje, articula-se com as mais variadas formas de leitura na sociedade. Mas estas variáveis que moldam o ato de ler não são fixas no tempo e espaço, elas sofrem o efeito de sua condição histórica, ou seja, não são eternas nem universais. Desta forma, temos a leitura, segundo Cavallo e Chartier (1999) como uma prática social móvel em sua forma e sentido, seja com a tecnologia digital. Diante disto, desde a antiguidade até os dias atuais, a leitura passou por vários caminhos. (CAVALLO; CHARTIER, 1999).

Assim, buscavam substituir a escrita padrão por outra mais apropriada e com isso, no início do século XV, desenharam a escrita canônica em livros e a adotaram em toda a Europa.

Cavallo e Chartier (1999) trazem ainda que os sucessores dos humanistas buscaram substituir essa forma padrão de escrita por outras mais apropriadas, inventando uma elegante letra cursiva, acomodando mais textos em menos espaços, a qual foi adotada por toda Europa, aumentando o prazer pela leitura.

No início do século XV, Coluccio Salutati e Poggio Bracciolini desenharam uma nova minúscula, elegante e arredondada, que consideraram mais clássica que o gótico de seu tempo. Estudiosos e artistas – em especial Alberti e Mantegna – aprenderam com as inscrições romanas a desenhar letras maiúsculas de modo convincentemente simétrico e em estilo grandioso. (p.10).

Assim, com novo formato, o livro tornou-se mais atraente, prático e popular. Nessa época, com a invenção da imprensa (século XV), houve mudança do sistema artesanal pelo sistema industrial (produção em massa) substituindo as técnicas artesanais dos escribas. Houve divergências de alguns contemporâneos referentes essa mudança, porém todos concordaram “[...]”

que a imprensa havia transformado fundamentalmente a leitura”. (CAVALLO; CHARTIER, 1999, p. 16)

A aparência do livro era muito importante para quem iria adquiri-lo “[...] qualquer escritor sabia perfeitamente bem que determinada aparência física de sua obra poderia assegurar um mercado e preparar o leitor para o que havia escrito.” (CAVALLO; CHARTIER, 1999, p. 20). O formato e tipo de livro eram essenciais para chamar a atenção do leitor que, além de ter os livros, queria personalizá-los mandando encaderná-los.

Os grandes colecionadores, de Frederico de Urbino a De Thou, encorajavam o desenvolvimento de novos estilos de ornamentação e de métodos inovadores de estampar os ornatos em couro ou pergaminho. Contratavam artistas famosos para desenhar intrincados ornatos entrelaçados para as capas em couro que protegiam seus livros. (p.20).

Com o aumento da aquisição dos livros, não era fácil para os humanistas manterem todos arrumados para consulta e assim, “[...] ao final do século XVI, diversos aparelhos surgiram para tornar mais fácil esse tipo de trabalho literário” (CAVALLO; CHARTIER, 1999, p. 37), a roda dos livros.

Esse aparelho com engrenagens movia os livros que eram colocados em estantes rotativas e permitia maior flexibilidade para a consulta, uma vez que girava e parava lentamente no livro escolhido.

Com a descoberta de Gutenberg, o surgimento da imprensa, ocorreu uma importante revolução dos meios de comunicação e com isso a Reforma teve uma difusão grande das ideias de Lutero. O autor destaca que outros reformadores elogiaram também essa invenção. (CAVALLO; CHARTIER, 1999, p. 48).

O sucesso da Reforma, segundo os historiadores, devia muito à imprensa. “Não é por demais impróprio observar que essa afirmação tem mais a ver com o lugar-comum do que com a análise erudita.”(CAVALLO; CHARTIER, 1999, p. 47). Os textos começam a ter maior circulação e com isso o custo das cópias diminuiu consideravelmente, multiplicando as oficinas tipográficas em toda Europa.

Essa transformação foi tão revolucionária que, segundo o autor, os historiadores destacaram que a invenção da imprensa causou uma grande transformação na história da revolução industrial devido à fabricação dos livros.

Um sistema artesanal de produção, no qual cada livro é projetado e feito para determinado cliente, é substituído por um sistema industrial. As vendas por atacado suplantam o varejo, a produção em massa uniforme substitui as técnicas artesanais dos escribas. Desse modo, o livro passou a ser a primeira de muitas obras de arte a ser alterada de maneira fundamental pela reprodução mecânica. (p.15).

Com essa reprodução, os livros passam a possuir uma catalogação de dados, das cidades e editores que o imprimiram, o tipo de público que costumava usá-lo, a qualidade do material empregado, entre outros. Esse olhar sobre o universo dos textos resulta da ideia de que “a leitura não é apenas uma operação intelectual abstrata: ela é uso do corpo, inscrição de um espaço, relação consigo mesma ou com os outros”. Os autores completam que a existência de um texto se dá pelo fato de ter sempre um leitor para atribuir significados a leituras de maneiras diferentes, para cada comunidade existem maneiras e interpretações diversas. (CAVALLO; CHARTIER, 1999, p. 8).

Cresce rapidamente o número de oficinas tipográficas,

Da Alemanha, alastram-se inicialmente para a Itália, depois para a França e para o resto da Europa. Por volta de 1520, somente as regiões periféricas como a Inglaterra, os países ibéricos, a Europa central e a Escandinávia ainda não estão bem equipadas. Em compensação, a Alemanha, a Itália, a França e as XVII Províncias dispõem de uma rede de casas impressoras muito densa. (p.48).

No período de 1520 a 1525, inicia-se na Alemanha a guerra dos panfletos “[...] milhares de panfletos, pequenos in-quarto de algumas folhas, às vezes ilustrados, circulam por todo Império”. (CAVALLO; CHARTIER, 1999, p. 49). Textos são reproduzidos de cidade em cidade escritos às pressas, com escrita mal organizada sendo uns dos primeiros relatos da imprensa para alertar a opinião pública. Isso faz com que as ideias de Lutero não somente na Alemanha, mas em toda Europa seja difundida. Os autores complementam que, com isso, Lutero modificou a situação econômica da pequena cidade de Wittenberg na Alemanha, tornando-se em alguns anos um grande centro tipográfico, difundindo de forma discreta a nova concepção religiosa, dispondo a bíblia em diversas línguas. Assim, pessoas com menos posses começam a ter acesso à mensagem evangélica que não era apenas lida em latim.

Os autores salientam que a busca por leitores populares levou à criação de estratégias para reconstruir suas práticas. Surge então a leitura oralizada, feita em voz alta, favorecendo “[...] um vasto público de leitores populares que inclui tanto os mal alfabetizados como os analfabetos” (1999, p.124). Assim, através da mediação da voz leitora, um texto é compartilhado por muitos.

Conforme Barrueco (2012), a leitura em voz alta tem por objetivo a prática de o leitor pronunciar as palavras adequadamente, com clareza, rapidez e fluência, respeitando as normas de pontuação com entonação. Porém, esse processo dificulta ao leitor um contato restrito com o autor devido à prioridade nesse momento de a leitura ser com as palavras do texto, como elas se apresentam.

Essa leitura, segundo Cavallo e Chartier (1999, p.124), “é qualificada como modo corrente, esperado, visado, da apropriação das obras, qualquer que seja seu gênero”, ou seja, oralizar para o público não apenas gêneros poéticos, mas leitura menos formal e assim criar uma familiaridade do público com obras e gêneros da literatura culta que muitos não teriam acesso. Por outro lado, isso acaba impossibilitando o leitor a compreender a descrição do texto, ou seja, o assunto, a finalidade do texto, dentre outros fatores que a leitura silenciosa pode proporcionar.

Durante a década de 1930 até 1970, de acordo com Cavallo e Chartier (1999), estudiosos europeus relatavam que os humanistas haviam mudado a experiência da leitura com intensidade, porém existia “[...] a necessidade de romper a barreira que a antiga ordem havia interposto entre o leitor e o texto”(1999,p.8).

De acordo com os autores que relatam sobre Petrarca, um humanista italiano, era necessário derrubar o muro da leitura errada e assim o leitor poderia ter acesso direto aos antigos autores. A partir daí “[...] construir um sistema moderno de ideias”(p.8). Destacam ainda, que a partir da década de 1960, no início da era moderna na Europa, os estudiosos destinaram grande atenção ao desenvolvimento físico e estético dos livros, em razão de os humanistas se oporem ao conteúdo do livro existente, erudito medieval por causa de sua forma estética, e ao conteúdo devido ao consumo desses livros ser feito por eles.

Portanto, pela primeira vez, o livro e os demais produtos impressos têm diante de si um público real e potencial que se nutre de outras experiências informativas e que passou a contar com outros processos de aculturação, entre os quais estão justamente os meios audiovisuais de comunicação de massa. Trata-se de um público que está acostumado a ler mensagens em movimento; que em muitos casos escreve e lê mensagens produzidas por processos eletrônicos (computador, televídeo, fax); que, além disso, está acostumado aculturar-se através de processos e instrumentos caros, além de altamente sofisticados; e a dominá-los ou a usá-los de maneiras completamente diferentes das que são usadas para gerenciar um processo normal de leitura. (p. 219).

Porém, nos dias atuais, “[...] a leitura não é mais o principal instrumento de acesso à cultura à disposição do homem contemporâneo; ela perdeu seu lugar na cultura de massa para a televisão, cuja difusão foi extremamente rápida e generalizada nos últimos trinta anos” (p.219).

1.2 A leitura e suas concepções

“Livros não mudam o mundo, quem muda o mundo são as pessoas. Os livros mudam as pessoas.” (Mário Quintana)

Ler não é apenas o ato de carregar um livro embaixo do braço ou apenas observar as palavras escritas. O ato de ler é um instrumento essencial em nossa sociedade indo além da decodificação das palavras descritas nos livros. Essa prática se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a compreender o mundo à nossa volta e dependendo do objetivo da leitura, podemos ter diferentes interpretações. Pesquisando no dicionário Aurélio a palavra leitura, temos os seguintes resultados: 1. Ato de ler, ou o resultado deste ato; 2. Aquilo que se lê. (AURÉLIO, 2011, p.548).

Desta forma, um indivíduo passa a ser considerado leitor quando compreende o que leu e não apenas decodificando os sinais existentes na escrita. Mendes (2006) destaca que o ato de ler envolve sempre a compreensão do texto escrito, ou seja, levam-se em conta os conhecimentos prévios do leitor e seus verdadeiros objetivos. Defende ainda que a leitura “[...] é um processo de construção que implica o reconhecimento de que o significado não está no texto, mas é gerado pelo leitor a partir da sua interação com a informação”. (MENDES, 2006, p. 69).

A autora ressalta que a interação do leitor com o texto constrói e reconstrói seu significado. Assim, diferentes leitores possuem entendimento variado de um mesmo texto, não significando que uns entenderam e outros não, apenas cada leitor entendeu de forma diferente o que foi lido.

Para Lajolo (1993), a prática da leitura se dá de forma prazerosa e não apenas como um ato mecânico, mas que seja um processo natural, priorizando a formação e crescimento do leitor em um espaço libertador. Desta forma,

A leitura só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação a cada livro. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária daquelas crianças, ou que se trata de um tema que interessa àquele tipo de criança: a relação entre livros e faixas etárias, entre faixas etárias, interesses e habilidades de leitura é bem mais relativa do que fazem crer pedagogias e *marketing*.

Menos ou mais sofisticados, os exercícios que sob o nome de *interpretação*, *compreensão* ou *entendimento* do texto costumam suceder-se à leitura são, quase sempre, exercícios que sugerem ao aluno que *interpretar*, *compreender* ou *entender* um texto (atividades que podem muito bem definir o ato de leitura)

é repetir o que o texto diz. O que é absolutamente incorreto. (LAJOLO, 1993, p. 108 e 109).

A autora relata que a prática da leitura na escola deve sempre estimular o envolvimento do aluno para que aconteça com liberdade de expressão e não apenas reprodução do que foi lido. O leitor reconstrói o sentido do texto levando em conta sua visão de mundo, valores e crenças. Completa ainda que ler é essencial e fundamental.

Freire (1988) diz em sua obra, que a primeira leitura da criança começa quando ela vai tomando percepção do conhecimento das coisas, percebendo o mundo e interpretando-o, assim, o primeiro ato de ler inicia-se antes da decodificação da palavra escrita. A leitura provoca uma percepção das relações entre o que é lido e a sua interpretação. Em outra obra, Freire (1989) relata que a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra sendo associada à forma de como vemos o mundo.

Já os estudos de Lerner (2002), defendem que ler é “[...] entrar em outros mundos possíveis. É indagar a realidade para compreendê-la melhor, é se distanciar do texto e assumir uma postura crítica frente ao que se diz e ao que se quer dizer”. (LERNER, 2002, p. 73). A autora defende que é um desafio constante formar praticantes da leitura e da escrita e não apenas sujeitos que decifram o sistema de escrita.

Para Martins (1994), as concepções de leitura podem ser resumidas em duas qualificações:

- 1) Como decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir do condicionamento estímulo-resposta (perspectiva behaviorista-skinneriana);
- 2) Como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos (perspectiva cognitivo-sociológico). (MARTINS, 1994, p.31)

A autora define que o ato de ler passa a ter diferentes compreensões de acordo com cada leitor, tornando-se uma experiência individual que depende das vivências de cada indivíduo na sociedade na qual está inserido e com isso a interpretação da leitura é feita de forma distinta.

Para Solé (1998, p. 22), “a leitura é um processo de interação entre o leitor e o texto; e neste processo tenta-se satisfazer [obter uma informação pertinente para] os objetivos que guiam sua leitura”. Complementa ainda que “[...] o leitor utiliza simultaneamente seus conhecimentos do texto para construir uma interpretação sobre aquele” (SOLÉ, 1998, p. 24).

É o leitor

que constrói o significado do texto”, e este sentido irá variar de leitor para leitor, pois o “significado que um escrito tem para um leitor não é a tradução ou réplica do significado que o autor quis lhe dar, mas uma construção que envolve o texto e os conhecimentos prévios do leitor. (SOLÉ, 1998, p. 22).

O leitor atribui sentido ao que o autor escreveu dando significado ao texto e não apenas aceitando o que está escrito, porém discute com o texto sendo um sujeito de valores, ativo e único em suas interpretações.

1.3 Os Retratos da leitura no Brasil

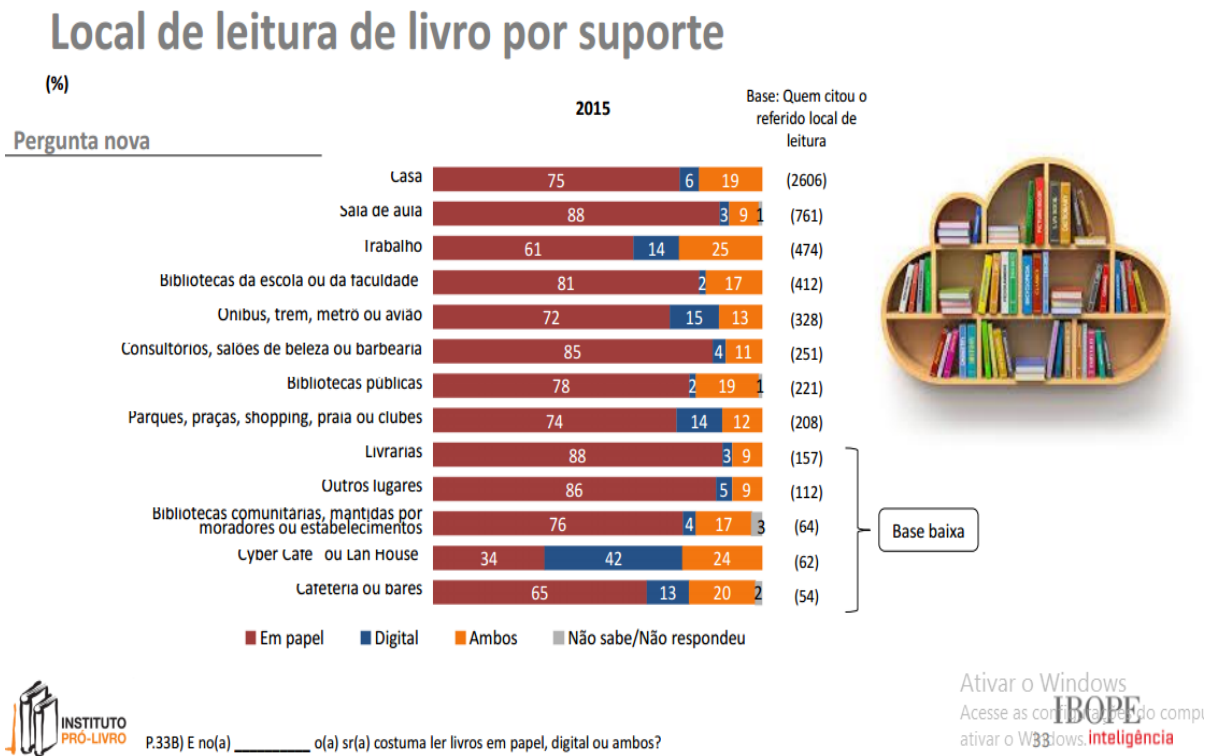
A partir da década de 1930, com a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), ocorreu maior acesso aos livros. A partir daí, o mercado editorial ganha um crescimento com a inserção de novos projetos e programas voltados à leitura e ao livro didático. Foi criada a pesquisa Retratos da leitura no Brasil, promovida pelo Instituto Pró-Livro, para avaliar e orientar políticas públicas do livro e da leitura, tendo por objetivo melhorar os indicadores de leitura, analisar a importância da leitura e promover a reflexão e estudos sobre os hábitos de leitura do brasileiro.

Aplicada pela primeira vez em 2007, seguiu com adaptações à realidade brasileira e hoje é citada em diferentes estudos e projetos, tornando-se referência quando se analisa hábitos e indicadores de leitura da população Brasileira. O Instituto Pró-Livro, criado em 2006, mantém o compromisso de aplicar a cada quatro anos a pesquisa, contando com a participação de entidades como a Associação Brasileira de Editores de Livros Escolares (Abrelivros), a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e o Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL).

Essa pesquisa é realizada em abrangência Nacional, sendo o público alvo a população brasileira residente com cinco anos ou mais, alfabetizada ou não. As entrevistas são realizadas de porta em porta, com utilização de questionário elaborado de acordo com os objetivos da pesquisa. A 4ª edição desta pesquisa ocorreu no período de novembro a dezembro do ano de 2015. Foram realizadas 5012 entrevistas.

Analisando o livro Retratos da Leitura no Brasil, observamos alguns índices de leitura por meio de gráficos apresentados a seguir.

GRÁFICO I – Perfil da amostra: Local de leitura de livro por suporte



FONTE: Retratos da leitura no Brasil - Instituto Pró Livro

Na parte II do livro Retratos da Leitura no Brasil, edição 4, à página 199, lê-se que diante da nova pergunta “Local de leitura de livro por suporte”, foi observado que 75% dos entrevistados responderam que ainda preferem ler em formato de papel e em casa; 88% disseram que a sala de aula e as livrarias são os lugares preferidos; 81%, disseram que a biblioteca da escola/faculdade é o espaço mais apropriado; 61%, no trabalho; 72% no ônibus/trem/metro/avião; 85% consultórios/salão de beleza/barbearia; 78% em bibliotecas públicas; 74% parques/praças/shopping/praias/clube; 76% biblioteca comunitária; 34% Cybercafé/lan house, 65% cafeteria/bares; e 86% em outros lugares.

Como se vê, essas respostas apontam para uma visão positiva sobre a leitura. É notado que na sala de aula e livraria acontecem os maiores índices de leitura (88%) como fonte de vários tipos de conhecimento e como uma atividade interessante e prazerosa.

A leitura pode ocorrer em lugares variados e, especialmente nos dias de hoje, é crescente as pessoas lerem em ônibus, metrô, avião pelo fato de não terem tempo devido à correria do dia a dia. Porém, realizar a leitura na sala de aula ainda é o que mais ocorre, seguido pela leitura realizada em casa.

Ainda na parte II do livro Retratos da Leitura no Brasil 4, à página 195, observa-se a pergunta “Fatores que influenciam na escolha de um livro”, 30% dos entrevistados responderam que escolhem de acordo com o “tema ou assunto”; 11% disseram que aceitam as “dicas de outras pessoas”; 12%, de acordo com o “leitor”; 11%, pela “capa” e “título do livro”; 7%, ouvem as “dicas dos professores”; 5% lendo “críticas e resenhas”; 2% por “publicidade/anúncio/editora e redes sociais”; 1% “outros” e 8% não sabem /não responderam.

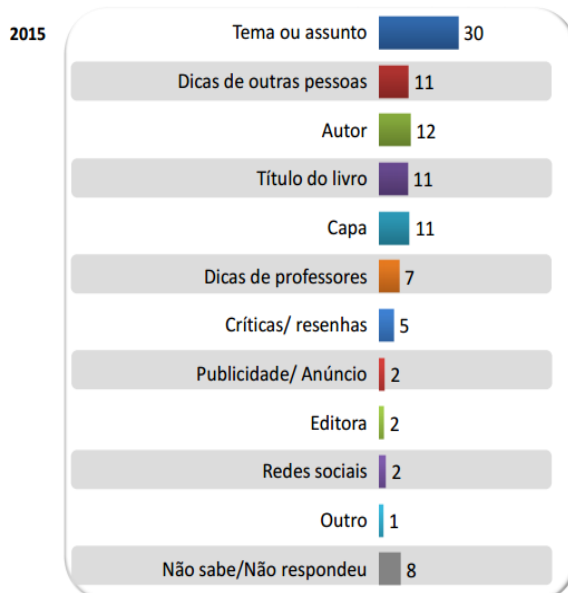
Nota-se que, ao escolher um livro para ler, 30% dos entrevistados olham o tema ou assunto para adquiri-lo, ou seja, o prazer de ler algo que lhe interessa estimula a leitura. O autor vem logo em seguida com 12% na preferência dos entrevistados.

Os dados da pesquisa não apontam, mas ao observar o índice “dicas de professores” (7%), percebemos que muitos brasileiros não tiveram a oportunidade de encontrar alguém na escola, na biblioteca da escola ou na Sala de Leitura que lhe oferecesse um livro; que convidasse para uma roda de leitura; que lesse para ele; que o presenteasse com livros; ou, ainda, que perguntasse o que achou de um livro que indicou para ler.

GRÁFICO II – Perfil da amostra: Fatores que influenciam na escolha de um livro

Fatores que influenciam na escolha de um livro

(%)



O “tema ou assunto” influencia mais a escolha dos adultos e daqueles com escolaridade mais alta, atingindo 45% das menções entre os que têm ensino superior.

Já a “capa” de um livro é o principal motivo de escolha na faixa etária entre 5 a 13 anos.

Nas faixas etárias correspondentes aos ciclos da escolarização básica (Ensino Fundamental e Médio) as “dicas de professores” são mais influentes para aqueles que estão entre 5 a 10 anos de idade.

O item “Blogs”, explorado em 2015, obteve menos de 1% das menções.



P.36) Qual destes fatores mais influencia o(a) sr(a) na hora de escolher um livro ou autor para ler?

Base: Leitores (2798)

Ativar o Windows
Acesse as configurações para ativar o Windows.
inteligência

Em relação à questão “Dificuldades para ler”, livro Retratos da Leitura no Brasil 4, analisando o ano de 2015, (24%) dos brasileiros não têm paciência para ler; (20%) leem muito devagar; (17%) possuem problemas de visão, ou outras limitações físicas; (11%) não têm concentração suficiente; (8%) não compreendem a maior parte do que leem; (10%) não sabem ler. A pesquisa nos revela que (33%) dos entrevistados não têm dificuldade nenhuma para ler. (RETRATOS DA LEITURA NO BRASIL, 2015, p. 231).

CAPÍTULO II - DAS POLÍTICAS DE LEITURA ÀS PRÁTICAS DE LEITURA NA ESCOLA E NO BRASIL

Este capítulo tem por objetivo apresentar brevemente a criação da primeira biblioteca infantil, a fundação da Biblioteca Mário de Andrade, bem como os dados da Constituição da Sala de Leitura no município de São Paulo e as políticas nacionais que consolidam o espaço Sala de Leitura.

2.1 O surgimento da primeira biblioteca infantil no Brasil: contribuição de Cecília Meireles

Ao realizar o exame de Qualificação, foi proposto pela Banca relatar as contribuições de Cecília Benevides de Carvalho Meireles para o campo da educação, mais precisamente na relação estabelecida por ela entre a biblioteca e os livros.

Cecília Meireles possui uma trajetória de atuação social riquíssima, atuando como educadora, escritora, poetisa, jornalista na grande imprensa, engajada nas causas educacionais de sua época, folclorista, crítica literária e tradutora. Nos anos de 1920 e 1930, envolveu-se com o movimento de renovação educacional, sendo signatária no Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932). Nos três primeiros anos da década de 1930, dirigiu a Página de Educação no jornal Diário de Notícias. Expressava e difundia os ideais da Escola Nova para o público em geral.

Esteve à frente de um projeto pioneiro no país: organizar e dirigir a primeira Biblioteca Infantil do Distrito Federal, inaugurada em 14 de agosto de 1934, na cidade de Botafogo. Esta iniciativa fazia parte da política de criação de bibliotecas, implementada na gestão de Anísio Teixeira, no Departamento de Educação do Distrito Federal. (VIEIRA, 2103).

Para Cecília Meireles, a criança era um ser desprovido da razão adulta e marcado pelos atributos da sensibilidade, emoção e imaginação⁵.

⁵CORRÊA, Luciana B. V. “Criança, Ciência e Arte”. In: NEVES, Margarida de Souza & LÔBO, Yolanda Lima & MIGNOT, Ana Chrystina V. (org.). Cecília Meireles: a Poética da Educação. Op. cit. p. 124.

2.2 Breve relato da Biblioteca Mário de Andrade

Em São Paulo, no ano de 1925, foi fundada a Biblioteca Municipal Mário de Andrade (BMA), sendo uma das mais importantes de pesquisa do país. Das bibliotecas públicas, essa é a maior da cidade e a segunda do país, superada apenas pela Biblioteca Nacional. Inaugurada em 1926, na Rua 7 de Abril, seu acervo era formado por obras que se encontravam em poder da Câmara Municipal de São Paulo, em cujo prédio a Biblioteca funcionava. No ano de 1937, incorporou a Biblioteca Pública do Estado e teve seu acervo enriquecido por importantes aquisições de obras, sendo muitas raras e especiais. O crescimento de seu acervo e implantação de outros serviços provocou sua mudança para o atual edifício, localizado na Rua da Consolação. O novo edifício, considerado um marco da arquitetura moderna em São Paulo, foi projetado pelo arquiteto francês Jacques Pilon e inaugurado em 1942, na gestão do Prefeito Prestes Maia, tendo como diretor Rubens Borba de Moraes.

Com a criação dessas bibliotecas, abre-se o caminho para a implantação do projeto Sala de Leitura no município de São Paulo, como veremos a seguir.

O conceito Sala de Leitura, aqui utilizado, não equivale ao conceito de Biblioteca Escolar, lembrando que mesmo compartilhando atribuições e metas cada uma possui suas especificidades. Macedo e Semeghini-Siqueira (2000: XVI) indicam que:

Caracteriza-se a Biblioteca Pública e a Escolar como principais agências locais de informação e centro de aprendizagem para alavancar o nível de literacia do cidadão no que tange à capacidade de utilização da modalidade escrita da língua no processamento da informação, em função das exigências da vida cotidiana, o que pressupõe um domínio das habilidades do ler e escrever. (...) No ambiente da biblioteca, uma das metas da interação entre bibliotecários e usuários é mediar à construção da competência e da autonomia na busca e uso da informação.

Percebe-se aí a diferença entre esses dois espaços, sendo que a biblioteca é aberta ao público, indo do coletivo ao individual, por meio da pesquisa com o uso que se queira fazer.

2.3 A Sala de Leitura no município de São Paulo

Mendes (2006) relata todo processo de criação das SL no município de São Paulo desde o projeto piloto, iniciado em 1972, até a sua institucionalização, em meados de 1990, com o intuito de levar as crianças à leitura e à pesquisa.

A Sala de Leitura ainda não era uma realidade como espaço nas escolas municipais até a realização de uma experiência integrando uma biblioteca pública e uma escola municipal.

De acordo com informações contidas no Caderno Orientador para Ambientes de Leitura⁶, a articulação do projeto se deu entre a Unidade Escolar de Primeiro Grau Profa. Maria Antonieta D'Alkimin Bastos e a Biblioteca Infanto-juvenil Anne Frank.

Nessa época, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura (SMEC) instituiu a Portaria nº 2.032, de 13 de julho de 1972, contida no anexo V deste trabalho, visando à realização de uma Ação Intercomplementar Escola-Biblioteca através de uma experiência piloto.

A escola e a biblioteca municipal selecionadas tinham o intuito de fazer com que as crianças que estudavam no 1º Grau adquirissem e fixassem habilidades de leitura e de compreensão de texto, devido a uma mudança de metodologia de ensino nas escolas, que consistia em substituir os tradicionais cadernos didáticos com “pontos” pelo que chamavam de “pesquisas”. [...] “Os “pontos”, feitos pelo professor, eram criticados por serem limitados e por isso foram cedendo lugar às pesquisas feitas em livros, jornais e revistas pelas próprias crianças” (MENDES, 2006, p. 122).

A autora cita o documento “Projeto para o entrosamento funcional da Biblioteca Infanto-juvenil Anne Frank com a Escola Municipal Professora Maria Antonieta D'Alkimin Bastos”:

O documento aponta como conclusão disso tudo: “o que falta tanto aos professores quanto as crianças é o conhecimento de técnicas de pesquisas”, pois não se consegue fazer uma pesquisa sem roteiro que defina sua extensão e sem o que o estudante tenha o devido treino nas habilidades de leitura dirigida, na leitura acompanhada por anotações, na organização de anotações em resumos, esquemas e sumários. Além disso, assinalava-se que havia um total desconhecimento de procedimentos imprescindíveis à consulta de livros em bibliotecas tais como: uso de catálogos, dos fichários de autores, de assunto,

⁶ A SME, no período de 2010, 2011 e 2012, realizou a formação “Leitura ao Pé da Letra” instrumento para a formação continuada de entre professores orientadores da Sala de Leitura (POSL) e bibliotecários do Centro Educacional Unificado (CEU) da Rede Municipal de Ensino. A principal meta desse projeto foi a de incentivar a criação de Clubes de Leitura que envolvessem toda a equipe escolar, crianças e seus familiares, no sentido de disseminar e potencializar a leitura da literatura.

de títulos e que as unidades escolares (U.E.) da rede municipal, com raras exceções, não dispunham de bibliotecas e, quando tinham, o acervo era insuficiente ou não havia bibliotecário. (MENDES, 2006, p. 123).

MENDES (2006) relata que na avaliação da equipe que concebeu essa experiência piloto (professores e especialistas da escola), foi notada a falta de motivação das crianças em estarem lendo e manuseando os livros demonstrando total desinteresse pela leitura e também existia um baixo rendimento das crianças nas áreas de Comunicação e Expressão. Essas crianças possuíam baixo rendimento nas áreas de comunicação e expressão. “Segundo eles, essas crianças eram alheios aos livros e dificilmente os manuseavam ou os liam” (MENDES, 2006, p. 116).

Tal fato motivou esse grupo de professores e especialistas a trazerem as bibliotecas para dentro da escola com o desafio de expandir e intensificar as atividades de leitura, aprimorando a compreensão leitora por parte das crianças.

Leite (2009, p. 31) esclarece que “esse espaço surgiu inicialmente de uma necessidade pedagógica: incentivar e promover a leitura e de uma conveniência- trazer as bibliotecas infanto-juvenis que eram distantes para dentro das escolas”.

O projeto realizou-se em duas etapas: Questões organizativas da unidade escolar e ação na biblioteca. A primeira etapa consistia na apresentação do projeto aos professores e curso de formação continuada e, posteriormente, apresentação do projeto aos responsáveis das crianças. Nesta etapa discutiam-se questões relacionadas ao meio de transporte das crianças à biblioteca.

A segunda etapa do projeto, no espaço da biblioteca pública, as classes de crianças deveriam comparecer à biblioteca um dia por semana, no período de três horas, para participar das atividades propostas. (FIRMINO, 2015, p. 54).

No interior da biblioteca, a organização dos trabalhos acontecia da seguinte forma:

a classe era dividida em três grupos, sendo que 50% das crianças permaneciam por uma hora e meia na sala de leitura recreativa, e das demais, um grupo com 25% das crianças se dirigia à sala de artes e os outros 25% para a sala de jogos e biblioteca circulante. Após uma hora e meia, os grupos menores formavam um só grupo e o maior se dividia, revezando as atividades. As atividades na sala de leitura compreendiam a leitura silenciosa, por uma hora, de um mesmo livro, selecionado pela equipe coordenadora, sendo essa leitura dirigida por fichas, que também registravam o nível de compreensão do aluno. A meia hora final era destinada à leitura livre, sem indicação de título e sem ficha para preencher. (POLIDO, 2012, p. 98).

No ano de 1973, após um ano do início do projeto, o Decreto nº 10.541 de 29/06/1973, instituiu Programa Escola-Biblioteca (PEB) visando justificar o baixo rendimento das crianças

nas áreas de Comunicação e Expressão, gerando assim, mau desempenho nas demais áreas curriculares. (MENDES, 2006, p. 133).

Mendes (2006) relata que “[...] a realização dessa experiência, motivou transformações que trouxeram tão bons resultados que implicaram a criação e a expansão de um Programa de Leitura”. (MENDES, 2006, p. 116).

Foi estabelecida uma equipe responsável pelo planejamento e execução do PEB, constituída por uma bibliotecária, uma professora e mais 13 membros, sendo que destes últimos, nove eram vinculados à Secretaria de Educação e da Cultura (SMEC). (FIRMINO, 2015, p. 55).

O programa se desenvolveu de maneira sistemática e gradativa, integrando professores de sala de aula e técnicos da escola no treinamento para capacitá-los a utilizar correta e eficientemente as técnicas de leitura previstas. Somente no final do ano de 1975 é que aparece a SL como um espaço da escola onde seriam realizadas atividades para desenvolver o gosto das crianças pela leitura de textos e pela pesquisa bibliográfica e a figura do Professor Encarregado de Sala de Leitura (PESL) ou Encarregado de Sala de Leitura (ESL), profissional responsável pelo planejamento dessas atividades e pela organização e funcionamento desse espaço. (MENDES, 2006, p.116).

Mendes (2006) ressalta que esse programa de leitura (PEB) obteve grande sucesso e, ao final do ano seguinte, 13 escolas já participavam dessa experiência com crescente interesse das crianças em ler. Com isso, fez-se necessária uma biblioteca na escola para atender as crianças interessados na leitura. Somente no final de 1975, a Sala de Leitura surge como um espaço da/na escola para a realização de atividades desenvolvendo no aluno o gosto pela leitura e pela pesquisa. (MENDES, 2006, p. 116).

Em 1975 a Secretaria de Educação e Cultura é desdobrada em Secretária Municipal de Educação (SME) e Secretária Municipal de Cultura (SMC), em decorrência do crescimento da rede municipal de ensino. No processo de readequação, uma série de legislações foi criada com vistas a se adequar o sistema municipal de ensino ao novo cenário que se instaurava. (FIRMINO, 2015, p. 55)

De acordo com Leite (2009), entre as décadas de 1970 e 1980, atendendo à demanda das crianças e dos professores, a Secretaria Municipal de Educação determinou a criação de Salas de Leitura dentro das próprias unidades escolares, designando verba da Prefeitura para a aquisição de mobiliário adequado e de um acervo mínimo de livros, ficando a escola responsável de se encarregar apenas do lugar. Leite (2009, p.38) ressalta que, “[...] a Sala de Leitura, de acordo com os textos oficiais deve ser montada com um acervo mínimo de dois mil títulos”.

Porém, em muitos casos, “[...] a Prefeitura não supria as necessidades crescentes das muitas escolas e as Salas de Leitura foram montadas com acervos e mobiliários doados pela comunidade”. Com isso, as salas eram distintas entre si “[...] resistindo às mudanças políticas e legais e as tentativas de uniformização”.

Polido (2012) ressalta que o acervo inicial era composto por obras de referência e de literatura infanto-juvenil que eram mais apreciadas pelas crianças, possuindo vários exemplares de um mesmo título para atender às necessidades de estudo. Deveriam ser divididos em três seções destinadas a atividades distintas. Na primeira seção, os livros eram lidos dentro da SL, em hora de leitura silenciosa. Na segunda, os livros eram levados para casa por meio de empréstimo, porém eram identificados com uma fita adesiva verde e uma ficha no bolso. Na terceira seção, as obras eram destinadas apenas a consulta na sala como era o caso dos dicionários, enciclopédias.

As APMs das escolas ajudaram na aquisição dos primeiros acervos e receberam auxílio da SME. As demais salas tiveram verba destinada pela SME para aquisição do acervo e plastificação das fichas.

Foi fixado um livro tombo com todas as informações desses exemplares: ano, número, autor, título, se o livro era comprado ou doado, data, etc. Com isso, tinha-se um controle do acervo de cada Sala de Leitura.

A criança que tomava o livro emprestado deveria possuir uma ficha com os seus dados e dados do livro. Quanto às normas de utilização:

deveria ser simples, para que todos os crianças conhecessem a SL, aprendessem a usá-la e realizassem leitura livre e empréstimo. Posteriormente, a ESL deveria organizar um horário dentro da grade da escola, de modo a atender todas as classes de 2^a. a 4^a. séries, que deveriam ir à SL em horário de aula, acompanhados do professor, e as classes de 5^a. a 8^a. séries em outro horário que não o de aula. Recomendava-se, ainda, que o PESL apontasse suas atividades em um diário e documentasse tudo. (POLIDO, 2012, p.104).

A sala de leitura só poderia ser utilizada na presença de um professor responsável. Assim, no ano de 1975, é criada a portaria n° 5697, por meio da qual a escola deveria designar um profissional para ocupar a função denominada Professor Encarregado de Sala de Leitura (PESL) ou Encarregado de Sala de Leitura (ESL), para acompanhar as aulas ministradas semanalmente em cada turma, além de cuidar do tombamento do acervo e a organização do espaço.

Esse profissional deveria ser um professor designado pelo Departamento Municipal de Ensino, aproveitando os professores readaptados com atribuições específicas. Nesse Regimento, apresentava-se uma seção que instituiu a

organização e o funcionamento da SL como local para desenvolvimento do gosto pela leitura e desenvolvimento de pesquisa bibliográfica pelas crianças. Inicialmente os ESL eram professores readaptados, locados nas escolas, entretanto impossibilitados de ministrar aulas. O trabalho docente era realizado com a ajuda de técnicos.
(FIRMINO, 2015, p. 56)

Era necessária a formação desse profissional para atuar na Sala de Leitura. Foi instituído o “Curso de Implantação e Implementação do PEB”, com duração de 60 horas, contendo os seguintes objetivos,

preparar o professor para selecionar o Livro Básico adequado ao nível de compreensão de cada classe; preparar o professor para elaborar planos de Leitura Básica; preparar o professor para aplicar corretamente as fichas de leitura dirigida, conforme orientação do PEB e preparar o professor para formar leitores independentes, desenvolvendo, nos seus crianças, o gosto pela leitura, através da aquisição de habilidades de compreensão do que leem. (MENDES, 2006, p. 165).

Havia também alguns conteúdos:

desenvolvimento da leitura na escola de 1º grau; desenvolvimento das habilidades de compreensão; técnicas para formar habilidades de compreensão; desenvolvimento do vocabulário; o ensino da leitura pelo livro básico; planos de aula de leitura básica; desenvolvimento da leitura oral; leitura dirigida por fichas, em textos de Literatura Infante-Juvenil; avaliação e seleção de livros para aula de leitura básica; análise de livros de leitura dirigida.(MENDES, 2006, p. 165).

Segundo a autora, os professores da 2ª à 8ª série realizavam o treinamento por meio de estudo dirigido com a apresentação de trabalho em grupo, por meio de debates e exposição oral. O trabalho era avaliado continuamente, com entrega de certificados.

Quando esse professor chegava à Sala de Leitura, direcionava as crianças a realizarem a leitura dirigida por meio de fichas que acompanhavam os livros.

A ideia da leitura dirigida por fichas foi apresentada, com mais detalhes, em um outro documento, “Leitura Dirigida por Fichas”, sem data, no qual esclarece-se que o pretendia formar no aluno o hábito de frequentar a biblioteca, tanto para a busca de informações para seu desenvolvimento no estudo, quanto para preencher suas horas de lazer. Além disso, visava a preparar e acelerar o ritmo de trabalho do leitor independente. Essa independência seria adquirida por meio do domínio das habilidades de compreensão e de avaliação; pela aquisição de bons hábitos de leitura silenciosa e de atitudes adequadas ao ambiente da biblioteca (MENDES, 2006, p. 149 - 150).

Para Lajolo (1993, p.71), esse tipo de leitura parece sofrer de uniformização que muitas vezes pode passar despercebida, apenas simulando o envolvimento com o texto, mas na verdade não passa de atividades repetidas que acabam camuflando a leitura.

Mendes (20016) também destaca que o trabalho com essas fichas demonstram um trabalho mecânico, apenas de decodificação da leitura, silenciando a multiplicidade de sentidos.

Porém, em 1982, é publicado outro Regimento Comum por meio da Portaria n° 9.517, estabelecendo a Sala de Leitura como serviço co-curricular com o intuito de formar habilidade e “hábitos de leitura”, pesquisa, estudo e lazer das crianças. (FIRMINO, 2015, p. 56).

Em fevereiro de 1983, por meio do Decreto 18.576 de 03/02/1983, o então Prefeito do Município de São Paulo, Antônio Salin Curiati, decretou a criação de 300 Salas de Leitura, que deveriam funcionar nas escolas municipais de 1º Grau. É nesse momento que a Sala de Leitura se consolida nas escolas municipais, passando a ser “[...] invulnerável e impermeável a possíveis tentativas de seu extermínio. “(MENDES, 2006, p. 211).

Foram designados professores para regência da sala de leitura, sendo que “escolas com até 15 turmas contavam com apenas um PESL; escolas com mais de 15 turmas poderiam ter dois PESL”. (POLIDO, 2012, p.104).

Esses professores, de acordo com a Portaria n° 5.637/2011, realizariam uma série de atividades voltadas ao atendimento das crianças. Era necessário colaborar com a elaboração do Projeto Pedagógico da escola, bem como da elaboração do currículo e de todas as atividades que estavam previstas no Calendário Escolar. Desenvolver atividades com as crianças de roda de leitura de livros de literatura, de textos científicos, roda de jornal, sempre vinculando ao Projeto Pedagógico da Unidade Educacional.

Realizar também a leitura de diversos gêneros, incentivar o empréstimo de livros, orientar a pesquisa para a realização de estudos ou assuntos específicos, criar clube de Leitura e jornal literário, contribuindo para a formação dos Jovens Mediadores de Leitura.

Era necessária a criação de projetos didáticos e sequências de atividades de leitura, construindo instrumentos de registro que possibilitassem diagnóstico, acompanhamento e avaliação dos processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos na Sala de Leitura.

O material informativo deveria ser organizado especialmente em álbuns, jornais, revistas, folhetos, catálogos, murais, vídeos, slides e outros recursos complementares. As atividades que envolvessem festivais de poesia, concursos literários, Semana da Leitura, Feira de Troca de Livros, Saraus, mostras de atividades desenvolvidas na Sala de Leitura, dentre outros, deveriam ser programadas, objetivando socializar as aprendizagens. Cabiam também ao

professor algumas atividades administrativas como:

- I** - Assegurar a infraestrutura necessária ao funcionamento regular da Sala de Leitura, no tocante a:
 - a) organização permanente do acervo, constituído de livros, revistas, jornais e outros;
 - b) tombamento do acervo;
 - c) organização do espaço físico, no sentido de adequá-lo às diferentes atividades de leitura a serem desenvolvidas;
 - d) organização do acervo de sala de aula em articulação com o Professor regente de classe;
 - e) restauração do acervo, bem como descarte documentado de volumes inservíveis;
 - f) proposição anual de ampliação do acervo, mediante indicação de títulos para aquisição pela Unidade;
 - g) elaboração do horário de atendimento, conforme normas legais pertinentes e de acordo com o Projeto Pedagógico.
- II** - Divulgar o acervo da Sala de Leitura a todos os docentes e educandos da Unidade Educacional.
- III** - Organizar outros ambientes de leitura na escola, tais como: quiosques de leitura, porta-livros, carrinhos ambulantes e Jornal Mural Literário.
- IV** - Organizar em parceria com o regente da sala de aula regular, o uso da Sala de Leitura para as diversas pesquisas realizadas em sala de aula, selecionando e disponibilizando o acervo adequado para contribuir na aprendizagem das crianças durante o estudo.
- V** - Orientar as crianças na busca das informações para que, no ato da realização de uma pesquisa bibliográfica, aprendam não só o conteúdo específico de estudo, mas também procedimentos de pesquisa.
- VI** - Preparar acervo circulante, a fim de disponibilizar para o uso na sala de aula. **XIII** - Criar projetos específicos da Sala de Leitura que possibilitem estender o uso desse espaço à comunidade, tais como: Clube de Leitura, Formação dos Jovens Mediadores de Leitura e Jornal Mural Literário.

Polido (2012), na função de professora da sala de leitura utilizava de sua vivência e observava que as atividades do professor da sala de leitura eram variadas e demandavam muita responsabilidade para o cumprimento de suas funções.

A autora relata que a Portaria n° 5.637, publicada em dezembro de 2012, regularizava o funcionamento da SL observando as mudanças na organização das escolas da prefeitura de São Paulo. Tais transformações “decorreram da possibilidade de mudanças na atribuição de aulas aos POSL e na realização de projetos fora do horário regular de aulas”. (POLIDO, 2012).

No ano de 2013, tendo como atual prefeito Fernando Haddad, é sancionada a Portaria 5930/13, que institui o Programa de Reorganização Curricular e Administrativa, Ampliação e Fortalecimento da Rede Municipal de Ensino de São Paulo- “Mais Educação São Paulo”.

O programa é amplamente divulgado, com ênfase em aspectos como estabelecimento de avaliações bimestrais, previsão de lição de casa as crianças,

e possibilidade de retenção no final dos ciclos. No âmbito desse programa que abrange toda a RMESP, alguns aspectos têm destaque como a reorganização curricular, que no ensino fundamental passa a contar com três ciclos de aprendizagem e desenvolvimento. (FIRMINO, 2015, p.69).

Abaixo, descreveremos os três ciclos de aprendizagem segundo Firmino (2015):

1) Ciclo de alfabetização: Do 1º ao 3º ano inicial do ensino fundamental, tendo como finalidade promover o sistema de escrita e de resolução de problemas matemáticos por meio de atividades lúdicas integradas ao trabalho de letramento, assegurando que, ao final do Ciclo, todas as crianças estejam alfabetizadas.

2) Ciclo Interdisciplinar: Do 4º ao 6º ano do Ensino Fundamental, com a finalidade de aproximar os diferentes ciclos por meio da interdisciplinaridade e permitir uma passagem gradativa de uma para outra fase de desenvolvimento, bem como, consolidar o processo de alfabetização/ letramento e de resolução de problemas matemáticos com autonomia para a leitura e a escrita, interagindo com diferentes gêneros textuais e literários e comunicando-se com fluência e com raciocínio lógico.

3) Ciclo Autoral: Do 7º ao 9º ano do Ensino Fundamental, tendo a finalidade de promover a construção de projetos curriculares comprometidos com a intervenção social e concretizado por meio do Trabalho Colaborativo de Autoria – TCA, com ênfase no desenvolvimento da construção do conhecimento, considerando o domínio das diferentes linguagens, a busca da resolução de problemas, a análise crítica e a estimulação dos educandos à autoria.

Dentro desse Programa, a SL está inserida no ciclo de aprendizagem por meio do enriquecimento curricular das crianças nas diferentes áreas do conhecimento. Também deveria integrar as atividades curriculares desenvolvidas no contra turno escolar.

Devido às ações do atual governo, é publicada uma nova Portaria Nº 899, de 24 de janeiro de 2014 substituindo a portaria anterior, de nº 5.637, de 02 de dezembro de 2011, que visa adequá-la às diretrizes da política educacional da gestão vigente.

Segundo Firmino (2015), esse documento possui as seguintes características:

Art. 2º - O trabalho nas Salas de Leitura e nos Espaços de Leitura visa precipuamente à inserção dos educandos na cultura escrita, tendo os seguintes objetivos específicos:

I - oferecer atendimento a todos os educandos [...]

II - despertar o interesse pela leitura, por meio da vivência de diversas situações nas quais seu uso se faça necessário, bem como desenvolver as habilidades de leitura de livros, revistas e outros textos, contribuindo para a formação contínua do comportamento leitor dos educandos e da comunidade educativa;

III - favorecer a aprendizagem dos diferentes procedimentos de leitura por meio de estratégias metodológicas que promovam o contato com gêneros literários, crônicas, lendas, fábulas, contos de assombração, de fadas, de humor, poesia, parlendas e outros que circulam socialmente;

IV - disponibilizar o espaço e o acervo de forma organizada para garantir o desenvolvimento: a) de Projetos de Trabalho integrados com as áreas de conhecimento e letramento no Ciclo de Alfabetização; b) de Projetos Interdisciplinares que auxiliem na consolidação do processo de alfabetização/letramento no Ciclo Interdisciplinar; c) de Projetos comprometidos com a intervenção social no Ciclo Autoral e concretizados por meio do Trabalho Colaborativo de Autoria - TCA; d) de acesso aos títulos disponíveis, por toda a comunidade educativa, nos horários de pesquisa.

V - favorecer os avanços nos níveis de proficiência estabelecidos e nas metas de desenvolvimento da qualidade educacional, indicados nos sistemas de avaliação externa, em especial, no Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB).

Na realidade poucas são as mudanças relacionadas com a antiga portaria. Observamos apenas a garantia do desenvolvimento de projetos contidos nos três ciclos e uma especificação dos gêneros literários.

Leite (2009) cita a Apostila de Capacitação de Orientadores de Sala de Leitura/1993, descrevendo como deve ser à disposição do acervo dentro da Sala de Leitura para que as crianças possam manusear:

É imprescindível que o material da sala esteja organizado de forma tal que crianças e professores possam manuseá-lo de maneira prazerosa...com disposição do mobiliário, dos livros, o tombamento do acervo e o registro dos empréstimos (p.12).

Sendo assim, o projeto Sala de Leitura “[...] constituiu uma inovação, pois proporcionou mudanças na organização da escola, foi detalhadamente planejado e objetivou proporcionar melhoria nas condições de leitura de professores e crianças”. (MENDES, 2006, p. 217).

No decorrer de suas quatro décadas de existência, as Salas de Leitura (Decreto no 49.731, de 30 de agosto de 2008) passaram por diversas mudanças, tanto no que se refere a sua estrutura física quanto à organização de seu trabalho junto à comunidade escolar. Atualmente, as atividades da Sala de Leitura fazem parte da matriz curricular de todos as crianças do Ensino Fundamental, fato que representa uma grande conquista. Cada turma tem, semanalmente, uma aula regular de 45 minutos, com o apoio de um mediador de leitura, o professor orientador da Sala de Leitura (POSL), que tem suas funções fundamentadas pela Portaria no 5.637, de 2 de dezembro de 2011, alterada pela Portaria no 934, de 17 de janeiro de 2012.(CADERNO ORIENTADOR PARA AMBIENTES DE LEITURA, 2012).

Atualmente, a Sala de Leitura é um projeto consolidado dentro do município de São Paulo, presente em quase todas as escolas que agregam o ensino fundamental, com um professor

designado para esse espaço e um professor orientador para sala de leitura (POSL), bem como um espaço específico para a realização das atividades dentro do ambiente escolar.

2.4 O professor leitor

Desde que nasce, a criança percebe-se leitora do mundo que está a sua volta, porém, ao entrar no mundo escolar, tem seu contato com a leitura de forma ampliada, com o objetivo de aprender a ler e decodificar os símbolos que são mostrados, visto que o ensino formalizado da leitura “[...] começa no período de alfabetização, quando a criança passa a compreender o significado potencial de mensagens registradas através da escrita” (SILVA, 2002, p. 31).

Quando entramos na escola, a primeira referência que temos é a figura do professor, que acaba assumindo esse papel influente sobre o ensino da leitura.

“A leitura, para ser praticada pelo sujeito, precisa do ensino formal – é na escola e, dentro da escola, com um professor, que fica a possibilidade maior da inserção permanente do sujeito no mundo na escrita” (SILVA, 2003b, p. 2).

Ao pensar na questão da desigualdade referente à criança que muitas vezes não convive em um ambiente estimulante e propício para o acesso ao mundo da linguagem escrita, o professor torna-se o único meio dessa criança com os livros.

Soares (2005, p. 30), relata que o ato de ler é um “verbo transitivo, é um processo complexo e multifacetado: depende da natureza, do tipo, do gênero daquilo que se lê, e depende do objetivo que se tem ao ler”, ou seja, estabelecer o objetivo a que se destina essa leitura percebendo se há necessidade de complementação. O professor, ao incentivar o gosto por diferentes gêneros e conteúdos nos leitores, implica distintas habilidades e estratégias de leitura a serem desenvolvidas para cada tipo de leitura. Como destaca Solé (1998), chamamos de estratégias de leitura as formas empregadas pelo indivíduo para realizar as tarefas de leitura.

Lajolo (1993), complementa que os profissionais mais diretamente responsáveis pela iniciação na leitura devem ser bons leitores. “Um professor precisa gostar de ler, precisa ler muito, precisa envolver-se com o que lê” (LAJOLO, p. 108).

Para a autora, é preciso que o professor tenha consciência de seu papel como mediador de leitura para que ocorram mudanças nos projetos e práticas de leitura. Os professores correm sério risco de se interporem como mais um elo numa longa cadeia de mediadores entre o leitor e

o significado do texto, afastando da prática docente o artesanato que a leitura exige e que reserva aos professores hoje, é o papel de divulgador de livros, de decifrador de significados, de patrocinador de consumo de textos impressos e, só como por acréscimo, a iniciação de jovens na leitura. (LAJOLO, 1993, p. 105).

Essa colocação da autora ajuda a confrontar uma posição vantajosa às professoras que trabalham na Sala de Leitura, mas também problematizam a questão a respeito de seu papel de influenciadoras e assim, muitas vezes, fazendo vistas grossas a pouca familiaridade do professor com os livros, camuflando sérios riscos de alienação com a leitura. (LAJOLO, 1993, p. 72).

Lajolo conclui a situação da seguinte forma,

(...) atividades sugeridas indiferenciadamente para muitos milhares de crianças, distribuídas em pacotes endereçados a anônimos e despreparados professores, passam a representar a varinha mágica que transformará crianças mal alfabetizadas e sem livros disponíveis em bons leitores. Favorecem ainda a crença de que sua realização operará o milagre de transformar os professores em orientadores de leitura, fazendo vista grossa à sua pouca familiaridade com livros [...]. Na rotina de tais atividades camuflam-se riscos sérios de alienação da leitura. [...] a instauração de uma política de leitura escorada na difusão apressada e superficial [...] tira da responsabilidade do professor, em diálogo com as crianças e com suas leituras, o planejamento das atividades de leitura em que vai engajar-se com sua classe. (LAJOLO, 1993, p. 72 e 73).

Aqui percebemos a responsabilidade desse professor-leitor e o processo de sua formação, que muitas vezes também sofreu com essa escolarização imposta e que acaba colaborando mesmo sem perceber (por ser algo que já faz parte de sua vida) desse processo de restringir suas crianças a ter uma experiência de leitura prazerosa e essencial para sua vida.

O professor, enquanto um mediador do ato de ler, pode conceder às crianças a oportunidade de optar por textos que lhes digam algo e estejam de acordo com o seu prazer pessoal e sua necessidade de leitura no momento de escolha, ou seja, os textos estarão “[...] vinculados ao repertório de interesses, aspirações e necessidades da classe” (SILVA, 2003a, p. 25), porque o professor, enquanto mediador, é aquele que analisa e traça o perfil leitor dos seus crianças.

Conforme salienta Solé (1998, p. 18), “a aprendizagem da leitura [...] requer uma intervenção explicitamente dirigida a essa aquisição. O aprendiz leitor [...] precisa da informação, do apoio, do incentivo e dos desafios proporcionados pelo professor ou pelo especialista na matéria em questão”; e é função do professor, enquanto mediador de leitura, auxiliar, sobretudo o leitor principiante nesse processo.

Segundo Lerner (2002), o professor atuará como mediador quando se colocar em duas

posições distintas, sendo a primeira a de leitor. O professor assume a posição de leitor quando lê para suas crianças. Ao terminar a leitura, é interessante fazer comentários, provocando uma conversa sobre o significado que se pode inferir, ao invés de apenas perguntar o que acharam do texto.

Ainda de acordo com a autora, somente a posição de leitor tomada pelo professor não será suficiente para completar o processo de aprendizagem de leitura pelas crianças. A leitura deverá ser compartilhada com todos para que o aluno desenvolva habilidades de leitura e suas próprias estratégias.

A leitura não é um ato isolado do indivíduo. Para que ocorra o desenvolvimento do pensamento da criança, ela precisa da interação com o outro, resultando na aquisição da língua escrita e falada.

O processo de formação leitora desenvolvido no âmbito escolar deve propiciar o desenvolvimento de uma leitura crítica que, de acordo com Silva (2002, p. 79-80), “[...] é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas”, ou seja, formar leitores competentes, que possam ter acesso aos diferentes tipos de livros e, assim, às diferentes literaturas, desenvolvendo a compreensão, tornando-se instrumento útil para a aprendizagem significativa do aluno:

Aprender algo equivale a formar uma representação, um modelo próprio, daquilo que se apresenta como objeto de aprendizagem; também implica poder atribuir significado ao conteúdo em questão, em um processo que leva a uma construção pessoal de algo que existe objetivamente. (SOLÉ, 1998, p. 44-45).

Essas são, segundo a autora, as estratégias de leitura, as formas utilizadas pelo leitor para atingir com sucesso seus objetivos, ao ler um documento, um livro, uma revista.

Algumas vezes, nos deparamos com o professor autoritário, exercendo papel rude nas relações escolares. Por um lado, estamos de acordo que o professor deva ter autoridade para manter a disciplina e não prejudicar o funcionamento das atividades naquele contexto pedagógico, por outro, elencamos o desafio apresentado aqui e já anteriormente colocado por Freire (1987) de como trabalhar no sentido de “fazer possível que a necessidade do limite seja assumida eticamente pela liberdade. Quanto mais criticamente a liberdade assuma o limite necessário tanto mais autoridade tem ela, eticamente falando, para continuar lutando em seu nome. (p.105)”.

Sabemos que uma das funções da pessoa adulta é ajudar as crianças a constituírem a sua autonomia e assumir eticamente suas atitudes e é fundamental o entendimento de que este é um processo que não acontece do dia para a noite. O autor nos ensina que devemos tentar estabelecer e assegurar o respeito entre a relação entre autoridade e liberdade sendo que, muitas vezes, este processo é tenso, contraditório, e não mecânico.

O papel do professor muitas vezes se resume a seguir programas prontos de ensino, onde são tratados como executores de projetos de outras pessoas e sua função se resume a replicar aulas prontas, o que pode gerar a perda de autonomia e de autoridade do educador em relação ao processo de ensino e aprendizagem da leitura, no interior escolar.

CAPÍTULO III – O PERCURSO DA PESQUISA

Neste capítulo, apresenta-se e conceitua-se a metodologia utilizada e a escola, universo desta pesquisa, em seguida serão apresentados os resultados das análises empreendidas bem como os resultados dos grupos de discussão.

3.1 Abordagem metodológica da pesquisa

A abordagem metodológica usada nessa pesquisa é de cunho qualitativo que “[...] envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectiva dos participantes” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 13). Segundo Bogdan e Biklen (1994), uma pesquisa qualitativa possui algumas características tais como: o ambiente como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento, as observações do pesquisador deverão ser descritas: pessoas, situações, acontecimentos; portanto, é comum encontrar citações, fotografias, desenhos, entre outros, já que todos os dados da realidade são tidos como importantes, o interesse do pesquisador está em observar como o problema se desenvolve no ambiente em que está sendo analisado, busca-se compreender a ótica dos participantes do estudo e ouvi-los e no desenrolar do estudo, consegue focar em que ponto há necessidade de um estudo mais aprofundado para a compreensão de um dado problema.

Para que essa pesquisa pudesse atingir seus objetivos foram usadas algumas técnicas de coleta de dados encontradas na Metodologia Comunicativa Crítica⁷: *os relatos comunicativos, observações comunicativas, grupos de discussão e entrevista*.

Os relatos comunicativos caracterizam-se como um diálogo entre a investigadora e a pessoa investigada com a pretensão de refletir e interpretar os aspectos do cotidiano relativo à determinada atividade. Serve para destacar aspectos do presente, do passado e também as expectativas de futuro, ou seja, o que estamos realizando, como e o que pretendemos. (GÓMEZ ET. AL., 2006). As *observações comunicativas* consistem em uma estratégia de coleta de dados

⁷A Metodologia Comunicativa Crítica foi elaborada pelo Centro Especial de Investigação em Teorias e Práticas Superadoras de Desigualdades (CREA) da Universidade de Barcelona/Espanha, com a justificativa de que esse é um dos modos de se investigar a realidade, baseado no diálogo e na transformação social. Essa metodologia possibilita a sustentação tanto do trabalho teórico quanto do trabalho de campo. Foi elaborada a partir das contribuições de inúmeros autores, especialmente da teoria da ação comunicativa de Habermas (2012) na área da filosofia e sociologia, e de Freire (1987, 1989, 1995, 1996) na área da educação.

que permite ao investigador/a presenciar o fenômeno de estudo diretamente, podendo, assim, levar em consideração a sua. A entrevista com a PSOL se fez de modo que essa pudesse nos contar um pouco sobre sua relação com a leitura e como compreendia a Sala de leitura e o uso que fazia deste espaço para a formação de sujeitos leitores. Para tanto se elaborou um roteiro semiestruturado.

Antes dos *relatos comunicativos* as crianças tiveram a explicação de que se tratava de uma pesquisa de mestrado. Por serem menores de idade, levaram para casa um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo encontra-se no Anexo I deste estudo para a aquisição de fotos e filmagem das atividades consideradas relevantes para o trabalho em questão. O uso de filmagem nas situações na SL e a sua transcrição ajudaram a constituir os elos discursivos no momento da análise. Entendemos que,

[...] todo o trabalho investigativo é uma construção com implicação do investigador. Não se trata de uma transposição imediata e linear da realidade: sobre esta foram feitos cortes, seleções, nela há pontos de luz particularmente pregnantes para a atenção do investigador e há também pontos de cegueira. A reflexividade metodológica é então esse momento em que se interroga o sentido do que se vê e por que se vê e se acrescenta o escopo do campo de visão a um olhar- outro, coexistente no investigador (SARMENTO, 2003, p. 151, grifo do autor).

Os responsáveis assinaram e devolveram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, para arquivo da pesquisadora. Foi deixado claro que suas identidades seriam preservadas e utilizaríamos apenas os sobrenomes das crianças.

Dentre as atividades de pesquisa realizou-se *revisão bibliográfica* e análise documental. Com a revisão bibliográfica buscou-se os conceitos relacionados à Sala de Leitura, fundamentos e concepções de leitura, enquanto que na análise dos documentos se verificou aqueles que dispunham informações sobre a criação e organização das Salas de Leitura em especial da Sala de Leitura pesquisada, bem como a Proposta Pedagógica da escola. Nos encontros foram utilizadas gravações das entrevistas, devido permitir registrar todas as expressões orais, deixando o entrevistador livre para prestar toda a sua atenção ao entrevistado.

O *relato comunicativo* com as crianças do 5º ano foi realizado no dia 18 de março de 2016, em uma sexta-feira, no período da manhã, na Sala de Leitura gentilmente cedida pela Professora Orientadora da Sala de Leitura, pois era o mesmo horário da aula da turma. Teve duração de uma hora e meia, das 10h20 às 11h50. A entrevista com a POSL aconteceu no dia 26

de maio de 2016, na quinta-feira, às 9h00, horário disponível da POSL (nesse horário a professora possui janela⁸ de uma aula para outra) e foram realizadas na Sala de Leitura da escola.

3.2 Os sujeitos da pesquisa

Como já mencionado, foram entrevistados as crianças que cursam o quinto ano do Ensino Fundamental I do período matutino do ano letivo de 2016 e, inicialmente, a sala possuía um total de 23 crianças matriculados sendo 12 meninos e 11 meninas, com idade entre dez a doze anos, porém, quatro dessas crianças foram transferidos para outra escola, ficando o total de dezenove crianças frequentadoras. Sua composição condiz com os indicadores do Projeto Político Pedagógico (PPP), pois a turma apresenta grande heterogeneidade de crianças em termos econômicos, étnicos raciais e socioculturais.

No início do ano a turma vivenciou uma rotatividade de professoras na escola devido a professora titular da sala, sair de licença. Dessa forma, as crianças tiveram de passar por um constante processo de adaptação em relação ao trabalho executado pelas professoras.

As crianças da sala formavam um grupo bem heterogêneo em relação à idade e ao nível de aprendizagem. No quadro a seguir, representamos o ano de nascimento, quantidade de crianças da sala e idade dos mesmos:

QUADRO IV: Relação de quantidade das crianças por idade e ano de nascimento

Ano Nascimento	Quantidade de Crianças	Idade
2004	01	12
2005	12	11
2006	06	10
Total:	19	-

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2017)

Observando o quadro IV, podemos constatar que 6 crianças têm a idade de 10 anos, porém estão prestes a completar 11 anos no ano que foi realizado o trabalho, uma criança era repetente com idade de 12 anos, enquanto os outros 12 estavam em idades pertinentes a sua série.

⁸Aula vaga existente no horário do professor entre duas outras aulas ministradas no mesmo turno

Quanto à questão de identidade de gênero das crianças, apresentamos no quadro a seguir os resultados:

QUADRO V: Quantificação das crianças por gênero.

Sexo	Quantidade de Crianças
Feminino	07
Masculino	12
Total:	19

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2017)

Como pode ser constatado, no quadro acima, a classe contém um maior número de meninos, porém esse fator observado pela pesquisadora, não alterou a boa convivência do grupo que manteve uma relação harmoniosa uns com os outros. Já em relação ao nível de ensino e aprendizagem das crianças, não havia diferenças relativas, sendo que todas já eram alfabetizadas e apenas duas apresentavam leitura pausada, porém conseguiam acompanhar o grupo. No que tange à leitura, a sala apresentava a seguinte situação:

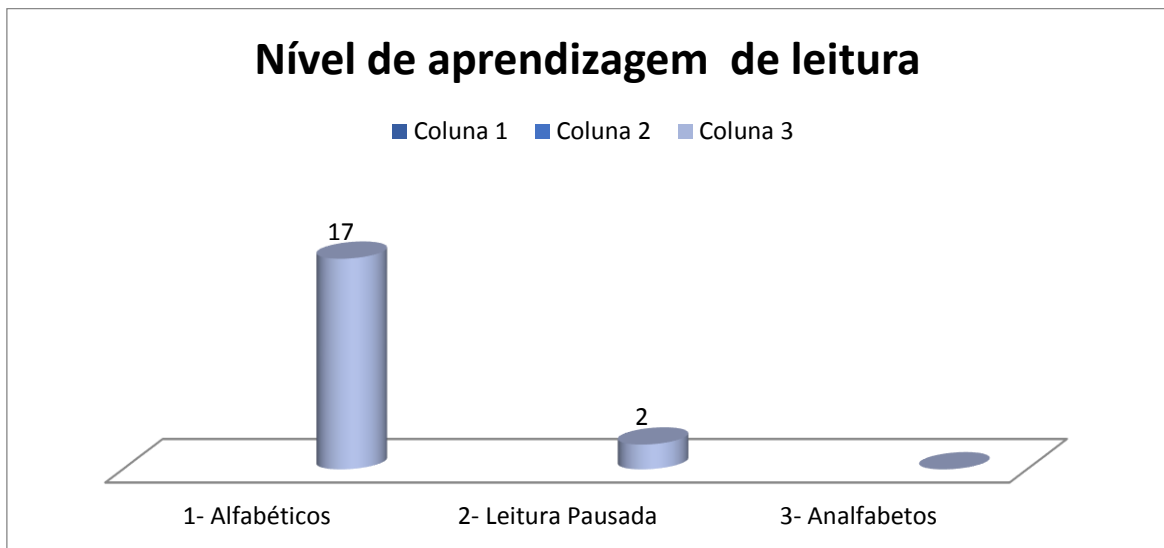
QUADRO VI: Relação de nível de aprendizagem por quantidade de crianças

Nível de Aprendizagem no processo de leitura	Quantidade de Crianças
Analfabetos	0
Leitura Pausada	2
Alfabéticos	17
Total:	19

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2017)

A seguir, podemos verificar o gráfico com as informações descritas.

GRÁFICO III – Nível de Aprendizagem de Leitura



Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2017)

Como podemos observar a sala já está alfabetizada e acompanhou as atividades de forma prazerosa e com bastante interesse.

A motivação inicial de escolha da turma deu-se por conveniência, uma vez que a pesquisadora leciona nesta unidade de ensino e, portanto, tem livre acesso as crianças.

Na proposta curricular das crianças do 5º ano, existem as aulas dos professores especialistas, que dizem respeito aos componentes curriculares: de Educação Física, Artes, Inglês, Informática Educativa e Leitura (realizado na Sala de Leitura). A maioria das crianças do 5º ano está na unidade desde o início dos anos iniciais do ensino fundamental, e frequentam a SL, desde o 1º ano do Ensino Fundamental.

Na realização dos encontros, para não expor os sujeitos da investigação, escolhemos utilizar os sobrenomes dos participantes da pesquisa para identificá-los.

Para obter informações sobre a Sala de Leitura, foi realizada uma entrevista com a POSL *Lucinda*⁹ e para a aquisição das respostas houve um pouco de dificuldade, pois não se tem um documento escrito referente à existência da SL na escola, apenas o relato descritivo dos profissionais que trabalham na escola. As entrevistas foram realizadas no dia 09 de março de 2016 na sala de Leitura da escola. A entrevista consta no apêndice deste trabalho.

⁹Usaremos esse pseudônimo ao referir-se a Professora Orientadora da Sala de Leitura (POSL). A escolha desse nome se deu pelo fato da professora gostar de uma escritora que possui esse nome.

3.3 A escola pesquisada: caracterização

A pesquisa foi realizada em uma escola municipal do estado de São Paulo. A instituição escolhida fica na zona norte do município de São Paulo, na Freguesia do Ó. O bairro em que se localiza a escola surgiu nos anos de 1796, devido um decreto da rainha de Portugal Dona Maria. Conforme dados do Seade¹⁰ de 2015 a região da Freguesia do Ó possui uma população de 141.255, conforme dados.

A região passou por várias transformações e, atualmente, encontra-se em fase de transição imobiliária, com a construção de vários imóveis e também com a inserção da linha laranja do transporte metropolitano de São Paulo que se encontra em fase de implantação.

Mesmo diante desses avanços, o bairro conta com poucos lugares para lazer de seus moradores, percebendo, assim, um descaso quanto a infraestrutura, sendo necessário se locomover para outros bairros.

A escola municipal foi fundada em 10 de fevereiro de 1961 e teve duas denominações anteriores sendo Escolas Isoladas e Escolas Agrupadas, até chegar a categoria de Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF).

O prédio abriga turmas do Ensino Fundamental (EF) e de Educação de Jovens e Adultos (EJA) que atende classes dos cinco primeiros anos do EF de nove anos no 1º turno (7h às 11h50), classes do 6º ao 9º anos do EF de nove anos no 2º turno (13h30 às 18h20) e atende classes da Etapa Complementar e Final da EJA no 3º turno (19 às 23h).

A escola é constituída por dezessete salas de aula ocupadas no turno matutino, dezesseis salas no turno vespertino, e três salas de aula no período noturno. As salas são grandes, arejadas e conservadas. O prédio também possui laboratório de informática bastante amplo, sala de artes, Sala de Apoio e Acompanhamento a Inclusão (SAAI), duas quadras (uma coberta e outra sem cobertura), uma cozinha, um refeitório, duas salas que atendem a direção e vice-direção, uma sala para coordenação, uma sala dos professores, uma sala para a secretaria, uma sala para Auxiliar Técnico de Educação (ATE), cozinha, doze banheiros para uso das crianças, sendo seis femininos e seis masculinos, e dois banheiros para uso dos professores e demais funcionários, sendo um feminino e um masculino, uma sala de depósito, uma área verde onde se localiza o parque, sala de vídeo e uma Sala de Leitura.

¹⁰Seade (Secretaria do Estado de Assistência e Desenvolvimento Social)

Em relação aos equipamentos, possui televisão, DVD, copiadora, retroprojektor, impressora, aparelho de som, projetor multimídia do tipo Data Show, fax e câmera fotográfica/filmadora.

O quadro de técnico-administrativo era constituído por 15 agentes de organização escolar que se dividem nas tarefas de inspeção das crianças e secretaria, duas merendeiras e oito auxiliares de limpeza (terceirizadas), dois vigias (sendo um terceirizado e um da prefeitura), dois coordenadores pedagógicos, a vice-diretora e o diretor. São, no total, 65 professores nos três períodos, entre professores regentes e especialistas das seguintes disciplinas: Português, Matemática, Artes, Educação Física, Física, Química, História, Geografia, Biologia e Inglês.

Tem, aproximadamente, 28 crianças por sala no período matutino e vespertino e no noturno, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, tem aproximadamente 37 crianças por turma subdivididos em três salas.

Além disso, existem também murais com informações variadas para as crianças, trabalhos expostos nos corredores e murais do pátio interno da escola. Não possui rampas que dão condições de acessibilidade aos ambientes da escola. Podemos observar, nas fotos distribuídas ao longo desta pesquisa, o quanto o espaço da escola pesquisada está organizado e cuidado.

O cotidiano da escola está marcado por rotinas que se repetem diariamente. As crianças entram nas dependências da escola pelo portão dos fundos (rua secundária), pois a entrada principal é restrita e não comporta o número de crianças. O sinal de entrada para sala de aula tocava a primeira vez pontualmente às 7h. Primeiramente, as crianças encaminhavam-se para o pátio, tomavam a primeira refeição e após, se colocavam no espaço determinado para cada turma (já demarcado por placas com o nome de cada série).

Não há construção de projetos conjuntos pelos profissionais, apenas enchem as crianças de conteúdos, com total ausência do trabalho coletivo tão essencial para o alcance dos objetivos da escola e atendimento das necessidades dessas crianças.

IMAGEM I – Entrada e Saída dos funcionários e professores



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

Na entrada da escola tem um espaço livre, que dá acesso a secretaria localizada ao lado direito na qual atende os pais e responsáveis das crianças para tratar de assuntos referentes à vida escolar. Os professores e demais funcionários da escola entram para trabalhar pelo portão central. (ver Imagem I).

Seguindo o corredor nos deparamos com dois banheiros para os professores (um masculino e um feminino), a sala do Diretor, dos coordenadores que são responsáveis pelo setor de atendimento às famílias. Em seguida uma Sala de Apoio e Acompanhamento a Inclusão (SAAI), espaço que funciona no período da tarde para as crianças que estudam durante a manhã e necessitam de um acompanhamento especializado. A seguir a sala dos professores onde acontecem as reuniões pedagógicas e os mesmos descansam nos horário de intervalos das turmas.

3.4 O Projeto Político Pedagógico da Escola pesquisada

A escola possui seu Projeto Político Pedagógico (PPP), que deveria ser elaborado pelos gestores da escola, professores e comunidade, porém não é seguido de forma concreta. Ao ter acesso a esse documento, percebi que nos últimos três anos não houve nenhuma mudança em sua

forma. A data ainda está com o ano de 2012. A Constituição Federal de 1988, artigo 206, inciso VI, estabelece a gestão democrática no ensino público (BRASIL, 2009) e na Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), artigo 14, traz a questão da participação de todos os profissionais da educação envolvidos no ensino público como princípio para ensino.

Os sistemas de ensino definirão as normas da gestão democrática do ensino público na educação básica, de acordo com as suas peculiaridades e conforme os seguintes princípios:

I - participação dos profissionais da educação na elaboração do projeto pedagógico da escola;

II - participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes (BRASIL, 1996).

Os sujeitos da comunidade escolar não ajudam na elaboração da proposta pedagógica, envolvendo-se com todo processo de participação na gestão escolar. Porém, ao participar de uma reunião pedagógica percebi que os professores falam muito de disciplina, já os gestores falam sobre regras e funcionamento da escola, ou seja, pouco se viu o envolvimento de todos no que diz respeito ao PPP.

Ao irem para sala, os professores exercem sua função de forma isolada com conteúdos preestabelecidos e perpetuem o ensino de conhecimentos fragmentados. O tempo reservado no calendário letivo para encontros coletivos de cunho pedagógico é, muitas vezes, prejudicado pela ausência de alguns ou outros professores devido a desencontro e excessiva carga horária que assumem, dificilmente na mesma escola, a fim de garantirem um salário mensal digno. Para DAY (2001, p.23)

As salas de aula tendem a isolar os professores. Isto não acontece por acaso. Como sublinharam os historiadores da educação, o “sistema de produção em série” do século XIX, em que docentes isolados ensinavam programas iguais a grupos de crianças segregadas por idades, foi concebido como uma forma de disciplinar e controlar as massas. Infelizmente, esta tradição antiquada do isolamento acabou por ser considerada como a forma “normal” e ser ensinar em muitas escolas. O hábito é difícil de quebrar.

Essa sobrecarga dos professores prejudica seu acompanhamento coletivo nas discussões sobre os acontecimentos e casos da sala de aula nos encontros pedagógicos.

Como já mencionando, no Projeto Político Pedagógico (PPP), a proposta pedagógica deve ser elaborada coletivamente, porém não é isso que percebemos, muitas vezes é “reelaborado” pela equipe gestora e encaminhado para o protocolo e logo após para

homologação na Diretoria de Ensino (DE). Fica difícil falar em qualidade de ensino se os professores e comunidade não participam da elaboração do PPP. Essa falta de oportunidade e muitas vezes de tempo também constitui problemas para os pais das crianças da escola.

Com lamentável frequência, a vida na instituição escolar está presidida pela uniformidade, pelo predomínio da disciplina formal, pela autoridade arbitrária, pela imposição de uma homogênea, eurocêntrica e abstrata, pela proliferação de rituais carentes de sentido, pelo fortalecimento da aprendizagem acadêmica e disciplinar de conhecimentos fragmentados, inclusive memorialístico e sem sentido, distanciados dos problemas reais que logicamente provocam aborrecimento, desídia e até fobia pela escola e pela aprendizagem. (GÓMEZ 2001, p.133)

Conclui-se que na escola pesquisada esse item não é concretizado. Os professores não participam efetivamente da elaboração do PPP, sendo apenas reutilizado de ano em ano. Podemos caracterizar o Projeto Político Pedagógico como “um movimento de luta pela democratização da escola, que para isso, necessita enfrentar o desafio da educação emancipatória tanto nas formas de organizar o processo de trabalho pedagógico, como repensar as estruturas de poder” Veiga (2003a, p.276-277). Esse processo de pensar no coletivo na elaboração do PPP é uma forma da participação escolar é um instrumento de reflexão e ação. Mas neste sentido não é aplicado na prática sendo uma reprodução do documento e não construção coletiva e participativa.

A escola possui uma cultura que está enraizada pela tradição, sendo envolvidos no decorrer dos séculos. Segundo Gómez (2001) com o entendimento da escola como uma construção da Modernidade, que impõem um único modelo da Cultura, privilegiando uma forma particular de civilização, com um indivíduo emancipado, porém conformado com as imposições do Estado. Percebemos que as instituições educativas realizam um trabalho o qual visa o controle, tornar dócil a consciência, isto é, almejam um indivíduo normalizado.

A escola está reforçando de maneira persistente a tendência etnocêntrica dos processos de socialização, tanto na delimitação dos conteúdos e valores do currículo que refletem a história da ciência e da cultura da própria comunidade como na maneira de interpretá-los como resultados acabados, assim como na forma unilateral e teórica de transmiti-los e no modo repetitivo e mecânico de exigir aprendizagem. (GÓMEZ, 2001, p. 35)

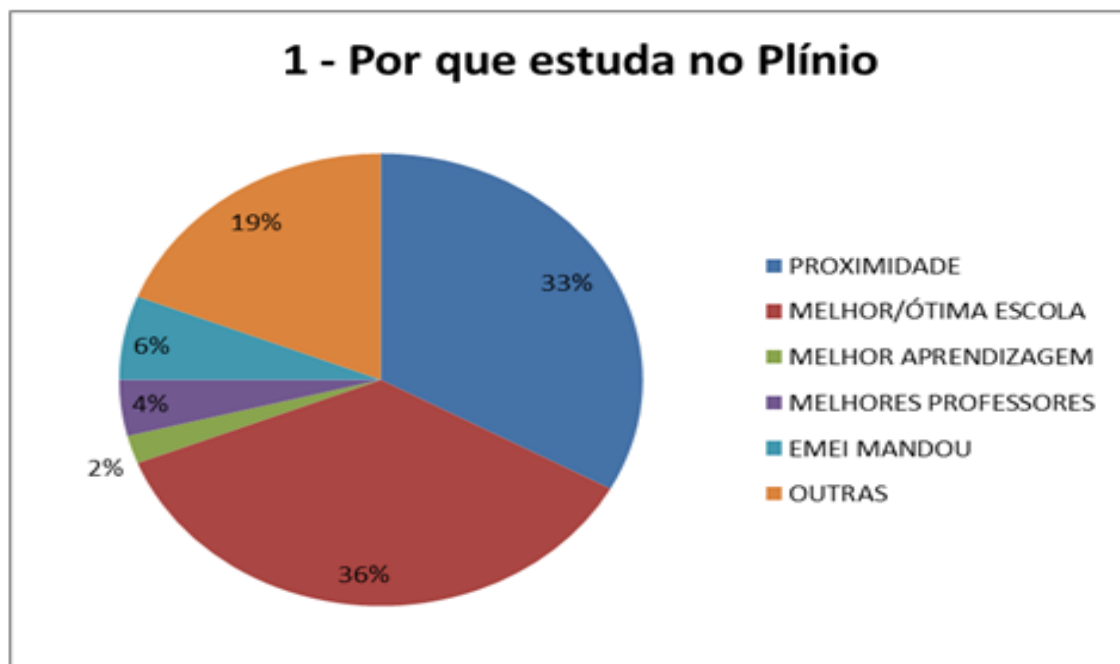
Parte das crianças que sai da escola todo ano não conseguem estabelecer uma relação entre o que viveu e aprendeu na escola, com a realidade fora dela. De acordo com Libâneo (2012), a organização da escola traz uma cultura, um conjunto de que constitui um contexto que

forma o modo de pensar de agir na subjetividade do sujeito em formação. Assim o autor afirma. “As práticas culturais em que estamos inseridos manifestam – se em nossos comportamentos, no significado que damos as coisas, em nosso modo de agir, em nossos valores”. (Libâneo, 2012, p. 439-440). O autor traz que a cultura escolar é a cultura de todos, do aluno, professor, da comunidade escolar. Segundo francês Forquin In Libâneo (1993, p.167):

A escola é, também, um mundo social, que tem suas características de vidas próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos.

Segue gráfico retirado do PPP da escola pesquisada contendo informações que dizem respeito sobre porque estudar na referida escola:

GRÁFICO IV- Porque as crianças escolhem estudar no Plínio



Fonte: PPP DA ESCOLA

A escola é um espaço de diferentes culturas que influenciam as gerações, nesse contexto educacional. Analisando o Projeto Político Pedagógico, percebemos que as crianças estudam nesta escola por vários motivos, mas está em destaque que 36% consideram uma ótima escola,

33% estão próximos da residência, 6% das crianças foram mandadas pela Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI).

3.5 A Escola e suas práticas

Foi verificado durante a pesquisa que, apesar das crianças terem aulas das mais variadas disciplinas como Informática, Artes, Inglês, Educação Física, o que se observa é o predomínio das aulas sob a regência de um professor individualmente.

Freire (1987) nos relata sobre a educação denominada bancária,

Sugere uma dicotomia inexistente homens-mundo. Homens simplesmente mundo e não com o mundo e com os outros. Homens espectadores e não recriadores do mundo. Concebe a sua consciência como algo especializado neles e não aos homens como “corpos conscientes”. A consciência como se fosse alguma seção “dentro” dos homens, mecanicistamente compartimentada, passivamente aberta ao mundo que a irá “enchendo” de realidade. (FREIRE, 1987, p. 36).

O processo educativo será construído pela participação coletiva e não apenas centralizada na direção ou em atividades individuais. Buscar melhorias na qualidade de ensino, romper com a dominação das decisões sobre o direcionamento dos objetivos apenas da escola. Essa mudança se dá pelo diálogo e na construção entre os sujeitos envolvidos, em busca de um mundo comum. Um mundo comum com a visão de todos, o sujeito com a capacidade de ação e reflexão sobre sua realidade, para conquistar a libertação. (FREIRE, 1987).

3.6 A Sala de Leitura pesquisada

Ao chegar à escola, pouco se nota a Sala de Leitura. É necessário caminhar um longo corredor (ver Imagem II) e ao final desse corredor descer as escadas (ver Imagem III). A sala fica localizada no andar inferior da escola isolada das outras salas de aulas.

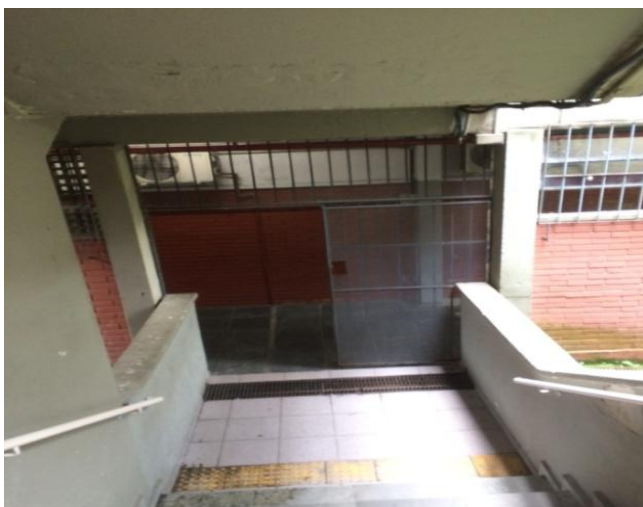
IMAGEM II – Corredor para acesso à Sala de Leitura



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

Nota-se o corredor com as salas de aula e ao final descendo as escadas se encontra a Sala de Leitura.

IMAGEM III – Corredor e Escada para acesso à Sala de Leitura



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

Ao final desse corredor, a criança ao descer as escadas se depara com um grande portão e finalmente chega à sala de leitura.

É necessário ultrapassar esse portão para adentrar a Sala de leitura. Logo após passar pelo portão central, finalmente visualizamos a porta de entrada que dá acesso a Sala de Leitura. Uma porta pesada na qual para abrir ou fechar necessita do auxílio de um adulto. As crianças não conseguem movê-la sozinhas.

As crianças que realizam a última aula na Sala de Leitura colocam as mochilas no corredor desse ambiente e entram para a sala com o intuito de realizar as atividades. A professora da sala quando questionada porque as mochilas ficam do lado de fora, informou que acha mais prático e rápido na hora das crianças irem embora.

IMAGEM IV – Porta da SL



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

A sala é utilizada uma vez por semana por cada turma e somente a professora responsável pela sala utiliza o espaço. Até o momento da realização dessa pesquisa, nenhum outro professor solicitou o espaço para realizar alguma atividade com suas crianças.

Quando a professora responsável pela Sala de Leitura se ausenta, a mesma fica fechada sem utilização.

O espaço da SL pode ser considerado amplo possuindo mobiliário específico. Há cinco mesas circulares, estantes de metal para os livros, dois expositores de madeira, um computador e um armário para uso do POSL. Não há janelas, apenas dois ventiladores para circular o ar. A Sala de Leitura recebe o nome do professor Washington Luiz dos Santos Silva¹¹ que já lecionou na escola e foi homenageado pelo diretor da instituição na época. As razões dessa homenagem não são claras, pois essa foi uma indicação de um diretor que não se encontra mais na escola.

Ao questionar a PSOL sobre se há alguma proposta diferenciada que ela utiliza com as crianças da sala pesquisada na Sala de Leitura, a mesma me mostrou no computador da SL um projeto no qual ela utiliza com a série. (ver apêndice), porém esse projeto é utilizado a mais de cinco anos, apenas modificando o ano letivo vigente.

3.7 Por dentro da Sala de Leitura

A Sala de Leitura no seu interior é composta por oito mesas redondas com quatro cadeiras em casa mesa, uma lousa, na qual a professora anota a aula do dia e as páginas que serão trabalhadas, uma televisão, um aparelho de DVD, um computador, um armário com pertences da professora da sala, um ar condicionado, dois relógios, uma mesa e cadeira para a professora, um retroprojeter, doze armários contendo os livros expostos, uma prateleira grande com coleções diversas e uma prateleira só com revistas.

Não há janelas, apenas dois ventiladores para circular o ar. Cada turma frequenta a Sala de Leitura uma vez por semana no período de 50 minutos cada aula. A professora responsável pela Sala de Leitura busca as crianças na sala de aula para realizarem as atividades que serão propostas no dia.

¹¹ Foi professor de Geografia e História nesta Unidade Escolar desde 1987 até seu falecimento no ano de 1990.

IMAGEM V – Disposição das mesas e cadeiras na Sala de Leitura



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

As crianças ao entrarem na sala se acomodam nas mesas e retiram os livros nas prateleiras para leitura.

IMAGEM VI–Aparelho de Televisão e DVD na Sala de Leitura



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

A sala possui uma televisão e um aparelho de DVD, porém pouco utilizado. Não houve utilização no período em que realizei as observações das aulas.

IMAGEM VII – Armário, mesa e computador da POSL



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

Existe um armário onde a professora da sala guarda seus pertences e as chaves dos mesmos. A mesa é utilizada para acomodar os diários de classe e livros.

O computador também é pouco utilizado, notei que só foi ligado uma vez para a professora consultar o nome de um livro que gostaria de ler.

A Sala de Leitura contava apenas com o acervo complementar, fornecido pela Prefeitura Municipal de São Paulo (PMSP). Uma boa parte dos livros existentes na Sala de Leitura é adquirida através de verba que a Prefeitura recebe doações que a escola recebe e a pedido da POSL que solicita a compra desses exemplares para a direção escolar.

No segundo semestre de 2014, houve a chegada de livros novos adquiridos pela SME e também uma compra feita com verba da APM da escola. Eventualmente crianças, professores e membros da gestão escolar doam livros e revistas para a Sala de Leitura. O acervo atual conta com aproximadamente 10.000 livros, dividido por gêneros e áreas do saber: literatura infantil, literatura infanto-juvenil, contos, crônicas, poesias, cordel, literatura indígena, literatura afro, biografias, histórias em quadrinhos e dicionários. As obras literárias de ficção possuem poucos exemplares iguais, já as obras de não ficção têm maior número de exemplares do mesmo título.

Está registrada a quantia de 22.938 livros no livro tomo, porém segundo relato da professora responsável pela sala, devido o mau uso, livros que não são muito utilizados e acabam estragados com o tempo, extravios dos mesmos por crianças que levam emprestados e não devolvem mais de 10.000 livros não existem mais.

Foi notada durante o período da pesquisa, a existência de livros extremamente destruídos pelo mau uso, embolorados e amontoados em um canto nas prateleiras da SL conforme imagem a seguir.

IMAGEM VIII–Livros embolorados



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

Quando questionada por que os livros se encontram nesse estado, a POSL relatou que,

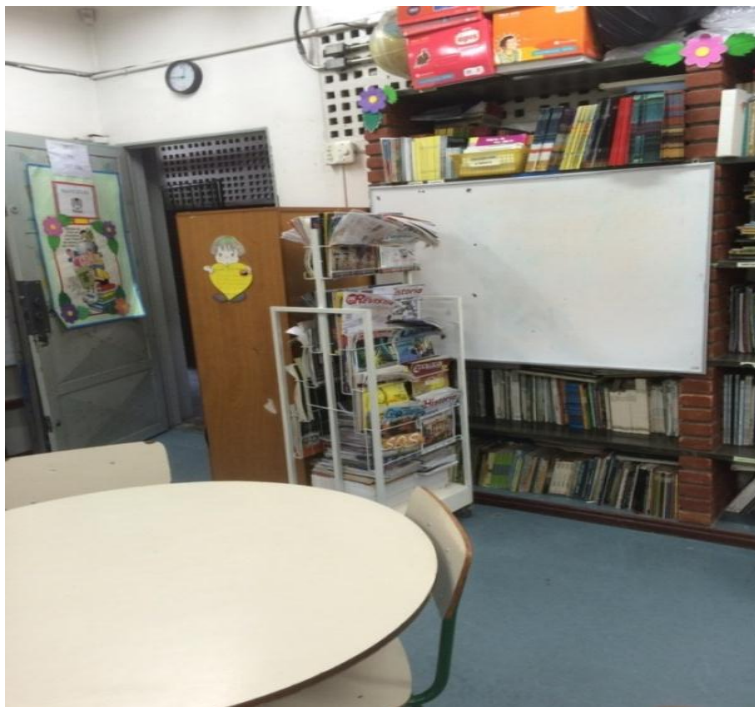
“[...] devido ter entrado água na SL os livros que ficam encostados na parede acabaram estragando, o professor readaptado à tarde, estava limpando, mas ele está de licença médica, aí a Isabel⁶ vai olhar se pode jogar fora. Têm muitos livros de história, ela ia falar com os professores de história se ela poderia jogar, se desfazer, mas ela não teve resposta. Esse ano é ano eleitoral e mesmo se o professor falar que não vai mais usar, que a história está fora de moda e ultrapassada, a gente tem que guardar em uma caixa porque não pode jogar esse ano fora porque é ano eleitoral”. (POSL)

A professora responsável informou que não possui um documento específico com os livros catalogados, apenas um caderno “Tombo”, contendo as descrições dos exemplares. No geral existem oito livros Tombo com anotações dos livros existentes.

Relatou-nos ainda, que, quando a Sala de Leitura foi criada, havia um inventário dos livros existentes, porém com o passar do tempo foi extraviado esse documento, e ao assumir a sala, não existia mais. Atualmente, só numera os livros apenas para sua contagem e controle. Foram registrados no quadro abaixo os livros existentes na SL que possuem em quantidade superior a 20 exemplares.

Os livros são expostos em prateleiras com identificação e também em armários baixos que facilitam o livre acesso das crianças.

IMAGEM IX – Estante de revistas



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora (2016)

Possuem também revistas em estantes tanto infantis como para as crianças das séries mais avançadas. (6º ao 9º ano e EJA).

Existem duas POSL, uma que atende ao Ensino Fundamental I no período da manhã e a outra no Ensino Fundamental II e Educação de Jovens e Adultos atendendo o período vespertino e noturno, porém a pesquisa ocorreu com a POSL do período matutino.

A seguir, relação de Livros existentes em quantidades na Sala de Leitura.

RELAÇÃO DE LIVROS EM QUANTIDADE – SALA DE LEITURA				
	Livro	Autor	Editora	Quantidades
1	Ponto de tecer	Silvia Orthof	FTD	48
2	Quem tem medo de monstro	Ruth Rocha	Salamandra	154
3	A moça tecelã	Marin a Colasanti	Global	99
4	Taya e o espelho da baba Yaga	Fabio Sombra	Abacate Editorial	89
5	Um longo dia	Pilar Ramos/Horácio Elena	Do Brasil	235
6	Bitu, o carneirinho sujo	M ^a Theresa C. de Giacomo	Melhoramentos	67
7	O menino, seu avô e a árvore da vida	José Bortolini	Paulus	44
8	A água do planeta azul	Fernando Carraro	FTD	39
9	A zeropéia	Herbert de SouzaBetinho	Salamandra	58
10	A peteca do Zeca	Cristina Porto	Moderna	189
11	O cavalinho e o velho camelo	A.P.Fournier	Ática	37
12	As moedas estrelas	Jakob e Wilhelm Grimm	Paulus	26
13	Aventuras de um macaco	May d´Alençon	Ática	54
14	Maria- vai- com- as- outras	Sylvia Orthof	Ática	18
15	Bule de café	Luís Camargo	Ática	40
16	Pluft, o fantasminha.	Maria Clara Machado	Schuwarcz LTDA	33
17	O menino Candeeiro	Assis Brasil	Do Brasil	24
18	Estrada da terra..Estrada molhada..Vida nova	Marília Ricci de Freitas	Do Brasil	78
19	Doutor Romeu Capuleto, Executivo	Ricardo Gouveia	Do Brasil	06
20	Cara nova ou beleza pura!	Pedro Bloch	Do Brasil	75
21	O gato molhado e a andorinha Sinhá	Jorge Amado	Record	18
22	Rússia contador de história de Bolso	Ilan Brenman	Moderna	65
23	Bisa Bia, Bisa Bel	Ana Maria Machado	Moderna	23
24	Soprinho	Fernanda L. de Almeida	Ática	16
25	O gosto dos beijos	Marcia Kupstas	Melhoramentos	53
26	O dinossauro que fazia au-au	Pedro Bandeira	Moderna	10
27	Abre-te, Sésamo	Júlio Emílio Braz	FTD	61

28	Corações de pedra	Ganjmédes José	Do Brasil	87
29	Do jeito que os inocentes e as pessoas sentimentais fazem	Everaldo Moreira Veras	Do Brasil	43
30	Historinhas pescadas	Volume 2 – Contos	Moderna	70
31	O velho, o cigano e o violino	Fernando Lobo	Do Brasil	29
32	A turma da paquera	Pedro Bloch	Do Brasil	22
33	O jogo da parlenda	Heloisa Prieto	Companhia das Letrinhas	50
34	Os três porquinhos	Coleção Itaú de livros Infantis	Girassol	136
35	A arca de Noé	Vinicius de Moraes	Companhia das Letrinhas	58
36	Caçadas de Pedrinho	Monteiro Lobato	Brasiliense	19
37	Alguns contos e Fábulas das Mil e Uma Noites	Volume 1	Paulus	101
38	Lobisomem	Coleção Itaú de livros infantis	Girassol	109
39	Clara- como -o-sol, Escuro-como-a-noite.	José Bortolini	Paulus	95
40	Fábulas Tortas	Dilea Frate	Companhia das Letrinhas	64

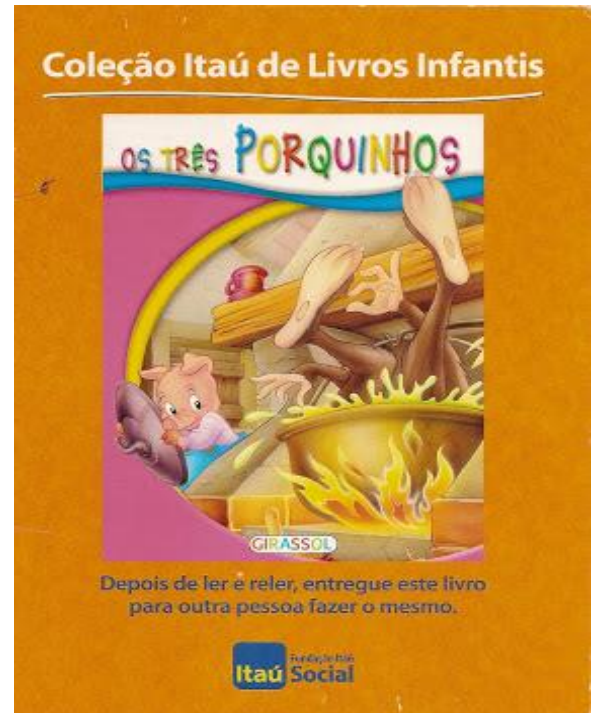
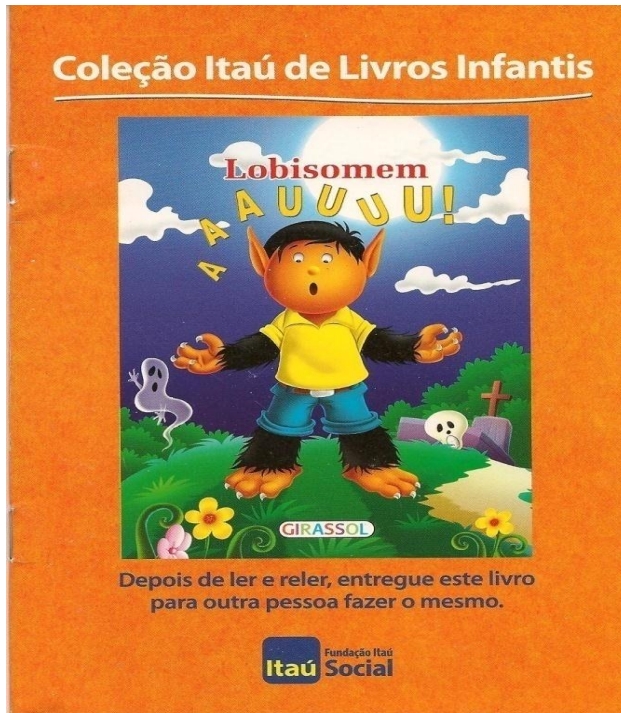
Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2016)

3.8 Descrição dos livros em quantidade existentes na Sala de Leitura

Dentre os quarenta livros encontrados na sala de leitura e relacionados, seis possuíam uma quantidade superior a 100 exemplares, sendo eles:

1. “Lobisomem”, Coleção Itaú de Livros Infantis, contendo 109 exemplares.
2. “Os três Porquinhos”, Coleção Itaú de Livros Infantis, contendo 136 exemplares.
3. “Quem tem medo de monstro”, da autora Ruth Rocha, editora Global, com 154 exemplares.
4. “Um longo dia”, de Pilar Ramos/Horácio Elena, editora Do Brasil contendo 235 exemplares.
5. “A peteca de Zeca”, de Cristina Porto, editora Moderna, contendo 189 exemplares na Sala de Leitura.

6. “Alguns contos e Fábulas das Mil e Uma Noites”, volume 2, editora Paulus, contendo 101 exemplares.



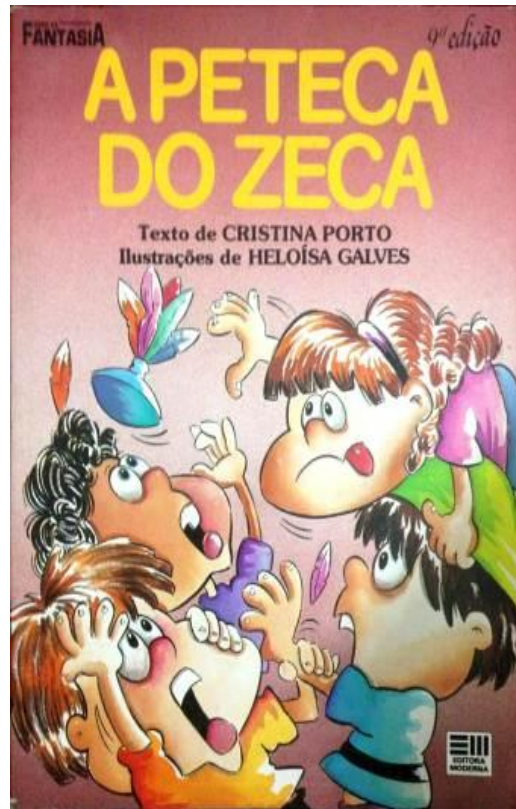
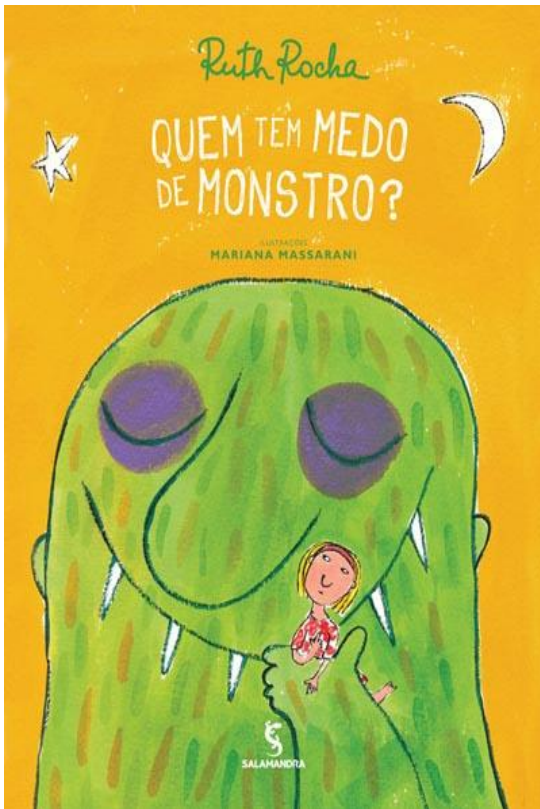
FONTE: Livros da Sala de Leitura

Os livros “Lobisomem” e os três porquinhos, da editora Girassol, fazem parte da Coleção Itaú de Livros Infantis enviados, como doação as escolas públicas. Os livros citados possuem histórias conhecidos por quase toda totalidade das crianças, pois compõe o rol de histórias contadas pelos pais e nas creches em que as crianças passam a primeira fase da infância.

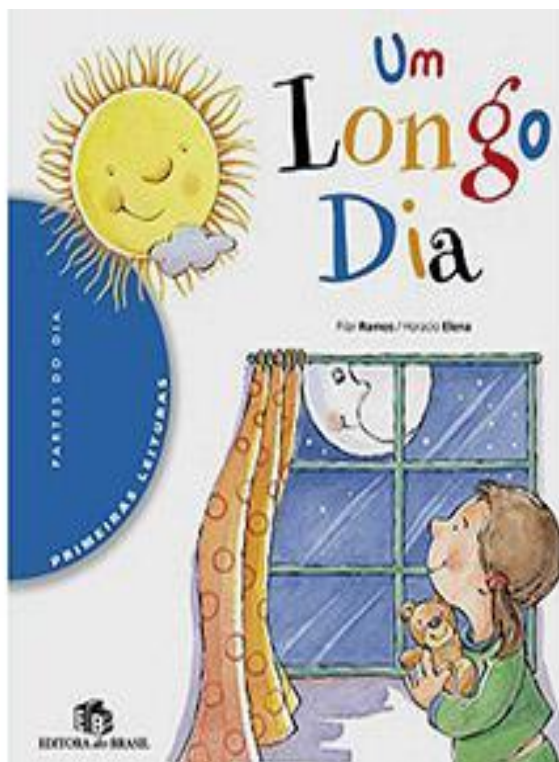
O livro Lobisomem não traz o nome do autor e nem do ilustrador. Contêm 15 páginas e sua história resgata uma lenda do nosso folclore. O autor utiliza uma nova roupagem trazendo a escrita para os dias atuais. Na Sala de Leitura pesquisada este livro possui 109 exemplares e embora possua uma grande quantidade, não foi utilizado pelas crianças no período da pesquisa.

"Os três Porquinhos" possui 16 páginas e também faz parte da Coleção Itaú de Livros Infantis, não trazendo o nome do autor e nem do ilustrador. Narra a história já conhecida pelo público infantil onde três irmãos porquinhos saem de casa em busca de aventuras e se deparam com o Lobo Mau. Dois dos porquinhos são um pouco preguiçosos e fazem suas casas de materiais não resistentes na qual o Lobo consegue destruí-las e come os porquinhos. O terceiro porquinho constrói sua casa de tijolos e cimento e o Lobo não consegue destruí-la e desiste de pegar os porquinhos. É uma história que ensina as crianças valores como responsabilidade e não

ser preguiçoso. Contém 136 exemplares na Sala de Leitura. Não havia registros de empréstimos desses livros, penso que por não fazerem parte do interesse das crianças já na adolescência.



FONTE: Livros da Sala de Leitura



O livro "Quem tem medo de monstro?", com 154 exemplares, da editora Salamandra, da autora Ruth Rocha, contém 24 páginas e ilustrações de Mariana Massarani. Outro livro que

possui 235 exemplares é “Um longo dia” da editora do Brasil, autores Pilar Ramos e Horácio Elena, possuindo 32 páginas.

O livro “A peteca de Zeca”, contendo 16 páginas, texto de Christina Porto e ilustrações de Heloísa Galves, da editora Moderna, conta a história da disputa por um brinquedo discutindo as consequências do individualismo e a necessidade da interação entre as crianças. Ruth Rocha em “Quem tem Medo de Monstros” escreve um texto curto, em versos e rimado. Fala sobre medos de uma maneira divertida falando de uma bruxa malvada, que também possui seus medos. Mostra as crianças que sentir medo é normal, e o que não podemos é que eles nos paralisem.

Em “Um longo dia” as autoras tratam sobre as diversas atividades que os personagens vivenciam ao longo do dia desde o amanhecer, no período da tarde e ao anoitecer. Este livro ficava em um armário fechado e as crianças não tinham sequer acesso a esses exemplares. Estão em bom estado de conservação pelo fato de não terem manuseio dos frequentadores da Sala de Leitura. Nos momentos no qual a professora da Sala de Leitura deixava as crianças escolherem quais livros queriam ler durante o período que estavam na Sala de Leitura, observei que o livro em questão possuía pouca utilização, apenas folheavam suas páginas e guardavam novamente na prateleira. Não houve empréstimo no período da pesquisa deste exemplar para levarem para casa.

Devido *Lucinda* estar trabalhando o gênero contos com as turmas do 4º e 5º ano, o livro “Alguns contos e Fábulas das Mil e Uma Noites” volume 1, da editora Paulus, foi o mais utilizado na SL. Traduzido do francês e adaptado por Tiago Angelo e Paulo Bazaglia, contou com a revisão de Iranildo Lopes e ilustrações de Soares. Possui 16 páginas e conta a história de Ali-Babá e os 40 ladrões. O referido livro era emprestado pelas crianças para levarem para casa e devolvê-lo na semana seguinte. Ao retornar a SL, a POSL fazia o registro da devolução do livro na ficha das crianças. Foi notado que muitos retornavam sem ter realizado a leitura do mesmo, sequer tiravam da mochila.

3.9 Relatos Comunicativos

Como já anunciado nesta pesquisa, tendo como centro o diálogo e a escuta, o objetivo foi permitir que crianças e professora relatassem o uso que faziam do espaço Sala de leitura, portanto o uso dos relatos comunicativos nos permitiu realizar essas observações.

Os registros das crianças e as conversas com a pesquisadora e PSOL indicam como se deu as práticas leitoras na Sala de Leitura com todos os desafios, os obstáculos transformados em possibilidades e aqueles ainda a serem superados. Iniciaremos a seguir, a observação dos aspectos que favorecem e aspectos que dificultam a prática da professora na Sala de Leitura. Passa-se, agora, a descrevê-los melhor.

As análises foram realizadas a partir das observações comunicativas na Sala de Leitura e também buscamos contemplar as contribuições das próprias crianças, participantes da atividade, seus relatos comunicativos bem como os registros do grupo. Contemplamos, também, nas análises, as falas dos *relatos comunicativos* de cada criança e da PSOL.

Analisando os Elementos Facilitadores, apesar da correria imposta pelo ritmo moderno, percebermos que ao mesmo tempo em que desprezamos certos hábitos ou ainda aqueles que não conseguimos incorporar, cultivamos e não abrimos mão daqueles que acreditamos. O hábito da leitura, como aquele que deveria ser cultivado e construído pelas pessoas, parece estar presente no dia a dia da professora, que agora relata que lê por prazer. Ela comenta:

“Ah! Eu acho que é divertimento, eu não sei se já passei daquela fase de informação, né, porque tem uma época da vida da gente que a gente lê para informação, então agora eu estou na diversão mesmo, eu já pego livros que eu gosto de ler por prazer”. (relato da POSL).

Notou-se que a professora estabeleceu regras para que a leitura se tornasse mais solidária; dialogou com as crianças sobre as dificuldades apresentadas estabelecendo relação de amorosidade com as crianças; relatou aprendizagens pessoais e os apoiou na condução das atividades.

Já os elementos obstaculizadores percebidos foram à dificuldade da PSOL em manter a sala atenta para as atividades; as crianças entenderem as regras da sala e se inteirarem; adaptar a dinâmica da atividade às práticas da Sala de Leitura devido à ausência de materiais; a falta de motivação em lidar com uma atividade nova na Sala de Leitura. Também foi notada a insatisfação em não ter alguns livros em quantidade para desenvolver o trabalho com as crianças e a falta de mobilização da escola e das professoras na busca por mais exemplares de livros.

Outro fator foi à falta de incentivo na promoção da leitura no qual somente *Lucinda* escolhia o livro que seria trabalhado no dia, sem a decisão das crianças. Pelo fato da

professora estar em processo de aposentadoria, apresentava cansaço e sem motivação para realizar as atividades.

3.10 Observação das aulas assistidas na Sala de Leitura

Para compreender o que acontecia e como aconteciam às atividades de leitura na Sala de Leitura decidi acompanhar algumas aulas da Professora.

Embora a pesquisa acontecesse com a turma do 5º ano, observei outras turmas na Sala de Leitura para verificar como a POSL conduzia as atividades. *Lucinda* atendia 16 turmas da escola no período da manhã, no horário das 7:00 hs às 11:50 hs , sendo que cada dia da semana ela dava aula em turmas variadas. Na segunda-feira era dada apenas uma aula para o 3º ano, de terça- feira a quinta-feira 12 aulas para as turmas do 1º ao 4º ano e na sexta-feira 3 aulas para os 5º anos, perfazendo 16 aulas na semana.

O primeiro contato com *Lucinda* foi tranquilo e se deu em uma sexta-feira, no dia 04 de Dezembro de 2015, com duração de 45 minutos na turma do 4º ano B, no turno matutino. Para atividade /aula *Lucinda* buscou as crianças na sala de aula e os levou para a Sala de Leitura para realizarem suas atividades. As crianças ao entrarem em silêncio na sala logo me reconheceram e começaram a acenar. A turma é composta por 24 crianças, porém nesse dia estavam presentes 17.

Observei que o ambiente da sala estava poluído, ou seja, as prateleiras contendo livros amontoados e com poeira, a mesa da professora com muitos papéis soltos, a estante de revistas sempre muito desorganizada.

Neste primeiro dia observado, a professora iniciou a aula pedindo que as crianças sentassem em até quatro por mesa. Ao entrarem e se acomodarem a professora os cumprimentou com “bom dia”. Bom dia que se deu em meio a devolução do livro que os crianças haviam levado para casa. *Lucinda* recolheu o livro dentro do saquinho contendo nome e série do estudante. Tal procedimento se faz, segundo a professora, para que haja um controle dos livros emprestados. Embora o sistema para registro do conteúdo programático da PMSP seja eletrônico, a POSL utiliza o diário de classe para descrever as atividades dadas e os livros emprestados¹² as crianças. Abaixo registros dessas anotações.

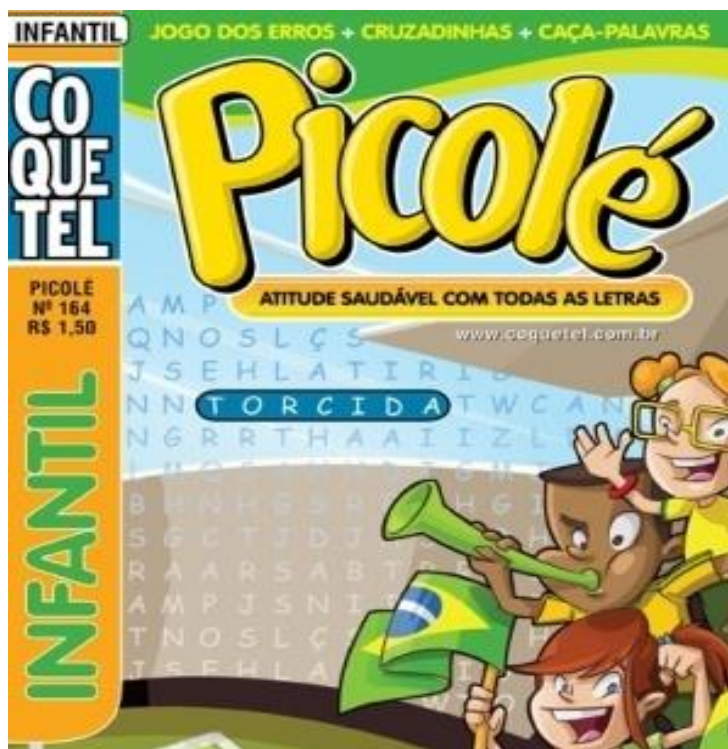
RESUMO DO CONTEÚDO PROGRAMÁTICO E DAS ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	
18/02 → Entendidos - até página 17.	01/09 → <i>Estrela</i> OK
05/02 → até página 31	02/09 → <i>Dois irmãos</i> - <i>Conexão</i> Livro (23)
09/02 → Peguntas a quem continua até 39	15/09 → <i>Explora</i> Livro <i>Estrela</i> (22)
14/02 → até 51	27/09 → de novo / <i>Explora</i> Livro <i>Estrela</i> (23)
27/02 → <i>Diário</i>	25/09 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i>
04/03 → <i>Processo</i>	26/09 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i>
31/03 → <i>Visão</i> <i>l. média</i>	13/10 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i>
07/04 → <i>l. média</i>	20/10 → <i>Atividade</i> (N) <i>Conexão</i>
14/04 → <i>Exerc. OK</i> / <i>Comp.</i>	27/10 → <i>Atividade</i> <i>l. média</i> <i>Conexão</i>
28/04 → <i>l. média</i>	09/11 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>
05/05 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	16/11 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>
12/05 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	23/11 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>
19/05 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	OK <i>adexivos</i> DVD <i>Yostine e Lenda</i>
02/06 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
09/06 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
16/06 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
23/06 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
30/06 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
07/07 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
14/07 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
21/07 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
28/07 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	
04/08 → <i>Rel. para / até</i> <i>Estrela</i> / <i>Conexão</i> / <i>SE P</i>	

Fonte: Foto tirada pela pesquisadora

Cada criança possui um número de chamada e a POSL anota o nome do livro e a respectiva data do empréstimo na frente do número. Após anotação desses dados, a professora continuou a aula resgatando o conteúdo dado durante o ano letivo realizando uma breve conversa

¹²O empréstimo ocorre uma vez por semana na qual cada aluno leva um livro para casa e retorna sempre na próxima aula. O intuito dessa atividade é incentivar o hábito da leitura fora da escola.

sobre os gêneros literários (poesia – diário – contos – fábulas – história em quadrinhos – adivinhas – piadas – lendas) e regras de como se jogar um caça - palavras (não pode sobrar nem faltar quadradinhos; não se coloca acento; deve-se escrever em caixa alta e não com letra cursiva). Enquanto a professora explicava, as crianças ficaram atentas no que era falado. Nessa aula cada estudante recebeu uma revista “Passatempo Educativo¹³” da coleção Picolé, editora Ediouro para realizar o caça- palavras conforme foto demonstrativa abaixo.



Fonte: Foto tirada pela pesquisadora

Foi explicado por *Lucinda* que as atividades deveriam no primeiro momento ser realizada a lápis e após correção, as repostas seriam passadas a caneta. Por ser a última aula dessa turma na Sala de Leitura durante esse ano (2015), a revista foi entregue as crianças para levarem para casa. Ao terminar a aula, com duração de 45 minutos, a professora informou que na próxima aula seria realizada uma “festinha” de confraternização para encerramento do ano. Despediu-se das crianças com tranquilidade e todos se levantaram para retornar a sala de aula. Estavam eufóricos,

¹³Essas revistas são adquiridas pela internet no site do Coquetel, pagando apenas a postagem dos Correios feita pela Associação de Pais e Mestres (APM) da escola.

pois teriam a festa de encerramento na próxima aula. Voltaram para a sala mostrando a revista que ganharam e assim que chegaram à sala já foram mostrando a revista para a professora regente e combinando o que trariam para a festa. A turma é relativamente tranqüila, porém não demonstram participação na aula. Por estarem no final do ano, as crianças já não estavam mais frequentando assiduamente as aulas e assim, deixei para fazer as próximas observações no próximo ano letivo.

A segunda observação foi marcada com a professora dia 19 de fevereiro de 2016, uma sexta-feira. A sala escolhida foi o 5º ano A, que estudavam no período matutino, e frequentava as aulas da Sala de Leitura no horário das 10h20 às 11h05 com duração de 45 minutos. A lista de crianças da sala constava com 26 matriculados, na data observada, estavam presentes 20 crianças.

Quando cheguei à Sala de Leitura, a professora estava realizando a chamada e as crianças estavam sentadas nas mesas que possuem capacidade para quatro crianças, porém algumas crianças sentaram em grupos de dois ou três devido não ter o número suficiente para encher todas as mesas. A aula transcorreu de forma tranqüila com a professora explicando o que irá ensinar durante esse ano letivo visto que essa foi à primeira aula do ano dentro do ambiente Sala de Leitura. Acredito que por ser a primeira aula, as crianças estavam quietas ouvindo as informações.

A professora lembrou o conteúdo Gêneros Literários dado no ano anterior lembrando que são diferentes tipos de histórias e foi explicando também aos crianças novos esse conteúdo. Pediu à sala que lembrasse alguns tipos de Gêneros Literários. Fábulas, poesia, cantigas, mitos e lendas, contos clássicos ou de fadas, diário, quadrinhos, biografia e regras de jogo. Comunicou que no ano de 2106 iria trabalhar com crônicas.

Faltando 20 minutos para acabar a aula, *Lucinda* iniciou a leitura do livro “O extraordinário” de R.J. Palacio¹⁴. Comentou que escolheu esse livro, pois nas férias pegou emprestado de um amigo e gostou muito da história e até indicou para outra pessoa. Ela comprou um exemplar e trouxe para realizar a leitura com todos. Algumas crianças ficaram atentas à história, porém a grande maioria inclinava-se sobre a mesa não prestando muita atenção. *Lucinda* percebendo esse comportamento, em alguns momentos da história parava a leitura e não completava a palavra para que as crianças se atentassem ao término da frase. Foi prestativa com

¹⁴O livro retrata a história de August Pullman, o Auggie que nasceu com uma síndrome genética cuja sequela é uma severa deformidade facial, que lhe impôs diversas cirurgias e complicações médicas. É matriculado em uma escola particular e começa uma história de superação de preconceitos e amor da família.

todos quando apresentavam dúvidas em algumas palavras que não conheciam. Propôs uma atividade de perguntas referente ao texto apresentado. Não terminou a leitura do livro nem a realização da atividade proposta devido possuir muitas páginas, porém relatou que iria fazendo durante as próximas aulas.

Ao término da aula, pediu que as crianças se levantassem e arrumassem as cadeiras, pois iriam retornar para a sala de aula. Nesse momento as crianças fizeram barulho devido arrastar as cadeiras e muita conversa entre eles. *Lucinda* pediu silêncio e levou-os para a sala de aula onde a professora regente os aguardava.

Notou-se, que a leitura realizada apenas pela professora era a mais frequente nas aulas. De acordo com o observado, a professora priorizava a leitura feita por ela para a turma com o objetivo de facilitar a realização das tarefas e manter a ordem na Sala de Leitura.

Observei também que, *Lucinda*, mesmo com uma turma de 5º ano, não deixava de realizar a leitura dos enunciados das tarefas. Ela argumentava que as crianças precisam sempre de orientação. Nesse sentido, ela reconhecia a necessidade da mediação. Nessa direção, Geraldi (2010) nos chama à reflexão quando afirma:

Aprender não é se tornar um depósito de respostas já dadas. Saber não é dispor de um repertório de respostas. Saber é ser capaz de compreender problemas, formular perguntas e saber os caminhos das respostas. A melhor homenagem que podemos prestar àqueles que a isto se dedicaram é sabermos as dificuldades dos caminhos da elaboração de perguntas e das respostas. E somente quem aprende percorrer caminhos inexistentes, porque eles se fazem no percurso, será capaz de compreender as respostas e os caminhos antes percorridos. (GERALDI, 2010, p.96)

Desta forma, quando *Lucinda* realiza a leitura dos enunciados e explica as atividades antes das crianças terem a oportunidade de tentar lê-las sozinhas e expressar suas dúvidas para serem dialogadas coletivamente, as crianças não constroem caminhos para chegar às respostas para as perguntas formuladas. Na situação observada, a mediação da professora ficava reduzida apenas à leitura de enunciados. Com essa atitude, não há a possibilidade de encorajar as crianças a descobrir respostas, o diálogo com o próximo não existe. O diálogo deve ser à base das relações da comunidade escolar, fortificando sua presença no espaço de ensino. Os sujeitos se relacionam mediante o diálogo

para interferir na realidade, problematizar, questionar, transformar o meio. (FREIRE, 1996, p.20).

Continuei na Sala de Leitura, pois seria aula de outra série: 4º ano A. Essa aula teve duração de 45 minutos. A professora pediu gentilmente para eu arrumar as mesas enquanto ela buscava a próxima turma na sala de aula. A sala chegou bem agitada, conversando e fazendo brincadeiras. A professora realizou a chamada estando presentes 24 crianças. Havia faltado 6 crianças naquele dia.

Lucinda entregou a revista trabalhada no ano anterior “Picolé” para quem tinha faltado na aula e ainda não tinha levado para casa. Em seguida, mudou algumas crianças de lugar para manter o silêncio e organização. Foi interrompida por algumas alunas que reclamavam, pois queriam prestar atenção e alguns meninos realizavam bagunça e riam atrapalhando o bom andamento da aula.

Após conversar com essas crianças pedindo atenção, continuou a aula e explicou o que são contos (disse que são histórias antigas que eram passadas oralmente e tinham autores desconhecidos). Escreveu na lousa o nome do conto que iria ler: Histórias de Mil e Uma Noites (Ruth Rocha – FTD). Iniciou a leitura em voz alta e as crianças acompanhavam das mesas.

Em seguida, pediu para as crianças fazerem a leitura de forma expressiva de alguma parte do texto, o que proporcionou participação e interesse pela atividade proposta. Cada aluno escolhia um parágrafo e colocava uma entonação na voz imitando o personagem ou o narrador da história. Como aponta Geraldí (1997), a leitura como pretexto pode ser importante. Nesse caso, as crianças ouviram a leitura da professora para, depois, produzirem os seus próprios relatos. Por essa ser a última aula do dia, a inspetora interrompeu a aula as 11:40 h, para chamar as crianças que iriam embora de transporte escolar. A professora da Sala de Leitura, não gostou da interrupção, porém teve que liberá-los, pois a vice - diretora estava solicitando.

Após a saída de aproximadamente 10 crianças, *Lucinda* pediu aos demais para escolherem na prateleira o livro que mais gostassem para ler. Relatou-me que não iria continuar a aula, pois as outras crianças iriam perder o que estava sendo dado na aula. Notei um breve descontentamento em sua fala. Sentou-se em sua cadeira e foi anotar a aula no diário de classe. Faltando cinco minutos para o final da aula, realizou uma fila e levou as crianças que restaram para o pátio onde é realizada a saída dos mesmos. Despediu-se deles com um “até logo” e voltou para a Sala de Leitura para fechar a porta.

Durante a observação em outro dia da semana, no dia 18 de fevereiro de 2016, acompanhei a turma do 4º ano C. Era uma quinta- feira e estavam presentes 24 crianças, embora a turma completa contava com o total de 29 crianças. A aula teria duração de 45 minutos. Foi iniciada com a professora pedindo para as crianças falarem o que lembravam da aula anterior. As crianças relataram que cada um escolheu um livro para fazer a leitura silenciosa. Após ouvi-los, disse que na aula de hoje seria realizado uma leitura compartilhada e falou que durante esse ano eles trabalhariam com os contos clássicos.

Lucinda iniciou a leitura do conto Ali Babá e os 40 ladrões que consta no livro Alguns Contos e Fábulas das Mil e Uma Noites – editora Paulus. Cada estudante recebeu um livro para acompanhar a leitura (esse livro possui 101 exemplares na Sala de Leitura).

Estava realizando a leitura quando foi interrompida por um estudante perguntando qual página estava. A professora o auxiliou e voltou à leitura. Quando foi trocar de página alertou as crianças e chamou atenção do aluno que havia perguntado anteriormente para que ficasse mais atento.

Usou a lousa em alguns momentos da aula para escrever o nome dos personagens e descrever fatos da história. Como este livro tinha bastante quantidade na Sala de Leitura, a POSL propôs uma atividade de leitura visando à participação das crianças. Cada grupo escreveria a parte que mais gostou e deveriam contar o que foi realizado com entonação adequada após a produção. Nesse sentido, acreditamos que as crianças

[...] desde as primeiras leituras em voz alta, deveriam ser treinados a fazer uma leitura expressiva. Esse exercício deve ser enfatizado no início porque auxilia a própria compreensão do texto, sobretudo numa fase em que a criança ainda está muito amarrada à decifração da escrita, fazendo com que ela dê mais valor aos aspectos interpretativos do texto fonética e semanticamente. Possibilita que a criança desde cedo não faça aquele tipo de leitura silabada, truncada por pausas, excessivamente vagarosa, sem ritmo, entoação, enfim, sem expressão. (CAGLIARI, 2008b, p.161).

As crianças atentas a atividade, conversavam umas com as outras sobre o que fariam, a alegria na realização dessa atividade foi notória e embora não estava em questão a produção escrita, as crianças desenvolveram bons trabalhos. Faltando alguns minutos para o final da aula, *Lucinda* pediu que todos colocassem os livros sobre a mesa e os levou para o pátio de saída. A

turma saiu correndo para o pátio e nem esperou a professora se despedir deles. Ela retornou para a Sala de Leitura e guardou os livros de volta na prateleira.

Já no dia 26 de fevereiro de 2016, a pesquisadora iria observar as aulas do 3º ano B. Era uma manhã de sexta-feira. Acompanhei a professora que buscou as crianças na sala de aula e trouxe para a Sala de Leitura. A sala chegou quieta e as crianças já se dividiram nas mesas sem que a professora pedisse. Quando todos já estavam acomodados, *Lucinda* realizou a chamada contando com 22 crianças presentes e 07 ausentes, totalizando 29 crianças nessa turma.

Lucinda mostrou a capa do livro que iria trabalhar: *Alguns contos e Fábulas* - da editora Paulus e iniciou a leitura do conto Ali Babá e os 40 ladrões. À medida que ia lendo, avisava a todos qual página estava. Mesmo sendo uma sala tranquila, em alguns momentos parava a aula para chamar a atenção de algumas crianças e escrevia o nome deles na lousa. Aumentava o tom da voz na leitura para conseguir atrair a atenção quando percebia desinteresse da turma. Ela anunciava alguns trechos da história de forma bem divertida, explorando as figuras com entonações diferentes. Depois desse momento inicial, solicitou que fizessem a leitura sobre a história. Verificou-se que as crianças tiveram uma boa participação, talvez pela forma como a atividade fosse proposta inicialmente. Depois de conversar sobre o texto lido, a proposta era cada um criar um slogan para convencer o outro a comprar seu livro.

Às 11:40 h, a inspetora pediu licença e buscou os crianças que iriam embora de transporte escolar interrompendo a aula. A professora em tom de reprovação me relatou que sempre no último horário sua aula é prejudicada (relembrou a aula anterior onde havia ocorrido o mesmo episódio). Enquanto as crianças que iam embora pegavam suas mochilas, ela avisava que continuaria a leitura na página 08 para a próxima aula.

O restante da sala escolheu um livro para ler, porém foram orientados que ao terminarem a leitura, deveriam devolver o livro na mesma prateleira evitando bagunça. Essa aula iniciou as 11:05 h e terminou às 11:50 h com duração de 45 minutos.

As observações permitiram conferir que a professora faz o mesmo uso e atividades com todas as turmas analisadas, porém algumas turmas demonstravam mais atenção ao realizá-las como o 3ºB e o 4ºC. *Lucinda* não realiza um trabalho interdisciplinar com as outras professoras da escola, sendo assim as atividades são aleatórias seguindo seu planejamento que é repetido todo ano. Durante o tempo de observações, as disposições das crianças na Sala de Leitura foram sempre às mesmas, sentados nas cadeiras em grupos de até quatro crianças ouvindo a POSL. Não houve momentos de roda ou círculos.

3.11 Relato Comunicativo com as crianças do 5º ano

No dia 18 de Março de 2016, foi realizada uma conversa com as crianças do 5º ano na Sala de Leitura da EMEF pesquisada. Estavam presentes 15 crianças, sendo 09 meninos e 06 meninas, embora a sala tenha um total de 19 crianças. A maioria das crianças morava no bairro da escola. Alguns residiam em bairros próximos e vinham de transporte escolar. Quanto ao núcleo familiar, percebemos que, a situação mais comum ainda é a moradia com pais e irmãos. Outras situações variadas de núcleo familiar também foram destacadas, porém em menor quantidade.

Busquei as crianças na sala de aula onde estavam com a professora regente a minha espera. Neste dia a professora titular da Sala de Leitura não estava na escola devido estar de licença médica. A diretora solicitou que eu assumisse as aulas até o retorno da mesma. Aproveitei a situação para dar continuidade a minha atividade de pesquisa. Levei-os para a Sala de Leitura e ao entrar, pedi que realizassem uma roda. Comecei explicando que iríamos estabelecer um diálogo referente às práticas realizadas na sala.

Ao iniciar perguntando o que a Sala de Leitura representava para eles, notei as crianças um pouco tímidas, ficando um silêncio na sala por um curto período. Nesse momento, tranquilizei-os e pedi que falassem sem medo ou receio. Nesse momento *Amaral* que estava ao meu lado falou: - Eu sei, representa cultura. *Freitas* perdendo a timidez disse: Inteligência. *Batista* completou: ensina a ler, incentiva a ler.

Aproveitando as respostas perguntei se gostam de ler. *Todos* responderam em alta voz que sim. Desta forma, buscamos conhecer melhor as crianças participantes e sua relação com a leitura. Entre as crianças, sabendo que a maioria afirmou que gostava de ler, procuramos saber que textos eram os preferidos. As crianças citaram especialmente livros de história variados, histórias em quadrinhos, folclores, histórias de heróis, livros sobre animais, revistas, jornais. Em relação ao modo como gostam de ler, a maioria respondeu que prefere a leitura silenciosa. É interessante destacar que as respostas foram quase equivalentes. A leitura oral com várias pessoas também foi mencionada. Isso pode ser atribuído ao fato de a professora em suas atividades fazer uso dessa leitura.

Se refletirmos sobre esse dado, podemos dizer que outras formas de interação são mais frequentes entre as crianças nessa faixa etária. Geralmente preferem conversar,

brincar ou correr quando estão juntas. Quando estou com as crianças em sala de aula, percebo que não possuem acesso a livros, apenas quando vão a Sala de Leitura. Questionei as professoras regentes da sala de aula sobre esse fato e me responderam que as crianças deixam tudo jogado no chão da sala, por isso não deixam livros na sala. A organização da sala é um fator importante, porém a organização de espaços e tempos de leitura também é essencial para a formação de leitores.

Por isso, não é possível justificar dessa maneira o acesso restrito aos livros na sala de aula. Algumas professoras até possuem livros aparentes, mas apenas livros didáticos. Assim, identificamos que essas atividades de leitura eram concluídas com uma tarefa que envolvia apenas a escrita. Geraldi (1997) relata que:

mais uma vez o que poderia ser uma oportunidade de discurso ensino/aprendizagem, um diálogo em sentido enfático de fala conjunta, deu m outro em busca de respostas, produz-se o discurso de sala de aula que, como a pergunta didática, faz do texto um meio de estimular operações mentais e não um meio de, operando mentalmente, produzir conhecimentos. Não há perguntas prévias para se ler. Há perguntas que se fazem porque se leu. (GERALDI, 1997, p.170)

O autor deixa claro que a leitura pode ter várias finalidades. Dentre elas, ele assinala a leitura como busca de informações, ou seja, o leitor pode ir ao texto em busca de resposta a uma pergunta, para usá-lo na produção de outros textos ou sem perguntas previamente formuladas. Entretanto, como observamos as crianças na Sala de Leitura, estavam sendo incentivados a ouvir a POSL ler e assim realizar suas tarefas sempre quando o professor terminar a explicação. Com isso, a leitura era pouco explorada como processo de constituição de sentidos ou como algo relevante para a vida. (GERALDI, 1997).

A questão sobre qual gênero de leitura os crianças mais gostam, obteve diferentes respostas. *Neves* e *Santos* falaram ao mesmo tempo, causando risos em toda turma. Responderam que gostam do gênero aventura e terror, e, outro aluno relatou ler diário. Apenas *Ferreira* disse conto de fadas. *Gomes* e *Negreti* preferem leitura Africana. *Souza* levantou a mão salientando que prefere aventura. Já leitura que envolve terror e ação, contou com o voto de duas crianças sendo eles *Galvão* e *Rocha*. Ficção científica somou os votos de *Santiago*, *Norberto*, *Alves* e *Mendes*.

Em relação às pessoas que moram com eles e leem em casa com frequência, as respostas diminuíram apenas três crianças responderam a questão. *Mendes* relatou que antes de dormir, seu pai lê para ele. *Norberto* fala que na casa dele, sua mãe não gosta muito de ler. *Alves* toma a vez e diz que está lendo um livro junto com sua mãe, porém quando questionado o título do livro, não soube informar. Continuei insistindo na questão e, *Dias* mais a vontade, me responde que sua mãe gosta de ler todos os tipos de livros, lê em casa, no ônibus e no trem quando vai trabalhar.

Pereira e *Vieira* disseram que não leem devido ter que ajudar em casa nas tarefas domésticas e às vezes são remuneradas de alguma forma por algum trabalho eventual, como fazer faxina, ajudar parentes, tomar conta de outras crianças, entre outras.

Busquei informações sobre o que a professora trabalhava na Sala de Leitura. *Amaral* me contou que vêem muitas histórias, leituras, lendas e atividades. Questionei quais atividades? *Freitas* levantou o braço e disse: Fábulas, caça-palavras, contos, adivinhas, regras. Nesse momento algumas crianças repetem as mesmas coisas que o estudante *Freitas*. Quanto ao que gostam de realizar na Sala de Leitura, a maioria respondeu: Gostamos de ler.

Perguntei o que gostam de fazer além de ler. *Santos* diz que gosta de fazer atividades no livro. Ao perguntar se sentem prazer em vir para a Sala de Leitura, a resposta foi geral. Todas as crianças respondem sim. *Galvão* disse que gosta quando é aula livre que você pode escolher qualquer livro. *Ferreira* complementa:

É “prô”, você pode levar para casa qualquer livro. Tem algumas vezes que *Lucinda* deixa levar só um livro e tem vezes que ela deixa levar dois. (relato da criança).

Santiago completa falando que lê em casa ou na Sala de Leitura mesmo. Após, disse que a leitura representa imaginação, aprendizado. *Alves* contou que fica imaginando a história como é e se não tiver nenhum desenho no livro, fica imaginando como seria.

Uma vez na semana as crianças levam um livro para casa. Minha questão foi à seguinte:

Quando vocês levam o livro para casa, vocês leem o livro inteiro, ou vocês leem uma parte. Como funciona? *Vieira* logo respondeu que lê uma parte e no outro dia lê a outra. *Dias*

disse que gosta de ler tudo de uma única vez. Já *Miguel*, imagina uma parte daquela história que leu e faz o mesmo com as outras partes de todo o livro.

Procuramos mapear as preferências das crianças em relação ao que tem na Sala de Leitura que eles mais gostavam. Obtivemos três respostas:

Quadro VII - O que tem na Sala de Leitura que as crianças mais gostam

Preferências	Total
Livros	7
Contos	5
As imagens na parede	3

Fonte: Elaborado pela Pesquisadora (2017)

Tivemos a ocorrência da resposta “as imagens da parede” devido às paredes da Sala de Leitura possuir figuras de alguns personagens infantis. Nesse momento, *Pereira, Norberto* e *Alves* que preferem as imagens ficaram descrevendo o que viam. Essa resposta pode nos remeter ao fato de que o aspecto visual se mostra muito importante para as crianças, ou ainda que as imagens ajudam a construir os sentidos dos textos lidos, tendo em vista, que muitas crianças ainda não adquiriram o processo da escrita e se baseiam na figura. Segundo Freire (1989) essa leitura do mundo (como por exemplo, observar as paredes da sala) precede sempre a leitura da palavra. O ato de ler vem da experiência existencial. Primeiro, a criança faz a “leitura” do mundo em que se move, depois, a leitura da palavra que nem sempre, ao longo da sua escolarização, foi a leitura da “palavra mundo”. Na verdade, aquele mundo especial se dava a ele como o mundo de suas primeiras leituras. Com isso mais aumentava a capacidade de perceber as coisas, objetos, sinais, cuja compreensão ia aprendendo no seu trato com eles, na sua relação com seus irmãos mais velhos e com seus pais. (FREIRE, p.09, 1989).

Os dados relativos ao que o espaço Sala de Leitura difere dos demais espaços da escola, observamos que a resposta “tem muitos livros” foi bastante recorrente. Também obtivemos respostas que possuem muitas cores. *Freitas* relatou que ao entrar na SL sente sono porque algumas histórias são muito sonolentas e outras agitadas, então dependendo do livro, fica com

sono. *Batista* disse que por ser um lugar tranquilo, às vezes também sente a mesma coisa que seu amigo *Freitas*.

Quando questionados se o espaço SL não fosse do jeito que está, como gostariam que fosse, obtivemos as seguintes respostas:

Neves: Eu gostaria que tirasse essas estantes altas e colocassem mais baixo.

Santos: Eu queria que fosse um espaço maior e tivesse a luz do sol, poderia colocar uma janela, a gente não sabe como está o tempo lá fora. (relatos das crianças).

A Sala de Leitura está localizada em um ambiente que não possui janelas, no fundo do corredor, no subsolo da escola em um lugar fechado. As crianças não conseguem visualizar o tempo e quando está muito quente, *Lucinda* liga o ventilador para refrescar o ambiente. Alguns livros localizam-se em estantes muito altas, as crianças não possuem acesso ao acervo. Existem livros que continuam intactos devido a esse fator relatado. *Gomes*, uma criança que entrou recentemente nessa escola relata que na antiga escola tinha uma biblioteca com bastantes livros e era diferente dessa Sala de Leitura. Contou que tinha uma “moça” que ficava na sala e entregava os livros pra levar para casa e lá era bem iluminado, mas ela não lia os livros pra ninguém. Ele só lia quando chegava a casa.

Sabemos que a leitura desses livros que as crianças levam para casa ajudam a compreender o mundo. *Negreti* relatou que tem livros com palavras novas e ele acaba aprendendo sempre mais. Quando não sabe alguma, pergunta pra professora. *Galvão* disse que aprende lições de vida. *Ferreira* já avalia que a leitura ajuda a viver no mundo de hoje, porque ai fora está destruído. Peço, para finalizar as perguntas, um exemplo de que forma o livro ajuda a viver no mundo de hoje. *Ferreira* reage à questão dizendo coisas para fazer no dia a dia, como por exemplo, uma receita.

As crianças contarem sobre o livro “O Extraordinário” que *Lucinda* está lendo com eles que fala sobre uma criança deficiente e seus desafios para viver em sociedade, faço a seguinte pergunta:

Essa leitura está ajudando vocês?

Crianças: Sim

Santiago: É muito legal a diferença do mundo, mas tem algumas coisas que é muito exagerado.

Rocha: Tem algumas palavras que a professora lê e a gente não entende, aí fica imaginando o que seria.

Olho para o relógio e vejo que o horário da aula já está para terminar. Pedi as crianças para retornarem para sala de aula. Agradei a professora regente e me despedi de todos.

Os relatos permitiram ver que as crianças em sua maioria gostam de ler quando estão na SL, até por estarem em um ambiente propício a essa prática ocorre à leitura, mesmo não possuindo muito estímulo da POSL. Porém ao levarem os livros para casa, não realizam a leitura dessas obras em sua totalidade.

3.12 A professora

A participante da pesquisa é uma professora que atuava como professora Orientadora da Sala de Leitura (POSL). A proposta apresentada a ela foi a de gravar entrevista, além de perguntas sobre aspectos pessoais e profissionais, questões que procuravam identificar o lugar ocupado pela leitura no cotidiano e no fazer pedagógico. A entrevistada estava com 49 anos. A entrevista foi realizada na Sala de Leitura, no dia 27 de Julho de 2016, em um momento que a professora estava sem aula. Sentamo-nos a mesa das crianças e iniciamos as perguntas. Iniciei perguntando como foi à trajetória profissional da POSL.

Ela relatou que começou a lecionar cedo, logo que terminou o magistério, e, já no ano seguinte pegou sala como professora regente, foi no tempo que os professores saíram para o TRE, e assim pegou uma sala e nunca mais parou. Perguntei em que ano e a resposta foi 1986, ela era professora do Estado e ficou quase 16 anos lá, porém passou para Prefeitura e acabou exonerando de seu cargo no Estado de São Paulo. No início ficou sete anos de ACT que era uma professora substituta do Estado e depois se efetivou, veio para Prefeitura já efetiva e acabou abandonando o estado. Ficou de 2 à 3 anos concomitante e depois trouxe o tempo para Prefeitura. Era professora do Fundamental I no Estado, de 1º a 4º ano e ao chegar à Prefeitura continuou lecionando para o Fundamental I.

Tornou-se professora da Sala de Leitura no ano de 1999. Existia outra professora no cargo e quando ela saiu devido estar muito doente, a sala ficou sem professor e por sempre gostar muito de contar histórias, acabou se candidatando para a vaga. *Lucinda* relata que em sua

sala de aula, sempre tinha contação e empréstimos de livros todo final de semana. Ela emprestava seus livros para as crianças levarem e já tinha esse sistema, emprestava seus próprios livros para as crianças. Naquele tempo ganhava-se muitos livros das editoras, e por bimestre a professora pegava muitos livrinhos, assim tinha uma caixa no fundo no armário e emprestava pra as crianças.

Quando questionada quando tempo atua na Sala de Leitura, *Lucinda* vai até o armário olhar em um livro qual a data de ingresso. Após confirmar a data, relata que desde 2003, lá por junho, julho de 2003. Quanto à formação acadêmica, *Lucinda* cursou Faculdade de Pedagogia e realizou complementação de orientação e supervisão escolar, quando começou a se identificar com livro infantil e começou a trabalhar na sala de aula.

Julgamos ser necessário conhecer como a relação com a leitura se desenvolveu para a professora. Ela relata que em uma reunião até comentou que quando criança não tinha muito contato com a leitura, não possuía muitos livros em casa, e os poucos que tinha havia ganhado, porém a leitura não tinha importância em sua casa, o que tinha de história a avó que contava, por ser uma contadora de histórias, mas ler mesmo só começou quando entrou na faculdade e se identificou com o livro infantil.

Em relação ao critério de seleção para o cargo de Professora na Sala de Leitura, apresenta-se um projeto que passa pelo conselho de escola. Sendo aprovado, o professor designado assume a função. Questionada sobre a formação para atuar como Professora na Sala de Leitura, a POSL comprovou ter passado por uma formação até antes de assumir o cargo.

Era de uma semana, com direito a estágio de 20 horas, foi muito bom meu estágio, e ai você fica mais segura, agora quem está entrando já entra direto dando aula, essa formação, às vezes, demora porque é uma vez por ano então demora pra ter, a pessoa já está dando aula e depois vai passar pela formação, o estágio ainda existe mais também a pessoa já está dando aula e vai fazer o estágio. (relato da POSL).

Gosta de ler os livros da autora Lucinda Riller, e Nicolas Parquer. Em Relação aos gêneros desses livros, relatou que são romances, da autora Lucinda, alguns são bem grossos como “A Sete Irmãs”. Sugeriria a leitura desses autores para amigos, como já indicou várias

vezes. Ao ser perguntada se gosta de ler, respondeu rapidamente que sim, dizendo que a leitura é um divertimento.

Disse não saber se já passou daquela fase de ler para adquirir informação, agora lê por diversão, pega os livros que gosta de ler por prazer. Prefere histórias baseadas em fatos reais, porém, como já dito, também gosta de romances.

Lucinda nos relatou que é importante ler, sempre traz o livro que está lendo para a sala, procura no sebo pra ver se tem algum livro interessante, os da Sala de Leitura que interessavam, já foram todos lidos. Perguntei se lê os livros novos da sala de leitura e a professora disse que quando chega algum livro que interessa ela já lê e mostra para a turma, pois acredita na importância de mostrar que lê para se tornar exemplo. Para promover a aproximação entre leitura na escola e leitura na vida das crianças, *Lucinda* reforça a necessidade do empréstimo, e cada pessoa tem um gênero literário que se identifica mais. Disse que as crianças sabem que ela gosta de histórias reais, principalmente essas histórias baseadas no nazismo, porque a maioria das histórias reais geralmente vem dessa linhagem, então ela mostra pra eles que cada pessoa tem um gênero que se identifica, e através da leitura vai percebendo o seu gosto.

A proposta de utilização do espaço com as crianças é dividido entre contação e leitura de histórias. A ênfase maior é na leitura da história, acima da contação, porque, segundo a professora já é comprovado que você lendo o livro aumenta o vocabulário, a contação empobrece um pouquinho mais, mas de vez em quando ela conta histórias à parte e incentiva a leitura em casa através do empréstimo. Explicou o que diferencia as salas de leitura das bibliotecas:

A biblioteca não tem aula dentro da sala e a sala de leitura tem aula dentro, então as duas fazem empréstimos, mas com essa ênfase na didática. A sala de leitura tem essa didática da aula. (relato da POSL).

Uma vez por semana dentro do currículo escolar respeitando o quadro de horários, as crianças têm acesso à sala. Explicou que tem a aula propriamente dita, os empréstimos e o projeto *Adolescer*, que são os adolescentes que estudam a tarde do 7º ao 9º e as quintas-feiras de manhã fazem leitura para as crianças do 1º ao 5º ano.

As atividades preferidas pelos frequentadores da sala variam de turma. Algumas se interessam mais pela contação de histórias ou pela leitura da história, ficando bem atentos, tem outra turma que já prefere o empréstimo, e acaba não tendo tempo pra contar a história ou pra ler. *Lucinda* nos conta que as crianças se empolgam. Porém cada sala possui sua característica, mas o que mais chama atenção é a leitura de livros em especial, os contos clássicos.

O que pode ser percebido pelos frequentadores da sala é o desenvolvimento da imaginação, o aumento do vocabulário, a expressão na fala e na leitura, a melhora nas matérias em todas as disciplinas. A criança que lê bastante tem uma desenvoltura melhor, apesar de que, não é comprovado que a criança que lê bastante escreve bem. *Lucinda* relata que antigamente dizia-se que pra escrever bem tinha que ler muito, mas hoje já não é assim, e muitos bons leitores e que escrevem muito errado, mas melhoram de uma forma geral. Em relação aos documentos que regem a prática do professor na Sala de Leitura, a POSL nos diz que só conhece as portarias que regem a Sala de Leitura, outros documentos não tem conhecimento.

Todo começo de ano a gente pega a portaria, porque todo ano tem alguma mudança, vários anos ficaram iguais, mas ultimamente todos os anos está tendo mudança então todo começo de ano a gente pega a portaria nova tanto de informática como de leitura, porque muda quadro, muda as turmas, então tem mudado bastante, tem variado, então todos os anos a gente faz a leitura da portaria. (relatos da POSL).

Questionada sobre os conhecimentos que possui sobre formação de leitores, relata que existem vários documentos e cursos, e todo mês a Sala de Leitura tem um encontro, uma formação ministrada pela DRE em lugares distintos.

Em relação ao recebimento de email, *Lucinda* nos disse que tem a responsável que manda mensagens diversas e também quando é para realização de cursos e exposição de atividades de trabalhos com as crianças. *Lucinda* não se inscreveu, mas relatou que teve épocas que se inscrevia, no tempo da outra diretora ia bastante, teve época que fazia a leitura do livro com o fundamental II, e iam assistir ao filme. Os cursos eram com os diretores, e na outra gestão, a diretora sempre queria que fossem falar alguma coisa.

Já trabalhou na Sala de Leitura com o Fundamental I e II, até o 9º ano, uns dois a três anos até chegar uma POSL que assumiu essas turmas. As salas eram bem cheias no início, então a professora pegou um número maior de crianças, hoje em dia, diminuíram as salas. Esse ano

dividiu metade para a professora da manhã e a outra metade para outra professora da tarde, ficando o fundamental I no período da manhã e Fundamental II à tarde.

A escola possui uma sala de EJA a noite que também fica responsável pela professora da tarde. Quanto à questão o que falta para que haja formação de leitores nos espaços escolares *Lucinda* nos disse:

Falta envolvimento, porque muitas vezes eu chego pra pegar as crianças dá impressão de que é só uma aula, o professor da sala de aula não dá aquele valor que deveria dar pra aula de leitura, quando o professor dá valor, a gente vê claramente, é outra turma, é aquela turma que lê o livro que fala do livro, que presta atenção, que participa, faz as atividades propostas, agora quando é só uma aula a mais, não tem nota no boletim, então a gente sabe claramente os professores que dão valor e os que não dão. (relato da POSL).

Em relação à importância da Sala de Leitura na escola, *Lucinda* responde:

Hoje ela é uma disciplina como as outras matérias, então inclusive o professor não desce mais, é uma aula como as outras, apesar de SL e Informática não sair nota no boletim, mas tem todo sistema do SGP¹⁵, antes o professor descia e ficava como acréscimo de Língua Portuguesa, agora já virou uma disciplina mesmo. (relato da PSOL).

Uma vez por semana, cada turma participa das aulas no horário estipulado pela grade curricular.

Ao falar sobre o interesse dos leitores no espaço SL, *Lucinda* relatou que envolve vários fatores, envolve família, que incentive a leitura, sendo um principal ponto, o empréstimo que começa desde o primeiro ano, os responsáveis que leem para os filhos. A família é um dos pontos, o professor da sala é outro ponto. As crianças do 2º ano que ainda não são alfabetizados realizam leitura oral. *Lucinda* nos contou que chama aluno por aluno na mesa e faz a leitura só pra saber se está alfabetizado ou não, colocando um “Ok ou não alfabetizado”. As crianças do 1º ano, a maioria vai para o 2º ano sem ler, em um total de 60% não alfabetizado devido essa mudança da lei. *Lucinda* nos esclarece:

¹⁵Sistema de Gerenciamento de Notas da PMSP

É no final do 2º ano que eles estariam alfabetizados, aliás, pela legislação é no final do 3º ano que deveria estar alfabetizado, que já é tarde demais, mas do 3º ano em diante que eu já começo um pouquinho de leitura oral, mas se o aluno não quiser ler eu não forço, porque a partir do momento que a gente faz ele ler e não gosta, passa a ser algo chato e obrigatório, então tem que ser algo que ele goste, quando o aluno não quer ler e eu quero saber se ele sabe mesmo, quando ele vem pegar o livro para empréstimo eu peço para ler alguma coisa na minha mesa, capa de um livro, só pra ter noção se ele sabe ler ou não, mas eu não tenho forçado. Agora os 4º e 5º anos eu já forço um pouquinho mais, mais pela pontuação, entonação, mas também quando tem aquele aluno que fala não vou ler, eu também não forço. (relato da POSL).

Ao realizar a leitura silenciosa, *Lucinda* pede para um colega ajudar o outro, e aquele que está com dificuldade acompanha do amigo. Disse-nos que não é sempre que faz essa leitura, na maioria das vezes ela mesma faz a leitura ou coloca na televisão ou no retroprojetor a atividade. Aquela criança com mais dificuldade, passa a fazer a leitura com outro, a chamada pseudo-leitura, de algumas partes que ele conhece e as que ele não conhece fica quieto, mas no meio de tantos ele não se destaca.

Perguntada sobre a participação em cursos para formação profissional, a professora afirma já ter participado. Relatou que na verdade são convocações, se não vai tem que justificar. Disse não ter tido muito curso fora das convocações, na época da prefeita Marta Suplicy, ela ia a todas, agora de vez em quando aparece um ou outro, quando dá pra ir ela vai, porém, quando acontecem aos sábados ou à noite, não vai. Tem acontecido uns na Academia de Letras, mas são aos sábados à noite, fora do horário e por esse motivo a professora não vai. Informou que antes era fora do horário e ela ia, porém agora falta um ano para se aposentar, acabou perdendo o ritmo.

Quando questionada se houve mudanças em sua prática pedagógica a partir dos anos, ela nos conta que,

Não, vai mudando. Tudo é experiência, e outra, às vezes você prepara uma aula como se fosse o máximo e chega aqui você vê que não deu certo, e às vezes uma aula que você acha que nem é tão assim e é o máximo pro aluno, faz o maior sucesso, então você tem que se adaptar, muita coisa é por acerto e erro,

vai vendo o que não deu certo e muda no ano seguinte. Todo ano tem mudança. (relato da POSL).

Ao insistir se sua motivação foi modificando desde quando começou para agora, *Lucinda* nos revela a seguinte afirmação:

Eu não sei se a motivação muda, mesmo agora no final eu preparo as aulas com a mesma motivação, só que é aquela coisa, dependendo da turma, tem 4º ano que eu já dei muita coisa e tem outro que, por exemplo, o que vou dar a última aula hoje que estou super atrasada porque depende do ritmo da turma não rende, nem todas as séries têm o ritmo igual. Acho que a motivação minha é a mesma, agora o ritmo é diferente. Mesmo estando no final eu tenho gás todo, o pessoal ainda fala, eu chego já arranco a blusa, então a motivação continua a mesma, agora as práticas vão mudando. (relato da POSL).

Os dados coletados evidenciaram que a professora *Lucinda* mesmo relatando que as práticas na Sala de Leitura mudam, continua com motivação para lecionar e continuar seu trabalho como POSL auxiliando na aprendizagem das crianças. Além disso, a firma dar destaque à leitura nas atividades propostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo analisar qual o lugar da Sala de Leitura na formação de sujeitos leitores, como as crianças e professora da Sala de Leitura conhecem e reconhecem esse espaço e que uso faz dele.

Para tanto, foram realizadas análise de documentos que regem a SL, observação e relatos comunicativos com a professora responsável pela Sala de Leitura, e com as 19 crianças pertencentes a uma turma do 5º ano do ensino fundamental de uma escola pública do estado de São Paulo. Utilizou-se um roteiro com questões, como apresentado no apêndice desta Dissertação apenas para nortear os relatos comunicativos realizados com a professora da Sala de Leitura e as crianças. As análises realizadas no capítulo III nos permitiram enxergar os muitos desafios e obstáculos ainda a serem superados, para que a prática na Sala de Leitura seja realmente efetiva.

Os dados coletados permitiram observar que o espaço ocupado pela leitura no cotidiano da turma pesquisada não era visível devido à forma pela qual a leitura era tratada pela profissional participante desta investigação.

No decorrer deste trabalho, vislumbramos o conceito de leitura não apenas como o ato de observar as palavras escritas e decodificá-las e sim como prática social e o leitor como sujeito que assume posição ativa nesse processo de produção de sentidos diante de um texto. Conforme Mendes (2006), a leitura é um processo de construção e interação do leitor com o texto.

Porém, de acordo com o vivenciado durante o tempo da pesquisa, os dados apontaram que essa leitura não acontecia. As atividades de leitura se voltavam basicamente para compreensão do texto lido, localização de informações e realização de tarefas. Desse modo, o professor necessita pensar em seu fazer pedagógico avaliando os resultados do seu trabalho e propondo direcionamentos que possam contribuir para a formação de leitores na Sala de Leitura. Essa não é uma tarefa apenas do professor, cabe a escola se preocupar com a leitura e formação de leitores. Vale ressaltar que no PPP da escola pesquisada, não encontramos um projeto referente à SL, apenas a POSL possui um planejamento que é utilizado todos os anos, apenas mudando a data.

Para isso é necessário dar oportunidade ao leitor produzir discurso a partir dos outros e com os outros, e não apenas através de atividades de ler para entender o que leu. Levar livros para casa apenas como uma atividade de empréstimo sem um trabalho

efetivo, não resulta em formar sujeitos leitores.

Desse modo, cabe a esse professor responsável pela SL, oferecer a criança diferentes modos de leitura, que permitam estabelecer relação sobre os significados que aparecem diretamente ou não no texto, compartilhando os conhecimentos sobre o que estava escrito e seu contexto. No entanto, foi possível verificar alguns fatores positivos para a realização dessa pesquisa: postura aberta por parte da escola em aceitar a elucidação do projeto, participação efetiva das crianças envolvidas, a participação da POSL nos relatos e sua colaboração quanto a ceder seu tempo e materiais existentes na SL para análise da pesquisadora.

Todavia, foram observados alguns aspectos negativos no que tange a Sala de Leitura como a falta de exemplares e dificuldade em conseguir mais livros para o acervo, a má conservação dos livros e a pouca divulgação de informações nos registros da escola referente à Sala de Leitura.

Observou-se igualmente a postura da docente frente à Sala de Leitura e as crianças. Devido estar finalizando seu processo de aposentadoria, a mesma demonstrou falta de motivação com excessivas faltas e licenças médicas, embora relatou que continua com o mesmo “pique” de sempre. Notou-se que muitas vezes o papel da POSL resume-se apenas a ler histórias trazidas de casa ou da própria SL e realizar atividades utilizando as revistas existentes na sala, gerando assim a perda de autonomia do professor em relação ao processo de ensino e aprendizagem da leitura, no interior da Sala de Leitura.

Como próprio Freire diz, o ato de ensinar não é transferir conhecimento, e sim criar possibilidades para a sua produção ou a sua construção.

Em comparação com os primeiros dados analisados e a partir dos estudos realizados e discutidos por autores com os quais se dialogou nessa pesquisa asseguramos que a escola, por meio de um processo de formação leitora, pode ensinar às crianças formas de ler os significados e os horizontes culturais existentes nas obras, ou seja, ensinar o leitor a dialogar, a raciocinar e ler sobre o mundo e a cultura na qual o sujeito está inserido. Proporcionar momentos na Sala de Leitura mais dinâmicos, mais dialógicos na qual possam interagir, ter voz e assim sentir prazer em estar naquele ambiente. Procurando inserir os participantes como sujeitos não passivos perpassados por traços sócio- históricos, biológicos e culturais, enfim, condenados a significar.(GERALDI,2010).

Considerando o objetivo desta pesquisa e a concepção de leitura na qual nos apoiamos, ou seja, um processo de produção de sentidos e não simples reconhecimento

de sentidos (GERALDI, 1997), podemos afirmar que durante o tempo da pesquisa as práticas observadas não contribuíam para a formação de leitores devido a leitura não ser trabalhada de forma ativa e responsiva nas aulas afastando nas crianças a possibilidade de perceber a leitura como atividade prazerosa e dialógica. Associar a leitura à realização de tarefas, muitas vezes, cansativas e tediosas, não pode ser o foco do trabalho realizado na SL. A leitura é muito mais que ler livros, deve transformar os sujeitos. Na realização dos relatos comunicativos, algumas crianças relataram a leitura que fizeram do espaço através dos desenhos expostos nas paredes, das disposições das mesas, organização da sala, enfim, como cita Freire (1989) o ato de ler se dá de sua experiência existencial, primeiro a leitura do mundo que se move na sua atividade perspectiva e após a leitura da palavra mundo de suas primeiras leituras ao longo de sua escolarização.

Esta pesquisa não se esgota aqui, uma vez que a temática merece mais estudos no que se refere ao uso da Sala de Leitura na formação de sujeitos leitores, para que seja possível vislumbrar uma escola na qual educadores e educandos compartilhem conhecimentos e experiências.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977 e 2006.

BARRUECO, Sônia Maria Ferreira <http://www.amambainoticias.com.br/geral/artigos/leitura-em-voz-alta-ou-em-silencio> acesso: 10/09/2016. prolivro.org.br/home/index.php/.../3900-pesquisa-retratos-da-leitura-no-brasil acesso em julho de 2016 <http://prolivro.org.br/home/confirme> acesso em julho de 2016.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. - **Características da investigação qualitativa**. In: Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto, Porto Editora, 1994. p.47- 51

BOURDIEU, Pierre; BRESSON, François e CHARTIER, Roger (orgs.) **Práticas da leitura**. Tradutor: Cristiane Nascimento. 2ª edição. São Paulo: Estação Liberdade, pp. 107-116.

CAVALLO G.; CHARTIER, R. (Org.). **História da leitura no mundo ocidental**. Tradução de Cláudia Cavalcanti, Fulvia Moretto, Guacira Machado e José Antônio Soares. São Paulo: Ática, 1999. V. 2

CORRÊA, Luciana B. Vial. **Infância, escola e literatura infantil em Cecília Meireles**. Dissertação de Mestrado. PUC-Rio/Departamento de Educação, maio de 2001.

DAY, C. **Desenvolvimento Profissional de Professores**. Portugal. Porto Editora, 2001.

ESTADO DE SÃO PAULO. Resolução SE – 15, de 18-2-2009. Diário Oficial do Estado de São Paulo, Poder Executivo, São Paulo, SP, 19 fev. 2009. Seção I, p. 39.

ESTADO DE SÃO PAULO. Resolução SE – 70, de 21-10-2011. Diário Oficial do Estado de São Paulo, Poder Executivo, Volume 121. Número 201, São Paulo, SP, 22 de outubro de 2011. Seção I, p. 16.

Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 10 fev. 2017.

FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil**3. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

_____ **Ler é dever, livro é prazer?** In: FAILLA, Z. (Org.). Retratos da leitura no Brasil 3. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Aurélio Júnior**: dicionário escolar da língua portuguesa. Curitiba: Positivo, 2011.

FLECHA, R. **Metodologia comunicativa crítica**. Barcelona: El Roure, 2006.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ **A importância do ato de ler**. – São Paulo: Autores Associados: Cortez, (Coleção polêmicas do nosso tempo, 1989.

_____ **A Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1995.

FIRMINO, Estevão Marcos Armada. 2015. **Sala de leitura na rede municipal de São Paulo**: reflexões sobre eventos e práticas de letramento com uma turma de 4º ano. Dissertação. Universidade Federal de São Paulo

GARCIA, Bianco. Zalmora. Tese (Doutorado em Educação). **Escola pública, ação dialógica e ação comunicativa**: a radicalidade democrática em Paulo Freire e Jurgen Habermas. 202.f. Universidade de São Paulo - São Paulo. 2005.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. **Ancoragens: estudos bakhtinianos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2010.

GOMES, I. V. Retrospectiva – **O acesso ao livro e à leitura pelos jovens no Brasil**. In:

GÓMEZ P. A. I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 200.

GOULEMOT, Jean Marie. 2001. **Da leitura como produção de sentidos**. In:

HABERMAS, Jürgen. **Teoria do Agir Comunicativo 1: racionalidade da ação e racionalidade social**. São Paulo. Martins Fontes, 2012.

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. Ed. 1. São Paulo: Ática, 1993.

LEITE, Ana Carolina dos Santos Martins. 2009. **O lugar da Sala de Leitura na Rede Municipal de Ensino de São Paulo**. Dissertação de Mestrado - PUC-SP.

LERNER, Delia. **Ler e escrever na escola. O real, o possível e o necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e Gestão da Escola. Teoria e Prática**. 5. ed. Revista e Ampliada. Goiânia: Ed. MF Livros, 2008.

_____. **Educação Escolar: Políticas Estrutura e Organização**. São Paulo, Cortez, 2012.

_____. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1993.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. Rio de Janeiro: E.P.U. 1986.

MACEDO, Neusa Dias de; SEMEGHINI-SIQUEIRA, Idméa. Biblioteca Pública / **Biblioteca Escolar de país em desenvolvimento: diálogo entre bibliotecária e professora para reconstrução de significados com base no Manifesto da UNESCO.** São Paulo: CRB-8, 2000. (Prefácio de Alfredo Bosi)

MANGUEL, A. **Uma história da leitura.** Tradução Pedro Maia Soares, São Paulo: Companhia das letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura** 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

MENDES, Mônica Fátima Valenzi. 2006. **Sala de Leitura nas escolas da Rede Municipal de Ensino de São Paulo: uma inovação que resiste às discontinuidades políticas.** Tese (Doutorado em Educação) – PUC-SP.

PETIT, M. **A arte de ler: ou como resistir à adversidade.** São Paulo: 34, 2010.

POLIDO, Nágila Euclides da Silva. 2012. **Salas de Leitura da Rede Municipal de ensino do estado de São Paulo: caminhos possíveis para redimensionar seu funcionamento.** . Tese (Doutorado em Educação) 212f. Universidade de São Paulo, São Paulo.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Leitura ao pé da letra: caderno orientador para ambientes de leitura / Secretaria Municipal de Educação.** – São Paulo: SME / DOT, 2012. 112p.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **O estudo de caso etnográfico em educação.** In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília Pinto de Carvalho; VILELA, Rita Amélia (Org.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SILVA, Luiz Adão da. 2009. **Formação de leitores [manuscrito]: a leitura na sala de leitura das escolas da Rede Municipal de Goiânia.** Dissertação (Mestrado) 201 f. Universidade Federal Goiás, Faculdade de Letras.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **O ato de ler.** Fundamentos Psicológicos para uma Nova

Pedagogia da Leitura. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

_____ **Unidades de Leitura.** Campinas: Autores Associados, 2003 a e b.

SOARES, Magda Becker. Comunicação e expressão: o ensino da leitura. In: ABREU, Márcia. (Org.). **Leitura no Brasil:** antologia comemorativa pelo 10.º COLE. Campinas – SP: Mercado Aberto, 1995.

SOARES, Magda. Ler, verbo transitivo. In: PAIVA, Aparecida; MARTINS, Aracy; PAULINO, Graça; VERSIANI, Zélia (Org.): **Leituras literárias:** discursos transitivos. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**, 6ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VEIGA, I. P. A. **Escola:** espaço do projeto político pedagógico. Campinas: Papyrus, 2003a.

VIEIRA, Ana Paula Leite. 2013. **Cecília Meireles e a educação da infância pelo folclore.** Dissertação (Mestrado) 182 f. Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Fim dos livros, fim dos leitores?** 20. ed. São Paulo: XXX/SP:SENAC, 2001.

APÊNDICES

Apêndice 1- Roteiro de entrevista com a POSL

1. Relate como foi sua trajetória profissional?
2. Como você se tornou professor da Sala de Leitura?
3. Há quanto tempo você atua na sala de leitura?
4. Qual a importância da Sala de Leitura na escola?
5. Você leva as crianças à Sala de Leitura com que regularidade?
6. Como você estabeleceu relação com a leitura?
7. Como você propõe a utilização desse espaço?
8. Qual o critério de seleção para o cargo de Professor na Sala de Leitura? Você acha necessária a formação para atuar como Professor na Sala de Leitura? Por quê?
9. Cite pelo menos dois livros da sua área que você leu recentemente.
10. Cite um livro que você sugeriria a um colega para ler.
11. Você gosta de ler? O que é leitura para você?
12. Que tipo de leitura você prefere?
13. O que diferencia as salas de leitura das bibliotecas?
14. Qual a forma de acesso dos leitores à sala?
15. Quais as atividades que você costuma realizar nesse espaço?
16. Destas, quais as preferidas pelos frequentadores da sala? Justifique.
17. Quais os livros lidos com mais frequência pelas crianças?

() contos () poesias () técnicos () informativos () literatura infantil
 () romance () ficção científica () crônicas outros_____
18. Em sua opinião, qual a importância da leitura para os frequentadores dessa sala?
19. Você conhece os documentos que regem a prática do professor na Sala de Leitura?
20. Como você conheceu esses documentos?
21. Como você promove a leitura na Sala de Leitura em que você atua?

22. Como você promove a aproximação entre leitura na escola e leitura na vida?
23. Que conhecimentos você tem sobre formação de leitores?
24. O que falta em sua opinião para que haja formação de leitores nos espaços escolares?
25. A que você atribui o interesse dos leitores por esse espaço?
26. Houve mudanças em sua prática pedagógica a partir dos anos, ou sempre trabalhou dessa maneira?

Apêndice 2 - Roteiro de entrevista para as crianças**Turma: 5º ano****Nº de crianças: 19**

1. Você gosta de ler? Justifique sua resposta.

2. Na sua casa todos gostam de ler? Justifique sua resposta.

3. Quais os tipos de leitura que você prefere?

gibis jornais revistas histórias romances poesias contos outros

Justifique sua resposta: _____

4. De que forma a professora trabalha a leitura na Sala de Leitura?

5. O que você realiza na Sala de Leitura?

6. Você sente prazer em frequentar a Sala de Leitura? Justifique

7. Com que frequência você a visita?

Diariamente

Uma vez por semana

8. Você lembra qual foi o último livro que leu na Sala de Leitura?

9. O que tem na Sala de Leitura que você mais gosta? Justifique a sua resposta.

10. O que representa a leitura para você?

11. Quando você leva livros da Sala de Leitura para casa você lê?

Sim

Não

Às vezes

Apenas um pouco

12. Qual a importância da leitura para você?

13. Você considera o espaço da Sala de Leitura diferente dos demais espaços da escola?

14. Como você gostaria que fosse o espaço Sala de Leitura?

15. Que tipo de leitura você prefere?

() contos () poesias () técnicos () informativos () literatura infantil
 () romance () ficção científica () crônicas () novelas Outros: _____

Apêndice 3 - Planejamento Sala de Leitura da PSOL responsável com a turma analisada

5º ANO

- Conhecer e identificar a sala de leitura como ambiente acolhedor e adjunto ao processo de alfabetização

- Saber usar os livros em casa com atenção e cuidado

- Saber se posicionar frente à leitura feita em casa. Fazendo pequeno comentário do livro lido

ESFERA COTIDIANA

REGRAS DE JOGO, CARTA

- Relacionar as regras de jogo à situação comunicativa e ao suporte em que circula originalmente

- Estabelecer relações entre o texto escrito e as imagens quando houver da organização interna das regras de jogo: peças, objetivos e instruções

- Identificar marcadores espaciais: dentro/fora, em cima/embaixo, direita/esquerda, etc., para compreender alguns de seus usos

- Ouvir com atenção instruções que descrevam como jogar

- Estabelecer a sequência temporal das instruções

- Compreender instruções orais

- Participar de situações de intercâmbio oral

- Identificar, com auxílio do professor, possíveis elementos da organização interna das regras do jogo: peças, objetivos e instruções

- Relacionar pronomes ou expressões usadas como sinônimos a seu referente para estabelecer a coesão textual

- Relacionar sinônimos como forma de expressão paralela

- Relacionar carta situação comunicativa e ao suporte em que circula originalmente

- Identificar, com o auxílio do professor, possíveis elementos da organização interna da carta: destinatário, corpo do texto e despedida

-Reconhecer, em relação à finalidade e ao interlocutor, o nível de linguagem em uso: formal/informal

-Vários autores. Vice-Versa ao Contrário (Uma armadilha Para o conde Drácula-Heloisa Prieto)

-Uso de revista Coquetel (picolé)

ESFERA ESCOLAR

VERBETES DE CURIOSIDADES E ARTIGOS DE DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA

-Relacionar o verbete de enciclopédia infantil à situação comunicativa e ao suporte em que circula originalmente

- Estabelecer relação entre o texto e os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores

- Explicitar o assunto do texto

- Estabelecer a relação entre o título e o corpo do texto ou entre as imagens e o corpo do texto

- Inferir o sentido de palavras ou expressões a partir do contexto ou selecionar a acepção mais adequada em verbetes de dicionário ou de enciclopédia

- Reconhecer os organizadores do verbete: ordem alfabética, numérica ou temporal

-Identificar, com ajuda do professor, possíveis elementos da organização interna do verbete: título, subtítulo e corpo do texto

-Explicar o ouvir com atenção assunto pesquisado no verbete de enciclopédia infantil

- Participar de situações de intercâmbio oral, formulando perguntas ou estabelecendo conexões com o conhecimento prévio, vivências, crenças e valores

-Revista Ciência Hoje para crianças;

-Dicionários;

-Larousse infantil de animais;

-Enciclopédia do corpo humano e outras enciclopédias;

-Guia dos curiosos;

ESFERA LITERÁRIA (VERSOS)

CORDEL, CANÇÃO

- Relacionar o poema a situação comunicativa e ao suporte em que circula originalmente

- Inferir, a partir de elementos presentes no próprio texto, o uso de palavras ou expressões de sentido figurado

- Identificar, com auxílio do professor, possíveis elementos da organização interna do poema narrativo: observar segmentação do poema em versos e estrofes
- Observar o funcionamento do ritmo e da rima nos poemas para compreender alguns de seus usos
- Relacionar o tratamento dado a sonoridade (aliteração) aos efeitos de sentido que provoca
- Analisar o efeito de sentido de comparações e metáforas
- Recitar ou ler poemas
- apreciar poemas lidos ou recitados

-CANÇÃO (letra e música)

- **CD: “Madeira que cupim não rói”-Antonio Nóbrega. Faixa 3 e 5 (3: “Chegança”(letra da música conta a chegada dos portugueses ao Brasil); 5: “Olodumaré”(letra da música conta a saída dos escravos da África, viagem e chegada ao Brasil) – Ler a letra das músicas com os crianças e depois cantar (o que exige rapidez na leitura)**
- **Definição e leitura de diversas literaturas em cordel.**
- **Silva, Gonçalo Ferreira da. Naturalismo; Charles Darwin: a evolução do homem.**

ESFERA LITERÁRIA (PROSA)

FÁBULA, CONTO TRADICIONAL, LITERATURA INFANTO-JUVENIL

- Relacionar a lenda/mito à situação comunicativa e ao suporte em que circula originalmente
- Recuperar informações explícitas
- Estabelecer relação entre o título e o corpo do texto
- Identificar, com o auxílio do professor, possíveis elementos da organização interna da lenda e do mito: situação inicial, desenvolvimento da ação, situação final
- Distinguir fala de personagem do enunciado do narrador para compreender alguns de seus usos
- Ouvir com atenção as lendas e mitos de diferentes origens lidos ou contados, estabelecendo conexões com os conhecimentos prévios, vivências, crenças e valores

EMPRÉSTIMOS SEMANAIS

Realizado a cada aula com o intuito do aluno realizar a leitura de um livro em casa dando acompanhamento ao seu desenvolvimento leitor.

ANEXOS

Anexo I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os responsáveis das crianças

Termo de Consentimento para participar do projeto de pesquisa

Eu, _____, autorizo o (a) menor _____, aluno(a) do 5º ano A, da escola municipal Plínio Ayrosa, a participar do projeto de pesquisa que será realizado na Sala de Leitura, tendo por objetivo identificar as transformações das práticas de leitura a partir do desenvolvimento de novas práticas. Autorizo a professora pesquisadora Eliana de Souza Silva, aluna do programa Gestão e Práticas Educacionais, da Universidade Nove de Julho, a registrar os encontros por meio de fotografias, anotações, avaliações e entrevistas, para, posteriormente, divulgar em sua pesquisa de Mestrado.

São Paulo, fevereiro de 2016.

Pesquisadora responsável: Eliana de Souza Silva

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Rosiley Aparecida Teixeira

End: Avenida Francisco Matarazzo, 612 – tel: 3665-9312

Anexo II – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para POSLTermo de Consentimento para participar do projeto de pesquisa

Eu, _____, professora da Sala de Leitura da escola municipal Plínio Ayrosa, autorizo minha participação no projeto de pesquisa que será realizado na Sala de Leitura, tendo por objetivo identificar as transformações das práticas de leitura a partir do desenvolvimento de novas práticas.

Autorizo a professora pesquisadora Eliana de Souza Silva, aluna do programa Gestão e Práticas Educacionais, da Universidade Nove de Julho, a registrar os encontros por meio de anotações, observações e entrevistas, para, posteriormente, divulgar em sua pesquisa de Mestrado.

São Paulo, fevereiro de 2016.

Pesquisadora responsável: Eliana de Souza Silva

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Rosiley Aparecida Teixeira

End: Avenida Francisco Matarazzo, 612 – tel: 3665-9312

Anexo III – Pedido de autorização à escola pesquisada

Ao Diretor Geral

Digníssimo Senhor Diretor Antonio Berguelo dos Santos

Da Escola Municipal Ensino Fundamental Plínio Ayrosa

Pedido de Autorização

Eu, Eliana de Souza Silva, portadora do R.G 26.116.231-7, peço autorização para a instituição, para a realização de minha pesquisa intitulada: A escola e a Sala de Leitura: (in) visibilidades? , orientada pela Prof^a. Dr^a. Rosiley Aparecida Teixeira.

O intuito é identificar as transformações das práticas de leitura na Sala de Leitura.

Reconhecendo que o projeto é de grande relevância social, agradeço desde já a colaboração e atenção.

Anexo IV – Termo de Compromisso

Termo de Compromisso

Eu, Eliana de Souza Silva, RG 26.116.231-7, na função de pesquisadora do projeto intitulado: A Escola e a Sala de Leitura: (in) visibilidades? comprometendo-me a investigar na escola pesquisada as transformações das práticas de leitura na Sala de Leitura, proporcionando a formação de sujeitos leitores por meio de novas práticas na qual o discente seja ouvido e tenha seu valor.

Assumo o compromisso descrito acima e agradeço a colaboração.

Anexo V - PORTARIA Nº 2.032 DE 13 DE JULHO DE 1972

O Secretário de Educação e Cultura no uso de suas atribuições legais e considerando:

a) que as novas técnicas didáticas na escola de 1º Grau se valem intensamente das pesquisas bibliográficas;

b) que é mister preparar adequadamente os escolares para o desenvolvimento dessas pesquisas;

c) que as Bibliotecas Infantis e as Bibliotecas Ramais desta Secretaria constituem os locais ideais para o treinamento orientado dos escolares;

RESOLVE:

1) Instituir a experiência piloto de ação intercomplementar entre as escolas municipais e as bibliotecas públicas, para ter início e desenvolvimento no segundo semestre do ano em curso;

2) Fixar, como objetivo final da experiência, a aquisição pelos escolares das seguintes habilidades:

2.1. habilidade de compreensão do que se lê;

2.2. habilidade de avaliação do que foi lido;

2.3. habilidade para localizar informações;

3) Indicar, para desenvolvimento do 1º Projeto a Escola Municipal Maria Antonieta D'Alkimin Basto e a Biblioteca Infantil Anne Frank, ambas no bairro de Vila Olímpia, na Capital;

4) Designar, para a supervisão, o controle e a avaliação da experiência, a Professora Maria Emília Bueno de Aguiar Soares (coordenadora), a Professora Maria Aparecida Eiras e a Bibliotecária Maria Soares e Silva. O departamento Municipal de Ensino designará uma Orientadora Pedagógica para o acompanhamento da experiência. Publique-se e cumpra-se

Paulo Nathanael de Souza - Secretário de Educação e Cultura

Anexo VI - Legislação

Sala de Leitura

São Paulo. Município. SME. Portaria nº 2.032 (13/07/1972): Institui Experiência Piloto de Ação Intercomplementar Escola-Biblioteca.

_____ Decreto nº 10.541 (29/06/1973): Institui em Caráter Permanente o Programa Escola-Biblioteca.

_____ Decreto nº 18.576 (03/02/1983): Institui as Salas de Leitura nas EMPG e dá outras providências - Cria 300 Salas de Leitura e a Função de professor Encarregado de Sala de Leitura e o Setor de Atividades Sala de Leitura.

Portaria SME nº 5.637, de 02/12/2011 – Dispõe sobre a organização das Salas de Leitura, Espaços de Leitura e Núcleos de Leitura na RMESP

Portaria SME nº 899, de 24/01/2014 – Dispõe sobre a organização das Salas de Leitura, Espaços de Leitura e Núcleos de Leitura na rede municipal de ensino e dá outras providências.

Anexo VII- Regimento Comum

_____ Portaria nº 5.697 (29/12/1975): Regimento Comum das Escolas Municipais de São Paulo.

_____ Portaria nº 9.399 (29/12/1982): Regimento Comum das Escolas de Educação Infantil de São Paulo.

_____ Portaria nº 9.517 (30/12/1982): Regimento Comum das Escolas Municipais de São Paulo.

Anexo VIII- Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990

Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Título I**Das Disposições Preliminares**

Art. 1º Esta Lei dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente.

Art. 2º Considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até doze anos de idade incompletos, e adolescente aquela entre doze e dezoito anos de idade.

.